VANGA: CURAS MARAVILHOSAS E O FENÓMENO DA CLARIVIDÊNCIA

IRINA NIKOLAEVNA NEKRASOVA

VANGA: CURAS MARAVILHOSAS

E O FENÓMENO DA CLARIVIDÊNCIA

Irina Nikolaevna Nekrasova

(Tradução: Amadeu António)

Nota

Nem médicos nem psicólogos conseguem dar resposta às perguntas sobre como é que Vanga, uma mulher comum, adquiriu o dom fenomenal de prever o futuro e conhecer o passado, ler os pensamentos das pessoas e ver todos os recantos ocultos das suas almas, nem qual é a natureza deste dom invulgar. Possivelmente, este livro não responderá a todas as numerosas questões que possam surgir ao leitor, mas, em todo o caso, levá-lo-á a refletir sobre o desconhecido que, talvez, se esconda em si mesmo, e despertará o seu interesse por tudo o que é invulgar.

INTRODUÇÃO

Tendo vindo um dia a este mundo, o que sabemos sobre ele, sobre nós mesmos? Durante milénios, o homem procura respostas para as questões eternas: "quem sou eu?", "porque existo?", "qual é o meu propósito neste mundo?". Por vezes, não conseguimos compreender os motivos das nossas próprias ações, vagamos num mundo ilusório dos nossos ideais, desejos e princípios. Sofremos e lutamos com o mundo, com as outras pessoas, com nós mesmos. E, por vezes, apenas no declínio da vida compreendemos quantos foram os equívocos, os erros, quanto foi feito de desnecessário e supérfluo, e quanto não foi feito daquilo que era realmente importante.

Surpreendemo-nos, e por vezes até nos assustamos, ao encontrar pessoas dotadas de um dom especial, de conhecimentos especiais. Chamando às suas capacidades fenomenais,

extraordinárias ou anómalas, não alteramos a essência do fenómeno – para nós, ele constitui um milagre. Estas pessoas não são como nós. Elas percebem o mundo e a si mesmas de forma diferente. Sabem o que nós não sabemos, veem o que nós não vemos, sentem o que nós não sentimos. Para que é que elas vêm a este mundo, até nós, pessoas comuns? Nós, movendo-nos muitas vezes pela vida como gatinhos cegos, desesperados, recorremos a elas em busca de conselho, de ajuda. E elas, estes escolhidos por alguém ou por algo, não nos recusam, ajudam-nos e orientam-nos.

Exatamente assim era a conhecida vidente búlgara Evangelia Dimitrova, ou Vanga. Esta mulher invizual possuía capacidades únicas, desconhecidas pela ciência. Recebia na sua pequena casa uma multidão de visitantes que vinham de todo o mundo. As pessoas iam ter com Vanga com diferentes problemas, e ela ajudava a todos. Indicava a localização de pessoas desaparecidas, ajudava a ver-se livre de doenças, impedia as pessoas de cometerem erros fatais por seguirem caminhos injustos, falava sobre eventos vindouros em vários países. Cientistas de renome, após comunicarem com Vanga, admitiam não conhecer a natureza das suas capacidades invulgares. Ela permanece um mistério ainda hoje, vários anos após a sua morte.

Que forças desconhecidas ajudavam esta mulher simples de uma família búlgara pobre? É surpreendente, mas ela recebia informações sobre o estado de saúde da pessoa que a visitava sem sequer a ver ou tocar. Vanga sabia sem erro o que era necessário a pessoa fazer para fortalecer a saúde.

Investigadores, médicos e parapsicólogos continuarão por muito tempo a quebrar a cabeça sobre este fenómeno verdadeiramente único chamado Vanga.

Capítulo 1

CLARIVIDÊNCIA E PREVISÃO DO FUTURO:

ANÁLISE DE FACTOS OU RUPTURA ATRAVÉS DO CONTINUUM TEMPORAL?

Apesar da opinião dos céticos, Vanga continua a ser a mais famosa vidente do século XX. Mais do que isso, poucos videntes se encontram ao longo da história humana que se possam comparar a Vanga. Qual será a razão da sua unicidade?

Para responder a esta pergunta, é necessário compreender o que é a clarividência e o que representa o processo de previsão.

A **clarividência** não é apenas a previsão de catástrofes ou sucessos futuros; é a capacidade de uma pessoa obter informações sobre eventos ou coisas que são desconhecidas por outros, sem a ajuda dos sentidos. Distinguem-se a visualização à distância, a clarividência de raios-X, a clarividência médica e a psicometria.

Por visualização à distância entende-se a capacidade de uma pessoa ver o que acontece a uma grande distância dela. Tais capacidades são também chamadas de efeito de viagens astrais. Considera-se que os xamãs possuem visualização à distância. Além disso, o místico sueco Swedenborg também era capaz de visualização à distância. Esta capacidade manifestou-se nele repetidamente.

Como exemplo, pode citar-se este caso: uma vez, estando em Amesterdão numa reunião, ele entrou subitamente em transe, e até a expressão do seu rosto mudou drasticamente. Ao voltar a si, anunciou que naquele momento morrera o czar russo Paulo I, descrevendo o local e a causa da morte. Mais tarde, os jornais confirmaram que ele estava certo. Outros místicos e videntes, bem

como alguns santos cristãos, possuíam a capacidade de visualização à distância.

Chama-se clarividência de raios-X à capacidade de as pessoas verem através de objetos. Por exemplo, podem ver o que acontece na sala ao lado, olhando através de uma parede espessa como se fosse vidro, ou saber o conteúdo de uma carta antes de esta ser aberta. Assim, após a morte de Serafim de Sarov, foi encontrado um maço de cartas não abertas endereçadas a ele e, ao lado, um maço de respostas a todas essas cartas.

A clarividência médica é também chamada de diagnóstica. É a capacidade de uma pessoa estabelecer um diagnóstico, conhecer as causas da doença e prescrever um tratamento sem aplicar quaisquer métodos de diagnóstico. É assim que trabalham os sensitivos-curandeiros.

A psicometria é a capacidade de prever os pensamentos futuros de outra pessoa ou eventos que ainda estão para acontecer.

Para prever o futuro, podem usar-se os mais variados métodos. Assim, os mais populares são a astrologia (ver o futuro através da observação do destino de indivíduos e estados inteiros pelas estrelas), a cartomancia, o uso da bola de cristal, os princípios da numerologia e muito mais. Por exemplo, no passado, tentava-se prever através das entranhas de um animal sacrificado se uma expedição militar seria bem-sucedida. Até o famoso comandante Alexandre, o Grande, recorreu a este método para conhecer o seu futuro. Existem muitos outros métodos. Até uma simples superstição é, de certa forma, uma tentativa de prever um contratempo para, se possível, evitá-lo.

Hitler também se interessava por astrologia. Não tomava nenhuma decisão importante sem consultar o que as estrelas diziam sobre o assunto. No entanto, poucos sabem que, em períodos

complexos, Joseph Stalin também não negligenciava os conselhos dos astrólogos. Existe até uma lenda de que Gurdjieff, após estudar o horóscopo de Stalin, informou que este nunca conseguiria chegar ao poder. Para mudar o destino, recomendou a Stalin que alterasse a sua data de nascimento, o que ele fez.

Os métodos mais populares de previsão são a astrologia e as cartas. As mais diversas pessoas, até governantes de estados, recorrem a astrólogos para que estes calculem o seu futuro para um dia, um ano ou toda a vida. Desta forma, podem prever-se muitos eventos, mas nem todos. O destino de uma pessoa pode mudar, e o futuro não ser como o astrólogo previu, mesmo que este tenha calculado tudo com precisão. No entanto, tais previsões são feitas com base em regras estritas da posição das estrelas e de outros corpos celestes e em cálculos rigorosos.

A clarividência pode ser considerada uma das variantes da telepatia, ou seja, a captação de pensamentos e sentimentos de uma pessoa por outra sem a ajuda dos órgãos sensoriais.

Não menos popular é a cartomancia. E se os homens frequentemente acreditam na astrologia, mesmo aqueles que ocupam altos cargos, as mulheres recorrem mais frequentemente às cartas como forma de conhecer o seu destino. Para isso, vão a videntes. O ambiente nas videntes, regra geral, causa uma forte impressão e inspira confiança: uma sala escura iluminada por velas, uma grande poltrona onde se senta a vidente (na maioria das vezes é precisamente uma mulher) e um gatinho preto aos seus pés.

Ela retira as cartas (Tarot ou um baralho de cartas de jogar comum), dispõe-nas na mesa, observa-as atentamente, reflete por um instante e depois começa a prever. Embora o ambiente não seja importante e, na maioria das vezes, seja um atributo indispensável de burlões. Uma verdadeira vidente pode ler as cartas numa sala iluminada, num comboio ou num banco de jardim. Uma das

condições, mas não a principal, é que as cartas devem ser especiais, usadas apenas para a leitura da sorte. Regra geral, a vidente não compreende exatamente o que está a dizer. E para uma testemunha do ocorrido, se houver, pode parecer que tudo o que a vidente disse é um conjunto de frases sem sentido. "Espera-te um longo caminho, um rei de paus numa casa oficial, preocupações inesperadas e vazias" – algo deste género é o que ela pronuncia. No entanto, a mulher que deseja conhecer o seu futuro, regra geral, compreende perfeitamente do que se trata e, se não compreendeu imediatamente, compreenderá certamente depois, após a previsão se concretizar.

E ela concretiza-se, regra geral, na maioria dos casos, desde que, claro, a vidente não seja uma burlona. Considera-se que se deve ler as cartas apenas uma vez, e então a vidente preverá toda a vida futura. Mas alguns recorrem a videntes várias vezes por ano. Possivelmente, esta é a razão pela qual as previsões se concretizam num curto espaço de tempo: de 2 semanas a 6 meses. E, no máximo após meio ano, é necessário ir novamente para a próxima previsão.

No entanto, todos estes métodos de previsão do futuro são rejeitados pela ciência oficial. Esta admite apenas previsões baseadas na análise de diversos factos. Analisando cuidadosamente os dados disponíveis, podem assumir-se várias variantes de desenvolvimento de um determinado evento. Eis o exemplo mais simples: uma pessoa caminha pela rua. Estudando o mapa da localidade e os hábitos desta pessoa, pode supor-se com grande probabilidade que ela caminhará 2 quarteirões, depois virará à esquerda e caminhará mais 50 m, após o que entrará numa loja de artigos desportivos. Muito provavelmente este prognóstico concretizar-se-á, mas pode não se concretizar.

Quanto mais dados houver sobre a vida desta pessoa, com maior probabilidade se pode afirmar que ela vai precisamente a esta loja e não, por exemplo, à livraria ao lado.

Para prever o futuro, alguns videntes entram em transe, durante o qual podem realizar quaisquer ações inconscientes (por exemplo, caminhar). E embora a ciência presuma que as experiências que a pessoa vive durante o transe não são conservadas na memória, os videntes afirmam que é precisamente nesses instantes que veem quadros cuja interpretação os ajuda depois a prever o futuro.

Desta mesma forma, pode prever-se o futuro a curto ou longo prazo, tanto para uma pequena localidade como para uma cidade inteira, um estado ou para todo o mundo. A muitos pode surgir involuntariamente a pergunta: se prever eventos futuros é tão fácil, porque não se cria um grupo especial de cientistas dedicado às previsões, para que as pessoas saibam quando as espera uma inundação ou um sismo, ou se uma guerra começará? Este conhecimento poderia prevenir inúmeras tragédias. No entanto, a prática mostra que nem sempre é assim. Possivelmente, a razão é que as pessoas tendem a não confiar em previsões que falam de catástrofes graves.

Afinal, ao recorrer a um vidente, cada pessoa espera secretamente que lhe prevejam uma vida longa e feliz, riqueza, saúde, amor mútuo, etc. Quanto às previsões desagradáveis, deseja-se esquecê-las rapidamente, na esperança de que "a vidente simplesmente se enganou, tal coisa não pode de modo algum acontecer". E, em vez de tomarem todas as medidas para evitar o perigo possível, as pessoas continuam a viver como viviam. E então, inesperadamente, chega a desgraça: na rádio anunciam a aproximação de um tufão. A pessoa, abandonando todos os seus bens, deixa a zona de perigo, levando consigo apenas documentos e uma muda de roupa. Ao regressar, descobre que a sua casa está

destruída e recorda simultaneamente a previsão da vidente: se tivesse levado mais a sério a sua previsão "perderás todos os teus bens" e tivesse segurado a sua casa, não estaria agora na rua.

Na verdade, existe já há muito tempo uma organização dedicada ao prognóstico do desenvolvimento futuro dos eventos. Chama-se "Clube de Roma" e foi criada em 1968 pelo economista A. Peccei. Esta organização dedica-se ao estudo das consequências do rápido desenvolvimento económico. O clube inclui muitos cientistas, figuras públicas e políticas de diferentes países, mas oficialmente todo o trabalho é dirigido por um comité de 8 pessoas. Estudando as tendências do estado da economia, a situação demográfica, as reservas de recursos naturais e muitos outros fatores, os participantes do clube fizeram um prognóstico desanimador: se nada mudar, a direção seguida pelas principais potências pode levar ao esgotamento dos recursos naturais e a uma série de catástrofes ecológicas.

O processamento de uma enorme quantidade de dados variados dá aos participantes do "Clube de Roma" a possibilidade de fazerem também prognósticos políticos, que na sua maioria se concretizam. No entanto, são precisamente prognósticos. Se se concretizam, há razão para dizer que esta ou aquela situação foi prevista. Os cientistas compreendem que a mudança de um dos fatores, por vezes o mais insignificante, pode levar a que o futuro não coincida com o prognóstico. Isto não perturba de todo os cientistas; pelo contrário, é excelente que o governo ou a direção das maiores empresas tenham dado ouvidos aos prognósticos dos cientistas e tomado todas as medidas para que guerras ou catástrofes ecológicas não aconteçam.

O fenómeno da clarividência foi repetidamente investigado por cientistas de diferentes países. Na URSS, as investigações começaram a ser realizadas, provavelmente, desde o início da

década de 1920. Na altura, L. L. Vasiliev, aluno do eminente psiquiatra V. M. Bechterev, empreendeu tentativas de estudar e compreender o mecanismo da clarividência e da telepatia.

Quanto aos videntes, eles trabalham de forma diferente. A maioria deles simplesmente vê o futuro como uma imagem imaginária, ou ouve uma voz que lhes comunica o que deve acontecer no futuro, ou vê sonhos proféticos. Existem muitas formas de ver o futuro.

Alguns afirmam que a clarividência é um dom divino. Outros dizem que não é assim, que qualquer pessoa, se desejar, pode aprender a clarividência. Basta apenas expandir a consciência, abrir o terceiro olho ou aprender a sair em astral, onde se pode viajar não só no espaço, mas também no tempo, e em qualquer direção, tanto para o futuro como para o passado.

Tanto nos jornais como na Internet, podem encontrar-se muitos anúncios que falam de numerosos centros espirituais onde professores experientes ensinam a clarividência tão facilmente como os professores na escola ensinam uma língua estrangeira. No entanto, não se deve partir imediatamente para um centro desses. Pode ir ter com burlões, que também existem em grande número.

Mas, provavelmente, existem também centros verdadeiros onde realmente se ensina a clarividência. E se a isto, como se afirma nos anúncios, é tão simples de aprender, porque é que entre nós ainda existem tão poucos videntes? Porque é que as pessoas ainda não aprenderam a prever cataclismos meteorológicos, atos terroristas, assassinatos?

Possivelmente, a razão é que nem todos os videntes conseguem controlar as suas visões, ou seja, ver o futuro ou um momento específico no futuro de uma pessoa, de um grupo de pessoas ou de um estado. E não apenas ver, mas conseguir

interpretar o que viram. E isto é, frequentemente, o mais difícil, pois a informação chega muitas vezes de forma velada, esquemática ou simbólica, e compreendê-la pode ser muito difícil. Por vezes, o sentido da visão só pode ser compreendido depois de a previsão se concretizar. Como exemplo, pode recordar-se a previsão que fala de todos os papas que seriam eleitos para o trono católico.

Alguns videntes são capazes não apenas de ver tudo o que aconteceu, acontece ou alguma vez acontecerá na Terra, mas também de invocar os mortos e comunicar com eles.

A previsão foi publicada em 1596. O seu autor é desconhecido, mas acredita-se que foi escrita pelo profeta irlandês S. Malaquias, falecido em 1148. Na previsão, dão-se breves caraterísticas de cada papa. Assim, Alexandre III, eleito em 1635, no registo dos papas romanos (como se chamava a previsão) foi nomeado como "O Guarda da Montanha". E, de facto, esta locução podia ser aplicada a ele: no seu brasão havia a imagem de duas árvores e duas montanhas de três degraus, sobre as quais pendia uma estrela. Parecia ser uma simples coincidência. Mas ele foi sucedido por Clemente XIII, nomeado no registo como "A Rosa da Úmbria".

Antes da sua eleição, o papa residia de facto na Úmbria, cujo símbolo é a rosa. Clemente XIII morreu, foi sucedido por Clemente XIV, nomeado como "O Urso Veloz" e que possuía um brasão com a imagem de um urso. Esta lista pode continuar até aos nossos dias: cada papa correspondeu exatamente à sua caraterística, que foi elaborada muito antes de ele ter nascido. Conclui-se apenas acrescentando que o papa João Paulo II é caraterizado como "O Sol do Trabalho Árduo", o que realmente corresponde à atividade que ele exerceu em todo o mundo.

Parece que cada caraterística pode ser compreendida muito facilmente. No entanto, ainda não está totalmente claro o que significam as palavras "Glória às Oliveiras" – a caraterística do papa

Bento XVI, que ocupa atualmente o trono. Possivelmente, a sua decifração espera-nos num futuro próximo. Mas o mais importante é que, a seguir a ele, deve vir um papa caraterizado como "Pedro, o Romano". Ele é o último da lista. O que haverá depois de ele ocupar o trono é desconhecido. Alguns supõem que, depois dele, não será eleito mais nenhum papa. Em qualquer caso, no futuro esperam-nos, provavelmente, mudanças globais.

No entanto, regressemos à clarividência. Provavelmente, muitas pessoas, pelo menos uma vez na vida, puderam prever o futuro. Como que atravessando o tempo, veem um momento importante do seu futuro. Mas muitos não dão importância a isso, e aqueles que dão, como já foi dito acima, não conseguem compreender o que viram exatamente. Tal pode acontecer com qualquer pessoa. Como exemplo, podem citar-se dois casos: o sonho de Karamzin e o sonho de Tutchkova.

Considera-se que alguns escritores de ficção científica possuem um dom oculto de clarividência. Aconteceu frequentemente que o que descreveram nos seus romances se concretizou passados alguns anos ou décadas. Como o exemplo mais flagrante, pode citar-se o romance "Futilidade" do escritor Morgan Robertson, no qual descreveu com minúcia de detalhes o naufrágio do navio "Titanic". O romance foi publicado em 1898, 14 anos antes da tragédia.

O ano de 1802 foi muito difícil para Karamzin: a sua amada esposa adoeceu gravemente. Ele sentava-se à cabeceira dela e, quando ela adormecia, corria para a secretária para realizar um trabalho urgente para a revista onde servia na altura. Não aguentando a tensão, ele cabeceou e sonhou que estava junto a uma sepultura recém-aberta, do outro lado da qual se encontrava uma rapariga que lhe estendia a mão através da cova. O sonho concretizou-se: a sua esposa morreu – e Karamzin chorou-a por

muito tempo. Mas, passados 2 anos, ele casou-se precisamente com a rapariga que lhe tinha aparecido no sonho profético.

Um sonho igualmente profético ocorreu a Maria Tutchkova, esposa de um general. Ela sonhou que estava num quarto de uma estalagem desconhecida e subitamente o seu pai entrava e dizia: o teu marido será morto em Borodino. O sonho repetiu-se 3 vezes com minúcia de detalhes. A mulher, perturbada, acordou o marido e contou-lhe tudo. Mas ele acalmou-a, declarando que tal localidade não existia. No entanto, Maria não acreditou e continuava a dizer: "Vão matar-te em Borodino!". Então, juntos, pegaram num mapa e investigaram-no atentamente: nem na Rússia, nem no território da Europa encontraram de facto nada parecido. No entanto, o sonho concretizou-se: o general foi morto na batalha de Borodino, uma pequena aldeia, nem sequer indicada nos mapas. Maria foi informada disso pelo pai, exatamente como tinha visto no sonho.

Em meados do século XX, tentou-se recrutar videntes capazes de "ver à distância" para trabalhar na espionagem. Tais experiências foram realizadas nos EUA, na URSS e noutros países. Nos jornais, chamavam a isto "corrida aos armamentos psíquicos", mas existem poucas informações sobre como decorreram as experiências e sobre os resultados.

Assim, por vezes, quadros do futuro surgem inesperadamente para aqueles que os veem. E apenas videntes experientes conseguem compreender facilmente o que veem. Mais ainda, cria-se a impressão de que o futuro desta ou daquela pessoa é para eles um livro aberto. Eles preveem os destinos das pessoas sem sequer refletir. Assim, a famosa vidente Maria Anna Lenormand recebeu oficiais russos que foram saber o seu futuro. Mal olhou para um deles, a mulher pronunciou: "Será enforcado!". Tratava-se do jovem oficial S. I. Muraviev-Apostol. Ao ouvir tão terrível previsão, ele começou a discutir com ela. Estava convencido de que tal morte era

impossível, pois na Rússia a pena de morte para os representantes da nobreza tinha sido abolida, e ele era nobre. No entanto, a previsão, infelizmente, concretizou-se com exatidão passados 12 anos: ele e mais quatro participantes da revolta de 1825 foram realmente enforcados.

Provavelmente, não existe uma única pessoa que não gostasse de conhecer o futuro. No entanto, algumas pessoas que descobriram em si capacidades de clarividência, pelo contrário, não se alegram com o seu dom e procuram formas de se livrar dele. Conhecer sempre o futuro, o seu e o dos seus entes queridos, especialmente se este for infeliz, é bastante penoso.

Alguns videntes são capazes de ver com uma clareza surpreendente o futuro tanto de um indivíduo como de toda a humanidade. Mas eles são, infelizmente ou por sorte, muito poucos. Por vezes, um tal vidente nasce uma vez por século, outras vezes ainda mais raramente, e noutras ocasiões, pelo contrário, estas pessoas tornam-se muito numerosas. Alguns recebem o dom inesperadamente, já em idade adulta; outros conseguem prever com facilidade os mais variados eventos desde o momento em que começam a falar.

Alguns são capazes de prever com bastante precisão o início de ações militares, outros vaticinam corretamente cataclismos naturais em metade dos casos, e outros ainda veem o futuro de qualquer pessoa. Alguns são capazes de prever o futuro dos seus entes próximos. Existem também aqueles que conseguem antever o seu próprio futuro: por vezes eventos-chave, e por vezes o que lhes acontecerá dali a meia hora.

Acontece também que o dom da clarividência desaparece tão inesperadamente como surgiu. Saberão os próprios videntes disso antes que aconteça? É difícil dar resposta a esta pergunta, mas sabe-se que muitos videntes previram a sua própria morte e até a

descreveram detalhadamente. Mas nada podiam (ou queriam) mudar no seu destino.

Muitos tentaram explicar o processo de clarividência, avançando várias teorias. No entanto, até agora ninguém conseguiu compreender totalmente o fenómeno da clarividência, pelo que todas as teorias, mesmo as que parecem muito credíveis, permanecem por confirmar.

Capítulo 2

UMA TRADIÇÃO ANTIGA DE AJUDA ÀS PESSOAS.

XAMÃS E CURANDEIROS

Não possuo em mim nada de invulgar. Se começarem a considerar isto como algo fora do comum, Deslizarão para a morada de demónios cheios de alegria E serão envolvidos em todos os tipos de visões falsas. *Chia Shan, eminente mestre do Budismo Zen*

Desde os tempos mais remotos, em todos os cantos do mundo, eles foram chamados de nomes diferentes, mas cumpriam a mesma missão. Xamãs, feiticeiros, curandeiros, sacerdotes — em todas as épocas trataram não só as doenças físicas, mas também as doenças da alma das pessoas. As suas funções na sociedade não se limitavam apenas à cura. Os xamãs tinham de resolver todo o tipo de problemas que surgiam na tribo. O curandeiro devia desempenhar simultaneamente os deveres de médico, meteorologista, agrónomo, psicólogo, político, consultor familiar, entre outros.

Para o homem civilizado moderno, não é fácil compreender os princípios da prática à qual recorriam e recorrem constantemente feiticeiros e xamãs. No entanto, por vezes, até pessoas que toda a vida não acreditaram no misticismo e noutros milagres, ao desesperarem (por exemplo, perante uma doença grave), procuram

a ajuda de médicos que praticam métodos de medicina não tradicional — na essência, os mesmos curandeiros e magos.

A maioria dos cientistas e médicos não consegue explicar cientificamente muitos dos métodos de tratamento aplicados por xamãs, feiticeiros, etc. E, de facto, muitas doenças com as quais a medicina moderna não consegue lidar são tratadas com sucesso por curandeiros "atrasados". Por exemplo, os xamãs indígenas, ou *brujos*, como lhes chamam os seus companheiros de tribo, sabem curar uma doença tão terrível como a lepra, enquanto os médicos apenas conseguem interromper o seu desenvolvimento. E na Índia, os sacerdotes hindus curam doenças mentais graves.

Muitos pacientes são trazidos por familiares nos casos em que a medicina moderna já nada pode fazer por eles. A cura ocorre de forma invulgar, por vezes demora um tempo considerável (até 2 anos), mas o principal é que as pessoas, após essa terapia não tradicional, regressam a uma vida normal e a doença abandona-as.

Em muitos recantos do globo, os xamãs e curandeiros continuam a ser os únicos médicos para os seus companheiros. É a eles que a população local recorre em primeiro lugar, acreditando tradicionalmente nos seus remédios milagrosos. Os trabalhadores da Cruz Vermelha gastaram muito esforço e tempo para convencer os habitantes das selvas africanas e amazónicas, bem como das ilhas da Oceânia, Polinésia e Austrália, a aceitar a ajuda dos "curandeiros brancos", ou seja, os médicos. Mas deve notar-se que, por vezes, a "superstição" prevalece, e o habitante local morre de uma doença desconhecida, absolutamente convencido de que foi alvo de um feitiço. E aqui a medicina moderna é impotente, pois o paciente acredita na força da magia.

Assim, por exemplo, os aborígenes australianos, através de ritos mágicos, exercem a justiça sobre um membro da tribo que tenha cometido um crime. O feiticeiro realiza um ritual especial sobre o

criminoso, e a força da sua sugestão é tal que o condenado morre exatamente no prazo determinado pelo xamã.

Os europeus tentaram, de várias formas, salvar tais pessoas condenadas à morte pelos seus companheiros, mas não obtiveram sucesso. A morte vinha buscá-las na hora marcada pelo feiticeiro. A pessoa simplesmente deixava de comer, beber, dormir; sentava-se indiferente a tudo e não reagia a nada. Depois começava a agonia e morria. Surpreendentemente, nem o mais forte sonífero injetado num destes condenados mudou a situação. O fármaco simplesmente não fez efeito no paciente e em nada influenciou o seu estado. O homem morreu no prazo determinado pelo feiticeiro.

No entanto, não se deve considerar tal "execução" através de influência mágica como uma crueldade. Afinal, nós, representantes da sociedade civilizada, tratamos por vezes os nossos criminosos de forma muito mais cruel, enquanto o xamã nem sequer toca no culpado. Como consideram os antropólogos, a pessoa morre porque reconhece a sua culpa e sabe que merece castigo. Sim, o xamã programa realmente o criminoso para a morte com os seus métodos mágicos, mas este último ajuda-o nisso, uma vez que está convencido de que deve partir da vida.

Com tais métodos, os xamãs e feiticeiros não só mantêm a sua própria autoridade, como cuidam do bem-estar dos seus companheiros. Pois um criminoso que sente impunidade é um perigo para toda a comunidade local. Embora, claro, também se encontrem entre os xamãs pessoas que utilizam o seu poder exclusivamente para benefício próprio. Tais indivíduos existem tanto na sociedade primitiva como na civilizada, uma vez que a natureza humana é, na sua essência, a mesma.

Harry Wright, no seu livro "Testemunha da Feitiçaria", conta um caso surpreendente que presenciou. Viajando pelo Congo, encontrou-se numa aldeia onde assistiu ao conselho da tribo. A

razão era grave — fora cometido um crime. Um dos jovens tinha violado uma menina de oito anos, mas ninguém confessava o ato. Então, uma feiticeira encarregou-se do caso. Com a ajuda de métodos mágicos, encontrou rapidamente o criminoso. O jovem percebeu que o seu destino estava traçado. A sentença foi severa — morte. A feiticeira realizou sobre ele um breve ritual e anunciou a toda a tribo que ele morreria em 3 dias. E assim aconteceu.

Mas, mais frequentemente, os curandeiros têm de salvar vidas, e não retirá-las. Existem muitos testemunhos de que xamãs e feiticeiros trouxeram pessoas literalmente do mundo dos mortos. E tais casos ocorreram também com europeus. Assim, o investigador da vida dos povos primitivos, Patrick Putnam, encontrou-se à beira da morte após um encontro com um elefante selvagem que o feriu gravemente. Os pigmeus encontraram-no na selva e levaram-no para a aldeia. O feiticeiro local lutou pela sua vida durante um mês. Findo esse prazo, o viajante foi capaz de continuar o seu caminho. Quando foi submetido a um exame médico numa clínica americana, os médicos ficaram atónitos por ele ter sobrevivido a tais ferimentos e nem sequer ter ficado inválido.

Os monges tibetanos ainda hoje preservam cuidadosamente conhecimentos antigos, incluindo métodos de diagnóstico e tratamento de doenças. Assim, por exemplo, um lama curandeiro consegue, através da íris do olho, determinar de que sofre ou de que pode vir a sofrer um paciente.

Um caso análogo ocorreu em 1971 com o geólogo soviético K. V. Pushnov durante uma das suas expedições. Na altura, o tempo piorou, uma chuva torrencial caiu durante quase 3 dias e pequenos rios transbordaram. Durante a noite, a margem onde a expedição se encontrava desabou, e a tenda do geólogo e ele próprio foram arrastados pela corrente impetuosa.

Durante várias horas, Pushnov foi levado e arremessado contra as pedras por um fluxo de água gelada e selvagem. Mas o pior estava para vir. Quase ao amanhecer, caiu sobre ele uma árvore enorme e velha, derrubada pelo vento e pela água enfurecida. O geólogo sofreu um traumatismo craniano gravíssimo, além de fraturas nas costelas, clavícula e numa perna em dois sítios.

Acordou num pequeno povoado dos Khanty. Como foi ali parar, não se lembrava, pois esteve sempre inconsciente. O xamã tratou o geólogo ferido durante 3 meses, e os seus esforços foram coroados de sucesso.

Posteriormente, o curandeiro disse-lhe: "O teu espírito já te tinha abandonado quando comecei o tratamento. Tive de o chamar de volta ao teu corpo, e ele acabou por regressar".

Os caçadores que encontraram o ferido confirmaram mais tarde que a vida o tinha realmente abandonado quando se aproximavam da aldeia. Mas decidiram, ainda assim, levar o corpo ao xamã, acreditando nos seus poderes invulgares. Surpreendentemente, este conseguiu trazer o geólogo de volta à vida e, mais do que isso, curou todas as feridas e fraturas no seu corpo.

Durante todo esse tempo, Pushnov foi procurado na taiga pelos seus companheiros. Eles já não esperavam encontrá-lo vivo e ficaram muito surpreendidos e alegres quando o viram não só vivo, mas saudável. E, novamente, os médicos ficaram admirados quando examinaram o geólogo regressado no hospital. Um dos médicos, ao analisar as radiografias do crânio de Pushnov, confessou: "Se não o visse com os meus próprios olhos à minha frente, nunca acreditaria que após tal traumatismo se pudesse sobreviver e até permanecer normal. Este xamã realizou um verdadeiro milagre!"

No entanto, o admirável encontra-se por vezes ao nosso lado e, para nos certificarmos disso, não é necessário embrenharmo-nos na

selva africana ou na taiga. Também na Rússia, e não apenas em pequenas aldeias remotas mas também nas grandes cidades, vivem pessoas capazes de tratar doenças com métodos de medicina não tradicional. Com certeza, o leitor já terá ouvido falar de burlões e charlatães que lucram à custa de pacientes crédulos. Sim, tais pessoas existiram em todos os tempos e existem agora, mas a par delas existem outras — aquelas que ajudam os que sofrem e o fazem de forma desinteressada. Eles compreendem que o dom que lhes foi dado por Deus não é uma conquista pessoal e que são chamados a dar aos outros conhecimento e força.

Entre os Buriates, o xamã chama-se **bo**; entre os Nenetos, **tadibey**; entre os povos de língua turca da Sibéria, **kam** (é daqui que provém a palavra "kamlat" — realizar o ritual xamânico); entre os Yukaghir, **alma**; entre os Iacutos, **oyuun**.

Não raramente, tais pessoas dotadas afastaram-se deste mandamento — uns devido às circunstâncias da vida, outros cedendo à fraqueza, e outros por motivo de proveito e ganância. O desfecho, regra geral, acabava por ser o mesmo — o dom desaparecia para sempre. E então, o outrora dotado via-se forçado a passar para a categoria de burlão "verdadeiro" ou, ficando sem nada que fazer, a tentar compreender as verdades da existência. Como disse o sábio Nietzsche: "Não deveis querer nada acima das vossas forças: uma falsidade maligna é própria daqueles que querem acima das suas forças. Especialmente quando querem coisas grandiosas! Pois eles despertam desconfiança em relação às coisas grandiosas...".

A história conhece muitas pessoas invulgares e dotadas de capacidades especiais. Todas as suas biografias são semelhantes num ponto: receberam as suas capacidades fora do comum graças à intervenção nas suas vidas de algo que ainda não se presta a explicação.

As suas vidas foram difíceis, cheias de provações e adversidades, mas, conhecendo a sua vocação, não recuaram nem se desviaram do seu caminho. E frequentemente todos tiveram de enfrentar a descrença.

Sim, por vezes a ignorância das pessoas não tem limites, e é especialmente triste observar a ignorância espiritual. Se não conseguimos pegar em algo, tocar-lhe, desmontá-lo em peças ou, pelo menos, observá-lo num microscópio, é mais fácil para nós definir esse algo como inexistente na natureza. Magia, alquimia, astrologia — todas estas ciências existiram durante milénios. Então, por que razão as consideramos agora ciências falsas? Como podem ser mentira conhecimentos que foram acumulados grão a grão durante muitos e muitos séculos? Conhecimentos que foram transmitidos de geração em geração, apurados e aperfeiçoados por pessoas iniciadas?

Os sacerdotes do Antigo Egito e da Índia conheciam perfeitamente, há milénios, o mapa do céu estrelado e os movimentos dos astros. Sabiam até a distância exata da Terra a outros planetas do sistema solar e ao próprio Sol. Tinham uma ideia do átomo e até de partículas mais pequenas que compõem a matéria. Os sacerdotes maias e incas possuíam os mesmos conhecimentos. Na verdade, os sacerdotes interessavam-se não apenas pelo cosmos; os seus conhecimentos eram bastante vastos. Assim, os sacerdotes maias compuseram, há muitos séculos, um calendário que superava em precisão o europeu.

Previam o tempo e os cataclismos naturais. Voltando aos fenómenos cósmicos, pode dizer-se que os antigos sacerdotes estavam perfeitamente informados sobre as causas de fenómenos como os eclipses solares e lunares. Assim, os sacerdotes egípcios utilizaram com sucesso estes fenómenos cósmicos para os seus fins,

transformando a ignorância dos cidadãos comuns em proveito próprio.

Aliás, eram precisamente os sacerdotes que, na antiguidade, desempenhavam também os deveres de curandeiros. Surpreendentemente, no México, foram encontrados por arqueólogos crânios de pessoas com próteses dentárias. Parece que o papel de dentistas era também desempenhado pelos ministros do culto.

Aos antigos curandeiros era conhecida também uma operação tão complexa como a trepanação do crânio. Sabiam até "remendar" as cabeças perfuradas dos seus pacientes. Cientistas encontraram crânios com placas de ouro que, ao que parece, foram colocadas nas pessoas ainda durante a sua vida.

No Egito, foi descoberta a múmia de uma mulher com uma prótese do polegar do pé. Além disso, a prótese fora fabricada de forma bastante engenhosa, com conhecimento das caraterísticas anatómicas dos ossos da extremidade. Como tal operação era realizada na antiguidade permanece um mistério, mas a prótese estava fixada diretamente aos ossos do pé, ou seja, não era removível.

Os sacerdotes da Índia e da China conseguiam determinar antecipadamente o sexo de um futuro bebé, e num estágio bastante precoce da gravidez. Possuíam vastos conhecimentos no campo das propriedades curativas de plantas e minerais, e utilizavam venenos para fins terapêuticos. Muito da medicina tradicional chinesa só agora começou a ser adotado pelos médicos europeus, como por exemplo a acupuntura e a reflexologia — metodologias conhecidas já há milhares de anos.

Fragmentos desses valiosos conhecimentos que as civilizações passadas possuíam preservaram-se até hoje. Em diferentes países do

mundo, os seus portadores são pessoas especiais. Na maioria dos casos, as competências valiosas são transmitidas de geração em geração.

Por vezes, as pessoas iniciadas nos conhecimentos antigos escolhem para si aprendizes. Tal prática existe, por exemplo, entre os xamãs africanos e americanos, e os feiticeiros da Oceânia e Polinésia. Como já foi dito acima, a profissão de curandeiro ou xamã não é fácil. No processo de aprendizagem, ele enfrentará provações duras e, por vezes, cruéis.

O aprendiz de xamã, durante o longo tempo de formação, aperfeiçoa o seu espírito, a sua vontade e as suas forças anímicas. Passa por provações de fome e sede, e aprende a passar longos períodos sem dormir.

Assim, por exemplo, uma seleção bastante rigorosa é realizada para o papel de aprendiz de ngombo (curandeiro) no Congo. Primeiro, os rapazes são testados numa cabana com fumo venenoso. Quase sufocados, são periodicamente retirados da cabana, mas mal recuperam os sentidos, são forçados a entrar nela novamente. Isto continua durante 2 horas. Segue-se a provação das formigas. Deve dizer-se que as formigas africanas são insetos bastante agressivos e vorazes, e as suas picadas são extremamente dolorosas.

Sobre as cabeças dos futuros aprendizes são colocados enormes pedaços de formigueiro juntamente com as formigas, enquanto os rapazes devem segurar pedras pesadas nas mãos. Desta forma, as suas mãos estão ocupadas e eles não podem afastar os insetos. E apenas após um tempo determinado é permitido ao candidato a ngombo, terrivelmente picado, lavar-se no rio para retirar as formigas ferozes.

Na verdade, mesmo depois de o aprendiz se tornar um curandeiro de pleno direito, a sua vida não se tornará mais fácil ou

tranquila. Toda a existência do xamã é cheia de tensão e risco, desconhecidos para os outros companheiros. Pois praticamente todos os dias ele tem de confirmar a sua "qualificação" aos olhos dos seus semelhantes. Se não chove durante muito tempo, a tribo exige que o feiticeiro faça algo para mudar a situação. Se subitamente as crianças começam a adoecer uma a uma na aldeia, a responsabilidade de travar a epidemia também recai sobre o xamã. É ele quem escolhe também o dia mais favorável para o início de ações militares ou trabalhos de sementeira.

Na ilha de Java, os dukun (xamãs) desempenham um papel enorme na vida social. Os habitantes locais consultam o conselho do dukun para qualquer evento importante nas suas vidas. Uma rapariga nunca se casará se não obtiver a aprovação do curandeiro para o matrimónio, pois acredita que, se as forças superiores não aprovam essa união, a jovem família não poderá viver feliz. A maioria dos dukun são também videntes e conseguem prever o futuro.

Ele tem de ser dentista, cirurgião, dermatologista, clínico geral e psicólogo. Nem sempre a prática dos xamãs é bem-sucedida; assim, por exemplo, os curandeiros americanos, ao depararem-se com doenças novas e desconhecidas que surgiram entre a população local após a conquista da América pelos europeus, foram impotentes para ajudar os seus semelhantes.

Atribuíam as doenças desconhecidas à magia dos "homens brancos". E isso não é de estranhar, pois também os médicos civilizados, ao depararem-se com uma nova patologia, encontram-se em dificuldades até acumularem experiência suficiente.

Existem xamãs também no território do nosso país. Eles preservaram-se até aos dias de hoje, apesar da luta intensa do poder soviético contra a "superstição sombria". Os xamãs das tribos que vivem no território da Rússia, tal como os seus colegas africanos e

americanos, não eram apenas ministros do culto. Eram curandeiros, vaticinadores, videntes, etc.

Na Índia, os ministros dos cultos antigos escolhem aprendizes de forma muito peculiar. Apenas lhes serve a criança a cujos pais e familiares tenham sido dados sinais especiais por forças sobrenaturais antes do seu nascimento. Além disso, a criança deve possuir caraterísticas específicas e passar por uma série de provações. Por vezes, estas provações são bastante cruéis. Assim, por exemplo, uma criança de 3 anos é levada ao templo, para uma sala especial, algo semelhante a uma "quarto do pânico", e ali é deixada sozinha. Os sacerdotes assustam o pequeno e, se ele não manifestar medo nem chorar, é aceite para aprendizagem.

Na verdade, todos os xamãs têm em comum o facto de serem capazes de se induzir num estado de êxtase ou transe. Os habitantes da tribo acreditam que, ao mergulhar no transe, o xamã adquire a capacidade de comunicar com espíritos e viajar por outros mundos. Aliás, a própria palavra "xamã", que nos chegou da língua tungúsica, traduz-se como "pessoa em transe".

Em quase todos os cantos do mundo, os xamãs recorrem às mesmas técnicas. Trata-se de uma dança ritual especial, cujo ritmo mergulha gradualmente o dançarino em transe, fumo alucinogénio obtido pela queima de ervas e cogumelos específicos, e o acompanhamento musical correspondente. Em alguns povos, o instrumento musical do xamã é o tambor (tamborim xamânico).

Após acender uma fogueira ritual, o xamã prepara-se para a realização do ritual. Veste um traje especial e coloca inúmeros amuletos e fetiches; o rosto é frequentemente escondido sob uma máscara ou pintado. Em volta da fogueira reúnem-se os companheiros de tribo, que também participam no ritual.

Primeiro, o curandeiro profere um breve discurso, sintonizando os presentes para o ato que se segue. Depois disso, são oferecidos sacrifícios aos espíritos. É necessário atraí-los, apaziguá-los, para que não se oponham, mas ajudem o xamã. Segue-se a vez da dança ritual. Esta começa, regra geral, num ritmo lento, acelerando gradualmente. O xamã gira, executa saltos, agacha-se, agita os inúmeros amuletos e bate ritmicamente no tambor.

Quando o xamã começa a entrar em transe, o ritmo dos seus movimentos acelera e os gritos frenéticos intensificam-se. Todos os reunidos em volta da fogueira também cedem a este ritmo impetuoso. Em seguida, o xamã procede à defumação dos companheiros com o fumo narcótico e, gradualmente, seguindo o curandeiro, todos os presentes entram num transe alucinogénio extático. Depois disso, dependendo do objetivo do ritual, começa o rito propriamente dito, que pode ser totémico, guerreiro, religioso-mitológico, de caça, curativo, etc.

O objetivo principal de qualquer ritual (*kamlanie*) é o estabelecimento de contacto entre o xamã e os espíritos. Os companheiros de tribo estão absolutamente convencidos do poder do seu xamã e da sua habilidade em comunicar com os espíritos do céu, da terra, da água, etc. Frequentemente, estes espíritos encarnam no próprio xamã e falam pela sua voz. Mais comummente, ele recebe informações deles ou conduz negociações, persuade-os ou luta contra eles (por exemplo, expulsando-os de alguma pessoa).

Quanto à duração, o rito pode ocupar desde algumas horas até vários dias. Tudo depende da complexidade da tarefa colocada ao xamã.

Finalmente, o xamã concentra-se no objetivo principal do rito e entra num transe profundo, que se manifesta como um estado de semiconsciência ou perda total de sentidos. Às vezes, começa a ter convulsões. Desta forma, o xamã parte para a sua viagem mística ao

Mundo Superior ou Inferior, dependendo do objetivo traçado. Durante esta viagem, encontra noutros mundos diversos seres místicos e, claro, espíritos malignos e benignos. Após obter deles a informação necessária ou garantir a sua ajuda em determinado assunto, o curandeiro regressa novamente à terra, ou seja, volta a si.

Acredita-se que os xamãs da Sibéria possuem capacidades verdadeiramente sobrenaturais: conseguem vaticinar e profetizar, antever eventos vindouros, encarnar em corpos de animais e aves, curar doentes graves e até ressuscitar pessoas recentemente falecidas. Os próprios xamãs consideram que o dom misterioso lhes é dado do alto. Frequentemente, recebem-no por herança. Isto ocorre ainda na juventude, e mais comummente na infância. A força que encarna no xamã tem a natureza de um espírito protetor e, fundamentalmente, não possui forma em si mesma.

O culto do Vudu está amplamente difundido no Brasil. Os habitantes deste país temem extraordinariamente os sacerdotes do Vudu mas, no entanto, recorrem frequentemente aos seus serviços. Se um jovem ou uma rapariga apaixonada deseja obter reciprocidade do objeto dos seus sentimentos, dirige-se na maioria das vezes a um sacerdote ou sacerdotisa deste culto. Os sacerdotes do Vudu ajudam as pessoas em assuntos financeiros e judiciais, propõem-se curar todo o tipo de doenças e frequentemente alcançam o sucesso.

A cultura de Chukotka e do Alasca é também impensável sem os xamãs e os seus rituais. Ritos de transe especiais eram realizados, por exemplo, antes da caça ou de uma batalha. O *Angakok* (xamã, curandeiro) é considerado o portador da cultura antiga do seu povo. Estas pessoas realizam ritos de culto e de subsistência, conhecem perfeitamente a arte militar, dominam formas de controlar o clima, bem como métodos de influência por transe sobre animais e humanos. Os *Angakoks* possuem também, com frequência, o dom

da clarividência e da profecia; sabem comunicar com plantas e animais. No nosso tempo, tais xamãs ainda existem em Chukotka e no Alasca mas, infelizmente, tornam-se cada vez menos numerosos.

Esquimós e Chuquis acreditam que todo o mundo é habitado por uma multidão de espíritos, tanto bons como maus, e a comunicação com eles faz parte das obrigações do xamã. Para alcançar qualquer objetivo, é necessário garantir o apoio dos espíritos-donos, uma vez que são eles que controlam todos os fenómenos e objetos naturais. A população destas terras rigorosas acredita que tudo no mundo é governado por uma certa força poderosa – a *hila* –, e aquele que é parte desta força pode alcançar sucesso em qualquer assunto. Os companheiros de tribo do xamã acreditam que é precisamente ele quem está dotado desta força misteriosa e pujante.

Em Chukotka e no Alasca, só uma pessoa resistente e forte pode tornar-se xamã, pois o seu traje, com diversos guizos e amuletos, pesa cerca de 30 kg. Com ele, o xamã deve executar a dança ritual de transe durante várias horas seguidas, e por vezes durante vários dias, se o caso especial assim o exigir. Por vezes, após a realização do rito, o xamã não consegue mover-se durante bastante tempo ou sair de um estado de desmaio. Na maioria das vezes, em Chukotka e no Alasca, os xamãs dividem-se pela sua qualificação: uns, por exemplo, curam doentes; outros controlam o clima, etc. Mas há entre eles xamãs universais, que conseguem fazer tudo. Para fins curativos, os xamãs do norte utilizam obrigatoriamente ervas, raízes, minerais, encantamentos e o transe.

No Haiti, veneram o deus-serpente Damballa. Os haitianos acreditam que ele esteve presente na Criação do Mundo e é responsável pela vida e pela morte, pela saúde e pela doença. Por isso, um haitiano, ao sentir-se mal, procura em primeiro lugar apaziguar este deus através de sacrifícios.

A tradição do xamanismo estava também amplamente difundida na Coreia. Atualmente, neste país antigo, restam apenas fragmentos da arte de outrora. Na antiguidade, os xamãs não eram apenas homens (*pan-su*), mas também mulheres (*mu-dan*). Por vezes, esta arte era transmitida aos familiares mais próximos mas, mais frequentemente, o xamã escolhia os seus aprendizes entre os jovens que considerava mais talentosos. Os jovens aprendiam com o xamã experiente as técnicas de comunicação com os espíritos, encantamentos, técnicas de feitiçaria e cura, e também dominavam as competências de realização de cerimónias místicas. Tudo isto era um privilégio dos homens. As mulheres-xamãs ocupavam-se mais frequentemente do tratamento de doentes, bem como do fabrico de amuletos de proteção, adivinhação, etc.

Os coreanos acreditavam que o homem possui 3 almas: a primeira morre juntamente com o corpo, a segunda permanece numa placa especial que é guardada no templo familiar, e a terceira vai para o céu. A população local acredita em diversos espíritos, bem como em caraterísticas misteriosas das montanhas, que podem influenciar a região circundante e até as pessoas. Por isso, em caso de morte de algum dos membros da tribo, o xamã entra em transe com o objetivo de encontrar uma colina ou montanha adequada para habitação ou sepultamento. Na Coreia moderna, a cultura do transe preservou-se na medicina, no desporto e nas artes marciais.

As capacidades místicas dos xamãs africanos são conhecidas em todo o mundo. Na África, a população local ainda hoje acredita nos poderes dos curandeiros e recorre à sua ajuda mais frequentemente do que à dos médicos convencionais, tão fortes e persistentes são as tradições no Continente Negro. Investigadores e viajantes foram testemunhas de que os xamãs africanos podiam não só prever o tempo, mas também controlá-lo, por exemplo, invocando a chuva em caso de seca. Os xamãs utilizavam os seus conhecimentos no tratamento, diagnóstico, previsões, adivinhação, caça e arte militar. A

prática do transe era aplicada quase constantemente; estava presente nos procedimentos cerimoniais, rituais e festivos, na religião, na pecuária e agricultura, no culto de subsistência, no totemismo, no culto dos antepassados e animais, no fetichismo, em processos judiciais, no culto dos deuses e dos espíritos tribais locais, etc.

Muito na arte dos xamãs africanos é um enigma para cientistas e investigadores. Por exemplo, um sacerdote ou curandeiro conseguia dizer onde se encontrava determinada pessoa naquele preciso minuto. Além disso, o xamã não só indicava com bastante precisão (sem mapa nem conhecimento da localidade) a localização específica dessa pessoa, como podia até dizer o que ela estava a fazer naquele momento.

Os seguidores do culto do Vudu não são apenas camponeses e operários sem instrução da ilha. Quase toda a intelectualidade do Haiti, estudantes e até professores consideram esta religião como sua, uma vez que ela une os ilhéus, lembrando-lhes as suas tradições culturais e raízes. Deve notar-se que o presidente do Haiti reconheceu o Vudu como a religião principal da ilha e, agora, sacerdotes e feiticeiros desempenham papéis importantes no palácio presidencial.

A maior aura de mistério e misticismo envolve os sacerdotes do Vudu. Eles são temidos e respeitados não só na África mas também, por exemplo, na América, no Haiti e noutras ilhas. Os sacerdotes do Vudu possuem realmente grandes conhecimentos em diversas áreas. Dominam a hipnose, podem vaticinar, fazer encantamentos, curar, e podem também lançar feitiços ou transformar uma pessoa num zombie. Para esse fim, preparam um veneno especial – o "pó de zombie" – e, com a sua ajuda, levam a pessoa a um estado de coma indistinguível da morte, para depois, passado um determinado tempo, a devolverem à vida, tirando-a literalmente do túmulo.

Depois disso, a pessoa perde a sua personalidade, não se lembra de quem é, deixa de sentir emoções ou de falar, e torna-se um instrumento obediente nas mãos do sacerdote Vudu. Em África, estas pessoas são chamadas de mortos-vivos.

No Haiti, os seguidores do vudu organizam abertamente procissões multitudinárias e festas dedicadas ao seu culto. Na verdade, a ilha é governada por feiticeiros negros. Aqui, o mal parece realmente mais atraente e forte do que o bem, o que constitui uma tentação terrível. Um lugar especial para os seguidores do vudu é o lago Saint-Jacques, que se encontra na extremidade norte da ilha. Os sacerdotes mergulham no lago, lançam à água metade de uma cabaça seca com ramos a arder, entram gradualmente em transe e conversam com os espíritos.

No Haiti, as tradições africanas misturaram-se com o catolicismo, criando uma fusão de crenças bastante bizarra e sinistra. A cada santo, dogma ou símbolo cristão corresponde no vudu um duplo do outro lado da fronteira entre o bem e o mal. Nas cidades e aldeias da ilha, centenas de casas estão decoradas com bandeiras vermelhas, que sinalizam a habitação de um sacerdote Vudu. Os sacerdotes recebem visitantes desde o pôr do sol até ao amanhecer, e não lhes faltam clientes.

Nas casas dos haitianos, há reproduções coloridas da Virgem Maria com a inscrição "*Ezili Freda – deusa do amor*". São Pedro, com as chaves das portas do paraíso, transformou-se aqui no deus Legba, que indica o caminho para outros mundos. Os europeus que visitam o Haiti observam com surpresa cenas que ocorrem regularmente na cascata da Santíssima Virgem em Mont Carmel: pessoas sob os jatos de água começam subitamente a comportar-se como possessas. Na ilha, tal estado é considerado invejável, pois os haitianos acreditam que os espíritos saem da cascata e entram diretamente nos corações das pessoas.

Os habitantes do Haiti combinam por vezes uma profissão comum com o ofício de feiticeiro. Não veem nada de mal nisso; pelo contrário, a família e os vizinhos respeitam-nos.

A magia Vudu divide-se em negra e branca. Os feiticeiros combinam frequentemente na sua profissão estas duas facetas. Infelizmente, na ilha, a magia negra tem mais procura do que a branca. Afinal, a magia branca é necessária apenas para boas ações, e essas as pessoas geralmente realizam-nas sozinhas, sem recorrer à ajuda dos espíritos. Outra questão é a magia negra Vudu.

Geralmente, a pessoa a quem o destino reservou tornar-se xamã e que procura combater em si esse dom, esconde as suas sensações, não contando a ninguém o que se está a passar com ela. Pois os que a rodeiam podem pensar que enlouqueceu e, possivelmente, até não estarão longe da verdade, mas não poderão ajudá-la nem aliviar o seu estado.

Recorrendo aos serviços dos espíritos, é possível até matar à distância, algo em que cada habitante local acredita piamente. Os seguidores do culto do Vudu realizam regularmente sacrifícios aos espíritos e deuses. Na maioria das vezes, utilizam-se aves e animais para este fim. Raramente um rito prescinde de um galo preto e, para rituais mais sérios, os sacerdotes negros utilizam animais maiores, como cabras ou bois. Órgãos de animais são utilizados pelos feiticeiros para o tratamento de várias doenças. No entanto, como mostra a prática, a maioria dos sacerdotes Vudu não se propõe a tratar uma doença como a SIDA. Sobre esta enfermidade não surte efeito nem o sangue de uma galinha preta.

No Haiti, ao contrário da Europa medieval, não é o diabo que compra as almas das pessoas, mas as pessoas é que compram a benevolência e a ajuda do diabo. Se, por exemplo, uma pessoa encomendou ao diabo riqueza, longevidade ou proteção contra inimigos, então, pelas condições do "contrato", deve pagar por esses

benefícios com os seus filhos e netos. Ou seja, eles terão de perecer ou servir obedientemente ao diabo familiar. Segundo os relatos de Gabriela Riedel, viajante e cultuóloga, nem todos os jovens na ilha estão satisfeitos com o facto de, para eles, já antes do nascimento, ter sido escolhido o caminho de feiticeiro. Alguns tentam lutar contra o destino, mas na maioria das vezes sem sucesso.

Assim, por exemplo, um jovem feiticeiro (24 anos), com quem Gabriela conversou, soube do pacto do seu avô com o diabo e ficou muito transtornado: não só isso aconteceu muito antes do seu nascimento, como também destruiu todos os seus planos de vida. Ele sonhava ser engenheiro de construção de pontes e ir estudar para a América. A perspetiva de se tornar sacerdote Vudu não o atraía: não gostava de ver arrancar a cabeça a animais sacrificiais ou queimá-los vivos, muito menos de o fazer ele próprio. Também não tinha qualquer desejo de lançar doenças e infelicidades sobre as pessoas. O jovem fugiu da sua cidade natal, mudou-se para Port-au-Prince (capital do Haiti), onde se tornou protestante.

Como pensava o jovem, esta igreja, caraterizada pelo senso comum, secura e sobriedade, salvá-lo-ia de um futuro indesejado. No entanto, o protestantismo não o ajudou. Emagrecido, abandonado por todos e semelhando um louco, o jovem errava por Port-au-Prince, sem sentir fome, sentindo apenas uma sede terrível. O futuro feiticeiro bebia água das poças, mas a sede tornava-se cada hora mais forte. Ele sabia exatamente a causa do que estava a acontecer e compreendia que era inútil fugir do seu destino. Do mal não se escapa, pois as condições do antigo "contrato" eram definitivas: ou a morte, ou o serviço às forças do mal.

Isto é relatado também por outros xamãs, independentemente de onde vivam: no Haiti, em África ou na Sibéria. Ao sentir em si o dom, a pessoa já não pode recusá-lo: é forçada a tornar-se xamã ou a morrer.

Eis como descrevia uma situação análoga Uno Harva, um xamã iacuto: «Fiquei doente quando tinha vinte e um anos, e comecei a ver com os olhos e a ouvir com os ouvidos coisas que outros não podiam ver nem ouvir. Durante nove anos lutei contra os espíritos, sem dizer a ninguém o que se passava comigo, pois temia que não acreditassem em mim ou que fizessem troça. Finalmente, fiquei tão doente que estive perto da morte. Então comecei a realizar rituais xamânicos, e muito em breve a minha saúde melhorou. Mas mesmo agora sinto-me doente se passo muito tempo sem exercer o ofício de xamã» (Holger Kalweit. "*Quando a Loucura é Abençoada: a mensagem do xamanismo*").

Da mesma forma acabou por se comportar o jovem haitiano: não queria morrer, por isso regressou à família e aceitou cumprir o seu destino. Tornando-se um sacerdote conhecido no Haiti, resignou-se às circunstâncias da vida. Aliás, não se queixa do "seu" diabo e está-lhe grato pelas casas onde vive, pelos limusines em que anda e até simplesmente por ainda estar vivo. Embora a sua vida não possa ser chamada de fácil: por vezes não dorme durante vários dias, sem sair do estado de transe.

No entanto, tem muitíssimos clientes. Até europeus e americanos recorrem a ele. Por exemplo, ele ajudou um americano rico a tirar o filho da prisão. Isso custou ao pai 157 mil dólares. Adicionalmente, ele teve de adquirir 6 bois para sacrifício ao diabo. Os pobres animais tiveram de ser queimados vivos, mas os resultados não se fizeram esperar: uma noite, o filho apareceu em casa, na sua cama.

Os haitianos não veem nada de surpreendente nesta história; para eles é o quotidiano. Acreditam que, ao contrário do bem, ao mal não importa se és bom ou mau, culpado ou não. Ele é absolutamente indiferente.

Na verdade, cada povo tem a sua cultura e as suas crenças. Sabe-se que também na Rússia existiram desde tempos imemoriais feiticeiros, tanto brancos como negros. Ambos tinham procura; as pessoas recorriam a eles com diferentes problemas. Eram frequentemente chamados de ervanários ou curandeiros.

No Haiti, é costume celebrar o Dia de Todos os Santos. Os ilhéus, nesta festividade, dirigem-se ao cemitério. Lá, realizam sacrifícios aos espíritos e comunicam com os familiares falecidos. Frequentemente, os sacerdotes Vudu realizam os seus rituais precisamente nos cemitérios. Os habitantes locais encaram isto com compreensão e nunca manifestam curiosidade excessiva.

Nas zonas rurais, ainda hoje as pessoas recorrem em primeiro lugar ao curandeiro local e só depois ao médico. Antigamente, se subitamente o gado adoecia ou se a seca persistia, os habitantes das aldeias recorriam ao feiticeiro. Também o procuravam se algum membro da família sentia algum mal-estar. Nos assuntos amorosos, também não desdenhavam a ajuda do curandeiro.

No entanto, os feiticeiros negros na Rússia eram temidos, sabendo-se que podiam lançar mau-olhado, estragar a colheita ou destruir uma família se fossem ofendidos. As pessoas acreditavam que tais feiticeiros podiam transformar-se em animais, como um gato, um cão ou um porco. Recorria-se aos feiticeiros negros não só para lançar feitiços sobre uma rival ou punir um inimigo com uma doença. Por vezes, os feiticeiros negros curavam doenças mesmo quando o doente já tinha sido desenganado por outros curandeiros. Outra questão era que os ritos de cura eram invulgares e, por vezes, assustadores. Frequentemente, eram realizados no cemitério ou noutros locais pavorosos.

Capítulo 3

AJUDA ÀS PESSOAS COMUNS.

DEVE UM CURANDEIRO COBRAR PELO SEU TRABALHO?

Com certeza, muitos de vós já se depararam com inúmeros anúncios publicitários de chamados curandeiros e feiticeiros hereditários. Na maioria das vezes, a pessoa que recorre a tais curadores descobre logo na primeira consulta que o pagamento de algumas sessões de tratamento excede o seu salário de meio ano. Por vezes, estes "curandeiros" exigem o pagamento dos seus serviços em dólares ou euros, e até em joias.

Surpreendentemente, muitos clientes de tais sensitivos consideram que tal abordagem à sua vocação é plenamente justificada. Poucos pacientes refletem sobre o que representa este dom extraordinário, de quem foi recebido e por que razão a pessoa subitamente começou a chamar-se a si mesma mago, curandeiro ou sensitivo.

Ainda menos refletem sobre isso, por vezes, os próprios sensitivos. A principal motivação para eles torna-se o dinheiro, a capacidade de enriquecer rapidamente. É por isso que acontece com muita frequência que uma pessoa, ao descobrir em si capacidades invulgares, sobrenaturais ou paranormais, não reflete sobre as causas disso, sobre o seu futuro ou sobre como isso pode influenciar a sua vida. E muito frequentemente acontece que começa a esbanjar o seu dom para o próprio enriquecimento.

Na antiga Tailândia, os aprendizes de sacerdotes recebiam instruções: «Se vier ter contigo um ancião despossuído, uma viúva pobre ou órfãos que não tenham sequer um punhado de arroz para a alma, não penses em cobrar-lhes, pois também tu, quando chegar o teu tempo, pedirás ajuda no Mundo Superior, e a tua alma estará igualmente atormentada e pobre».

Na Grécia Antiga, as pessoas também compreendiam que aquelas forças invulgares dadas aos escolhidos não lhes pertenciam; as pessoas eram apenas condutores. E aqueles que tentavam apropriar-se desse dom e utilizá-lo apenas para o seu próprio benefício, geralmente perdiam-no muito depressa. Por exemplo, nos templos da deusa Reia-Cibele (deusa da fertilidade, da vida, da morte, do mistério e dos sonhos noturnos), as sacerdotisas nunca cobravam às pessoas pobres.

De resto, também para os ricos o pagamento não estava estritamente estabelecido. Cada pessoa que recorria às curandeiras do templo em busca de ajuda tentava agradecer à deusa. As sacerdotisas não recebiam qualquer pagamento pelo seu trabalho, e os meios que os pacientes deixavam como oferenda à deusa destinavam-se à caridade: se uma pessoa era pobre ou necessitava de algum tipo de auxílio, era-lhe entregue uma certa quantia em dinheiro.

Na Grécia Antiga, acreditava-se que, se os deuses são benevolentes para com uma pessoa e a dotam generosamente de bem-estar e riqueza, não se deve desafiar o destino agindo com arrogância e ganância, caso contrário a sorte afastar-se-á e, então, haverá que pagar pela imprudência com grandes infortúnios. Da mesma forma viam isto os ministros do culto: acreditavam que eles próprios nada possuíam, e que aqueles conhecimentos e forças misteriosas com que curavam os seus paroquianos e os ajudavam noutros problemas da vida lhes eram dados apenas enquanto servissem realmente as pessoas e, naturalmente, os deuses, dos quais o dom fora recebido.

Com certeza, tudo isto acontecia em tempos remotos. Mas vale a pena notar que já nessa altura as pessoas compreendiam que não podiam considerar-se donas daquilo que não lhes pertence. Afinal, a pessoa não recebe o dom por seu desejo; mais frequentemente,

algumas outras forças (a maioria dos curandeiros prefere chamar-lhes "forças superiores") assumem que este escolhido deve cumprir uma determinada missão. E é duvidoso que essa missão consista no enriquecimento pessoal, na fama desmedida e noutros benefícios. Infelizmente, muitas pessoas realmente dotadas, por não compreenderem a sua verdadeira vocação, trocaram-na por moedas sonantes e, em resultado, perderam o seu dom.

Embora Hipócrates fosse um sacerdote, ele considerava que as orações e os encantamentos eram bons apenas quando acompanhados de um exame minucioso do paciente. Em primeiro lugar, prestava atenção à frequência do pulso da pessoa, à temperatura do seu corpo e à sua posição durante o sono. Naquela época, tal abordagem no tratamento de doentes era considerada bastante invulgar e progressiva, e Hipócrates enfrentava a incompreensão e a inveja dos seus colegas.

Mas as pessoas verdadeiramente talentosas e dotadas não cediam aos seus desejos, mas viam o objetivo das suas vidas em servir as pessoas. E graças a isso conseguiam alcançar enormes sucessos, fama, riqueza e reconhecimento universal, embora não aspirassem a isso nem fizessem disso o seu objetivo. O melhor exemplo disso é a vida do mais famoso médico do passado – Hipócrates.

Segundo os relatos preservados dos seus contemporâneos, ele procurou sempre ajudar cada um dos seus pacientes, independentemente de quem fosse – rico ou pobre.

O seu trabalho era pago apenas pelas pessoas abastadas e nobres. Das pessoas pobres, o médico nunca cobrava pagamento.

Hipócrates nasceu no ano 460 a.C. na ilha de Cós. Tornou-se o maior médico do mundo antigo. Até à Idade Média, os livros escritos pelos seus discípulos, que incluíam conhecimentos médicos únicos

da época, foram obras de referência para muitíssimas gerações de médicos.

Hipócrates provinha de uma família de curadores hereditários. Muitos gerações dos seus antepassados tinham sido médicos. A mãe do futuro médico famoso era parteira, e o pai, de nome Heraclides, era um médico conhecido. Por isso, desde tenra idade ele aprendeu a sua profissão. Mas, como consideravam alguns dos seus contemporâneos, o grande médico possuía também um dom misterioso, graças ao qual alcançou tal sucesso no seu campo e pôde ajudar um grande número de pacientes.

Logo aos vinte anos de idade, Hipócrates gozava da fama de médico capaz e talentoso. Nessa mesma idade, foi ordenado sacerdote, o que naquela época era considerado necessário para tal profissão. Depois disso, para aumentar os seus conhecimentos, o jovem partiu para o Egito. Nesta extraordinária nação antiga, ele aperfeiçoou os seus conhecimentos e regressou à pátria passados alguns anos. Exerceu a prática médica durante longos anos e acumulou uma vasta experiência no tratamento das mais diversas doenças, fundando depois a sua escola de medicina.

Segundo Hipócrates, para a manutenção da atividade vital normal do organismo são necessários o ar que provém do exterior, os sucos que a pessoa obtém com a alimentação e o calor inato.

Foi chamado à capital da Grécia, Atenas, quando ali surgiu uma epidemia e, perto do fim da vida, mudou-se para a Tessália, onde passou os seus últimos anos. Como todos os médicos da Antiguidade, Hipócrates dedicava-se principalmente à medicina prática. Atribuía grande importância ao local onde o doente sentia dor, à sua intensidade, bem como ao aparecimento de tremores febris e convulsões. Hipócrates considerava que um bom médico deveria determinar o estado do doente apenas pela aparência externa. Assim, por exemplo, bochechas encovadas, nariz afilado, cor

de rosto terrosa e lábios colados sinalizam a morte próxima de uma pessoa. Os médicos modernos definem tais sinais como a "fácies hipocrática".

O grande médico tratava as pessoas com ervas curativas. Na sua prática, utilizava mais de 200 ervas e conhecia o seu efeito no organismo. Além disso, Hipócrates recomendava aos seus pacientes que passassem o máximo de tempo possível ao ar livre, praticassem ginástica, aplicassem massagens e banhos. Desaprovava categoricamente a aplicação de muitos medicamentos ao mesmo tempo e aderia firmemente ao princípio popular na medicina moderna: *primum non nocere* ("primeiro, não causar dano"). Hipócrates atribuía enorme importância à dieta terapêutica e ao jejum. Os livros de Hipócrates testemunham que ele possuía um excelente conhecimento de anatomia, tendo também alcançado sucessos consideráveis na teoria médica.

Hipócrates acreditava que a vida humana era influenciada por 4 elementos naturais: água, fogo, ar e terra. Estes correspondem a 4 estados: húmido, quente, seco e frio. E no organismo humano interagem também 4 fluidos: sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra. No organismo humano, todos estes fluidos dispõem-se numa determinada proporção quantitativa, cuja violação provoca o transtorno da atividade psíquica. Com base nisto, surgiu a divisão em 4 temperamentos: colérico, sanguíneo, fleumático e melancólico.

Hipócrates morreu em 377 a.C. e foi sepultado na Tessália. O seu túmulo foi, durante muitos anos, um local de peregrinação para pessoas que acreditavam na cura milagrosa. Conservou-se até uma lenda de que o mel dado pelas abelhas bravas que existiam naqueles locais possuía propriedades curativas prodigiosas.

Na verdade, as grandes pessoas, e em primeiro lugar os curandeiros, eram ricas espiritualmente. Dedicavam toda a sua vida a este difícil ofício e faziam-no não por fama ou ouro, mas apenas

pela sua verdadeira vocação. Sem vocação, o homem nunca conseguiria alcançar grandes sucessos na sua profissão, no seu trabalho. Aquele que trabalha para adquirir riqueza e fama, e não tem em si o fogo da inspiração, conhecimentos e amor pelo seu ofício, nunca alcançará grandes sucessos. Tornam-se grandes apenas as pessoas que, desde o nascimento, possuem em si este fogo sagrado que as impele a conquistar novos pumes, a superar o insuperável, a conhecer o desconhecido.

Como segundo exemplo, pode citar-se outro médico da Idade Média, cuja arte também não deixa dúvidas a ninguém – Michel Nostradamos. Em todo o mundo, ele é conhecido como um grande profeta que previu o futuro. Até hoje, cientistas e investigadores tentam decifrar o mistério das suas enigmáticas centúrias. Muitas lanças foram quebradas a propósito destes versos misteriosos; inúmeras mentes tentam resolver os seus enigmas. Assim, por exemplo, os americanos chegaram a desenvolver programas de computador especiais para a descodificação das previsões poéticas. A máquina fornecia informações variadas, por vezes paradoxais. Mas os resultados desta experiência não foram apresentados ao julgamento do público.

Nostradamos foi também um médico talentoso, facto evidenciado por ter conseguido fazer recuar a epidemia de peste.

Michel de Nostradamos nasceu a 14 de dezembro de 1503. O seu pai era notário e esperava que o filho seguisse os seus passos. Mas Michel sentia, desde a infância, aversão à transcrição de papéis e a outros trabalhos de escritório. Em vez disso, fugia para o prado para colher ervas, observar as aves e os insetos, e à noite não dormia, mas contemplava o céu estrelado. O pai não aprovava as suas aspirações. No entanto, a mãe, que descendia de uma linhagem de médicos (o seu pai foi médico da corte na Provença), apoiava o

filho. Aliás, convém notar que também o avô paterno de Michel era um médico talentoso.

Os antepassados de Nostradamos chegaram à Provença no final do século XV, quando o rei espanhol Fernando expulsou os judeus do seu país. Mas em França só era possível viver tranquilamente convertendo-se à fé cristã. Foi precisamente o que fez o avô de Michel, Guy Gassonet. Ele recebeu o sonoro apelido Nostradamos em honra da igreja onde foi batizado. Os Gassonets descendiam da antiga linhagem judaica de Issacar, famosa pelo dom profético. Contudo, em França, os antepassados de Michel tiveram de trabalhar arduamente e comerciar; simplesmente não tinham tempo para profecias.

A maioria das previsões de Nostradamos refere-se à França e aos países vizinhos. Por exemplo, os famosos versos sobre o Senado de Londres que executou o seu rei (quadra 49 da centúria 9). Até a ideia disto parecia inacreditável naquela época. No entanto, em 1649, o rei Carlos I foi decapitado.

A educação inicial do futuro grande médico e profeta Nostradamos ficou a cargo dos avôs. Eles ensinaram-lhe o curandeirismo popular, baseado no uso de plantas medicinais, e os princípios básicos da medicina oficial. Além disso, o rapaz revelou capacidade para o estudo de línguas estrangeiras, tendo dominado perfeitamente o latim, o grego e o hebraico. Além disso, graças aos seus mestres, familiarizou-se com a matemática, a astrologia, a alquimia e a cabala.

Um dia, simplesmente reuniu os seus parcos pertences e partiu sem destino. Naquela época, muitos jovens faziam o mesmo: acreditavam que era precisamente viajando que se podiam obter os maiores conhecimentos ou, dito de forma simples, ganhar juízo. A jornada de Nostradamos prolongou-se por 8 anos. Percorreu quase toda a Europa.

Ao regressar a casa em 1529, ingressou na Universidade de Montpellier, que na época era considerada uma das melhores da Europa. No entanto, o jovem sarcástico esteve quase a ser expulso da universidade pelas eternas piadas sobre os conhecimentos dos professores. É possível que Nostradamos, graças aos seus mentores avôs, já soubesse então mais do que os seus professores. De facto, os conhecimentos dos médicos daquela época eram escassos. Possuíam apenas uma noção aproximada da anatomia, e os principais meios de tratamento naqueles séculos eram considerados as sangrias e os clisteres. Contudo, após 3 anos, Nostradamos obteve finalmente o diploma e o direito de atender pacientes.

Mas o jovem Michel Nostradamos não se interessava apenas por medicina. O acaso cruzou-o com Jules César Scaliger, um italiano que fugira da Inquisição. Este homem era um grande conhecedor da Antiguidade e fundou um círculo em Agen. Foi ele quem apresentou Nostradamos aos antigos textos gregos e latinos, incluindo os "Livros Sibilinos". Esta coleção de profecias fora compilada ainda na Roma Antiga.

Os versos terríveis das profecias encontraram um eco inesperado na alma do jovem. Foi nesse período que surgiram as suas primeiras previsões. Mas ele tornou-se famoso não apenas por elas. Nostradamos era um excelente médico: tratava os doentes com ervas e poções que ele próprio preparava. Mais de uma vez conseguiu pôr de pé um paciente que a medicina da época considerava desesperado. Além disso, não cobrava dinheiro aos pobres.

Passado algum tempo, a Inquisição interessou-se por Nostradamos. Foi suspeito de heresia e de falta de respeito pelos postulados cristãos. Provavelmente, estas acusações tinham fundamento: os pais de Nostradamos, tendo aceitado oficialmente o cristianismo, continuavam a professar o judaísmo em segredo.

Educavam o filho nas tradições desta mesma religião. E o estudo da cabala, a que Nostradamos se dedicava, era incompatível com o cristianismo.

E pouco depois chegou a verdadeira desgraça – a peste avançava sobre a Provença. Esta doença terrível ceifou a vida das pessoas próximas de Michel – a esposa e os filhos. Mas, apesar da dor, o jovem doutor entrou na luta contra a terrível enfermidade. Mudava-se de Marselha para Aix, de Toulouse para Lyon, mas era difícil resistir à peste, pois naqueles tempos ainda não se sabia tratar esta terrível doença. As pessoas simplesmente fugiam. Juntamente com todos, fugiam também os médicos. Apenas Nostradamos resistia sozinho ao contágio mortal.

Tratar a peste era inútil, e o jovem médico concentrou todos os seus esforços na sua prevenção. Obrigava os cidadãos a arejar as casas, lavar as mãos e defumar os aposentos com fumo de especiarias. Aconselhava a manter constantemente na boca pílulas de canela e cravinho. Além disso, preparava-as com os seus próprios recursos e distribuía-as na rua gratuitamente a todos os interessados.

Tornou-se o organizador da quarentena, isolando os bairros infetados. O jovem médico lutava sem medo contra a terrível doença dia e noite, e aconteceu o milagre – a peste recuou. A capital da Provença homenageou Nostradamos como um herói. A municipalidade da cidade atribuiu ao salvador uma pensão vitalícia, e os cidadãos ofereciam-lhe dádivas generosas. Mas o médico doou tudo aos órfãos e viúvas das pessoas que morreram devido ao contágio.

Muitos investigadores da vida de Nostradamos acreditam que ele retirava os seus conhecimentos do antigo ensinamento da cabala. Aliás, muitos cientistas e sábios conhecidos recorreram a esta

antiquíssima fonte de conhecimento. Até Pitágoras foi um admirador da sabedoria antiga contida na cabala.

Foi precisamente neste período que ele começou a dedicar-se às previsões e, em 1550, saiu o seu primeiro almanaque. Nele, Nostradamos utilizou registos de muitos anos sobre dias de sol e de chuva, um calendário aproximado de cheias, informações sobre doenças e mortes. Como resultado, o seu almanaque tornou-se muito popular.

E em 1555, Nostradamos lançou o almanaque seguinte, no qual surgiram advertências dirigidas ao rei francês, as quais se concretizaram. Mas, tendo dedicado muito tempo à sua nova ocupação, Nostradamos não abandonou a prática médica.

Em 1564, a rainha Catarina visitou o profeta em Salon. Com ela veio o seu filho, Carlos IX, que sucedera ao irmão mais velho, falecido pouco depois da coroação. As previsões de Nostradamos continuavam a cumprir-se. E pouco depois Henrique III subiu ao trono, sucedendo a Carlos. Entretanto, a desordem crescia no país. Para o vidente, estes foram anos difíceis; chegou a ser preso. Na verdade, o profeta não ficou muito tempo na prisão; foi libertado ao fim de uma semana. Mas a masmorra húmida refletiu-se negativamente na sua saúde.

Em 1569, Catarina de Médici nomeou Nostradamos como médico pessoal da corte. No entanto, as doenças antigas já se faziam sentir; o profeta era atormentado por uma artrite severa e o coração também dava sinais. Como médico, ele compreendia que o fim estava próximo. Terminou o seu último almanaque e dividiu a herança pelos seus filhos. Ao entrar no quarto de Nostradamos a 1 de julho, o seu secretário Chavigny desejou-lhe um sono tranquilo. Ao que o profeta lhe respondeu: "A manhã para mim já não existirá". E, de facto, ao amanhecer, o habilidoso médico e profeta morreu.

O grande homem morreu, mas o mito sobre ele estava apenas a começar a viver. Foi sepultado de pé, na parede da igreja de São Lourenço em Salon. Ele próprio deixou escrito que deveria ser sepultado assim, segundo a sua própria afirmação, para enfrentar dignamente o dia do Juízo Final.

Vanga não fazia distinção entre as pessoas, não olhava para a sua idade, nacionalidade ou credo. Tentava ajudar todos os que a procuravam. Não tolerava apenas os orgulhosos, os mentirosos e os charlatães.

Assim, os grandes curandeiros sempre ajudaram as pessoas não por ouro, mas devido à verdadeira vocação que lhes fora concedida. Mas hoje, após décadas de ateísmo que foi imposto na União Soviética, os curandeiros, descobrindo subitamente em si capacidades paranormais, não pensam de todo na origem dessas capacidades, em quem e para que as concedeu, como as utilizar e como no futuro terão de pagar pela sua singularidade. Pelo contrário, supõem que as suas capacidades são tão naturais como a visão, a audição, o olfato, etc.

Por isso, muitos, ao perceberem subitamente que possuem o dom de curar, chegam frequentemente à ideia de que este é um caminho fácil para ganhar dinheiro e tornar-se famoso. Por isso, fixam preços elevados pela consulta e fazem publicidade. Ao mesmo tempo, não estão minimamente preocupados em ajudar os seus pacientes, em livrá-los do sofrimento. Se o paciente não tem dinheiro, não faz sentido procurar compaixão num curandeiro assim. E não é de estranhar que, muito em breve, tais pessoas percam o seu dom.

No mundo moderno, deparamo-nos frequentemente com o fenómeno dos falsos curandeiros. Estes também pedem enormes quantias de dinheiro pelo tratamento e, surpreendentemente, pessoas crédulas caem nas suas armadilhas vezes sem conta. Os

charlatães não se detêm perante nenhum estratagema para extorquir mais dinheiro aos seus clientes. Mas, na maioria das vezes, jogam com o medo comum do ser humano. Simplesmente convencem-no de que, se não aceitar num futuro próximo as sessões de cura dispendiosas mas tão "milagrosas" que o falso curandeiro se propõe realizar, algo de verdadeiramente irreparável pode acontecer. Pacientes ingénuos apressam-se a trazer ao charlatão a quantia necessária, contudo muito raramente recebem, de facto, a cura.

Um curandeiro verdadeiramente talentoso e capaz nunca agirá assim. Ele também nunca criará um alvoroço especial em torno do seu nome. Pois o principal para ele é o aperfeiçoamento no seu trabalho e o desenvolvimento do seu dom.

Em conclusão, pode acrescentar-se que também a curandeira búlgara Vanga ajudava as pessoas desinteressadamente, nunca exigindo dinheiro mesmo aos ricos, e aceitava deles apenas presentes. É verdade que, quando os visitantes se tornaram muito numerosos e Vanga pediu ajuda às autoridades, estas disponibilizaram guarda para a curandeira e passaram a cobrar uma taxa aos visitantes. Mas esta não ia para a própria Vanga; pagavam-lhe apenas um salário igual ao salário de um colaborador científico, aceite na época na Bulgária.

Capítulo 4

A INFÂNCIA DE VANGA

O INÍCIO DA CARREIRA

Em todos os tempos existiram lendas sobre videntes e clarividentes. Alguns viam o passado e o futuro, outros curavam as pessoas e outros ainda podiam fazer ambas as coisas. É precisamente a tais pessoas que pertence a clarividente búlgara Vanga.

Atualmente, é provável que seja difícil encontrar uma pessoa que não tenha ouvido falar desta famosa curandeira e profetisa. Os boatos sobre ela espalharam-se por todo o mundo à velocidade da luz. Vanga ajudou muitas pessoas; durante a sua vida, atendeu mais de 1 milhão de pessoas. As capacidades de Vanga eram verdadeiramente únicas. Podia ver o passado, o presente e o futuro, estar mentalmente em qualquer parte do nosso planeta, falar com as plantas. Mas nem sempre foi assim. Na infância, ela nem suspeitava deste dom invulgar...

Vanga nasceu na cidade de Strumica a 31 de janeiro de 1911. A sua família não era rica. Vanga herdou dos pais as suas melhores qualidades: do pai – o sentido de justiça, a honestidade, a resistência e o amor pelo trabalho físico; e da mãe – a limpeza, a bondade e a índole alegre.

O pai de Vanga, Pande Surchev, ganhava a vida a cultivar cereais. Não concebia a sua vida sem o trabalho de agricultor. A sua vida pacífica durou pouco: começou a guerra e Pande alistou-se num destacamento de guerrilha. Ele e os seus conterrâneos lutaram contra a escravidão turca, defendendo a sua terra dos invasores. Numa das batalhas, Pande não teve sorte e caiu prisioneiro, sendo condenado a prisão perpétua na prisão "Yedi Kule". Não havia

esperança de libertação, mas, ainda assim, Pande conseguiu fugir. Isto aconteceu em 1908.

Ao regressar a casa, Pande não encontrou nenhum dos familiares próximos – os pais tinham morrido e o irmão saíra da casa natal. Ao ouvir dizer que em Strumica a comunidade urbana distribuía casas e parcelas de terra que anteriormente pertenciam aos turcos, dirigiu-se para lá. Passado algum tempo, Pande conheceu uma jovem local, Paraskeva. Os jovens apaixonaram-se e em pouco tempo celebraram um alegre casamento. Passado algum tempo, nasceu o primeiro filho – era Vanga.

Vanga nasceu antes do tempo, aos 7 meses, era fraquinha, com os dedos dos pés e das mãos colados. Poucos acreditavam na altura que a menina sobreviveria. Segundo os costumes locais, a um recém-nascido fraco não se dava nome imediatamente, especialmente se houvesse a probabilidade de não sobreviver. Naquela época, a mortalidade entre os recém-nascidos era muito elevada.

Quando a menina se fortaleceu um pouco, os familiares decidiram finalmente dar-lhe um nome. O costume exigia que o nome à criança fosse dado pelo primeiro encontro. A avó da futura profetisa agiu assim – saiu à rua com a criança nos braços e ficou à espera. Ao ver na estrada uma mulher solitária, dirigiu-se a ela com a pergunta: "Como chamar à criança?" Ao que ouviu: "Andrómaca".

Apesar de os nomes gregos invulgares serem especialmente populares na altura, a avó não gostou desse nome. Decidiu esperar por outro transeunte. Passado algum tempo, viu novamente uma mulher a passar. Dirigindo-se a ela com a mesma pergunta, a avó ouviu o conselho de chamar à menina o belo nome de Vangelia.

Na tradução do grego, este nome significava "portadora de boas notícias". O nome agradou à avó e aos restantes familiares, e a menina foi chamada Vanga.

Quando Vanga tinha cerca de 3 anos, aconteceu uma desgraça – a sua mãe morreu durante o segundo parto. O pai e a filha ficaram sozinhos. Não foi fácil para Pande sem a esposa; sentia muita saudade e apenas Vanga o salvava da solidão.

Passado algum tempo, chegou outra desgraça – começou a Primeira Guerra Mundial. Apesar de, além do pai, a pequena Vanga não ter mais ninguém, Pande foi convocado para servir no exército búlgaro. Vanga ficou completamente sozinha. Se não fosse a bondade da vizinha deles, a turca Asanitsa, que levou a menina para sua casa, Vanga teria certamente morrido de fome. Durante os 3 anos difíceis e famintos de guerra, não houve notícias de Pande. Nenhum dos vizinhos pensava vir a vê-lo vivo algum dia. Apenas Vanga não perdia a esperança. Naquela altura, a menina tinha cerca de 7 anos. Todos os dias, Vanga olhava para a estrada e esperava pelo pai. E o milagre aconteceu. Pande regressou; estava incrivelmente magro, mas vivo e ileso. O pai levou Vanga e passaram a viver na sua velha casa.

Vanga cresceu uma menina expedita, de olhos azuis e cabelo louro. Já desde a infância se distinguia pelo amor à ordem. A menina gostava que cada objeto na casa tivesse o seu próprio lugar. Apesar de não serem ricos, a casa deles estava sempre limpa e acolhedora.

Provavelmente, as capacidades da futura profetisa sempre viveram dentro dela. Facto evidenciado pelas brincadeiras invulgares de Vanga. Gostava muito de "curar" os seus amigos, receitava-lhes várias ervas. Parecia-lhe que as plantas estavam vivas e tentava falar com elas. Outra brincadeira de que o pai de Vanga não gostava nada consistia em a menina esconder uma coisa em casa ou no quintal e depois procurá-la pelo tato, de olhos fechados. Talvez ela

pressentisse algo e, dessa forma, se preparasse para a vida de cega. Pande proibia-a sempre de fazer isso, mas, apesar das suas proibições, a menina continuava com a sua estranha brincadeira.

Vanga crescia e, por vezes, era-lhe difícil viver sem o carinho materno. Ao notar isso, Pande decidiu casar-se pela segunda vez. Apesar da sua índole bondosa e alegre, Pande não era considerado de todo um pretendente cobiçado. Um viúvo com uma criança pequena nos braços e ainda por cima pobre.

Encontrar uma esposa para si e uma mãe para a pequena Vanga foi facilitado por uma ordem absurda das autoridades sérvias. Segundo esta, todas as mulheres que mantivessem relações próximas ou estivessem ligadas a oficiais ou soldados búlgaros deveriam, juntamente com as suas famílias, abandonar imediatamente Strumica.

Naquela altura, uma das raparigas mais bonitas de Strumica, Tanka, estava precisamente para casar com um oficial búlgaro. Os seus pais, ao saberem da ordem absurda e temendo a expulsão, romperam o noivado da filha e deram-na em casamento a Pande. Assim Vanga teve uma madrasta, que mais tarde lhe substituiu a mãe.

Aconteceram muitos casos engraçados com Vanga. Uma vez o pai, ao preparar-se para ir à pesca, não conseguia encontrar as suas canas. Revirou a casa toda, mas a perda não aparecia. Vanga observava o pai a rir. Apenas passados alguns minutos disse que "as canas se prenderam ao chapéu". O pai olhou para cima e, de facto, as canas estavam junto ao chapéu, em pregos cravados na parede especialmente para elas.

Ao início, Tanka estava ofendida com os pais e sentia-se profundamente infeliz, mas Pande, com o seu amor e cuidado,

derreteu o coração da bela mulher. Tanka amou Pande e tornou-se para Vanga uma mãe bondosa e zelosa.

Pande era um bom dono e agricultor. Passado algum tempo, a sua parcela de terra aumentou para 10 hectares. Durante alguns meses, a sua família viveu com abastança. Provavelmente, estes meses podem ser chamados os mais felizes da vida de Pande.

O tempo feliz durou pouco. As autoridades sérvias ajudaram a felicidade de Pande uma vez, mas destruíram-na noutra. Assim, a direção estabeleceu como objetivo: conseguir que a maior parte da população fosse constituída por sérvios. As famílias búlgaras e aqueles que as simpatizavam começaram a ser perseguidos de todas as formas. Uma das primeiras vítimas deste decreto foi a família de Pande. Ele foi preso e a terra confiscada. Estava-se precisamente na época da colheita; Pande não teve tempo de a recolher e a família ficou sem pão. Começou o tempo de miséria e privações.

Se o pai de Vanga tivesse conseguido encontrar dinheiro, a menina teria sido operada e não teria ficado cega. Mas quem sabe se, em resultado disso, o mundo não teria perdido a famosa profetisa. Ninguém responderá à pergunta de se o dom de Vanga seria tão único se ela tivesse permanecido com visão.

Pande foi enviado para a prisão, e Tanka e Vanga ficaram sozinhas. Tanka, além disso, estava grávida. Pande regressou da detenção precisamente antes do parto. Em 1922, nasceu-lhe o segundo filho – um rapaz, Vasil.

Para conseguir de algum modo sustentar a sua família, Pande empregou-se como pastor nas aldeias vizinhas de Bosilovo e Dabilya. Até ao fim dos seus dias, Pande nunca conseguiu deixar de ser um trabalhador braçal.

De manhã até à noite, Pande passava o tempo no campo; Tanka cuidava da casa e das crianças. Desejando aliviar de algum modo o

trabalho da mãe, Vanga esforçava-se por ajudá-la em tudo. Tomava conta de Vasil, inventando diversas brincadeiras para o entreter.

Em 1923, Pande recebeu notícias do seu irmão Kostadin. Afinal, ele vivera todo esse tempo em Novo Selo, onde fizera um bom casamento e enriquecera. A única coisa que ensombrava a sua felicidade era a ausência de filhos. Ao saber da desgraça do irmão, Kostadin convidou-o a ir viver com a família para sua casa. A família de Pande respirou finalmente com alívio. Para trás ficavam a miséria e a fome. Kostadin e a sua esposa ganharam muito afeto a Vanga e a Vasil, e mimavam as crianças de todas as formas.

Vanga, como a mais velha, tinha obrigações domésticas. Devia ir diariamente com o burrinho para fora da aldeia e trazer de lá 2 bidões de leite.

Certo dia de verão, ocorreu um evento que mudou a vida de Vanga e dos seus familiares. Vanga, como sempre, regressava com o leite e sentiu sede pelo caminho. Perto dali encontrava-se a nascente "Khanskaya cheshma", e a menina decidiu beber água lá. Mal Vanga tinha percorrido alguns metros, abateu-se um fortíssimo furacão. Em redor as árvores quebravam-se e, devido à areia, nada se via. A menina, de medo, não conseguia dar um passo. De repente, o vento levantou-a e levou-a para o campo.

Passado algum tempo, o pai, alarmado pela longa ausência da filha, partiu à sua procura. Vanga só foi encontrada uma hora depois. Estava quase totalmente coberta por areia e ramos. A menina não conseguia abrir os olhos – estavam cheios de pó. Vanga estava muito assustada e sofria com dores fortes.

Assustados pela filha, Pande e Tanka recorreram à ajuda de curandeiras locais. Lavavam os olhos de Vanga com água limpa, aplicavam pomadas, davam-lhe a beber água benzida, etc. Nenhum tratamento dava resultado positivo. Vanga ficava cada vez pior. Ao

anoitecer, as pálpebras de Vanga incharam e os olhos ficaram vermelhos de sangue. Em busca de bons médicos, o pai de Vanga tomou a decisão de regressar a Strumica. Viveram em casa do irmão apenas 3 meses.

Nenhum dos médicos que Pande consultou sabia que doença atingira os olhos de Vanga. Tentaram tratá-la novamente com os métodos anteriores – lavavam os olhos com infusões de ervas medicinais, aplicavam compressas. Pande e Tanka tinham perdido completamente a esperança de salvar a filha quando apareceu um médico convencido de que conseguiria curar a menina.

O médico examinou a criança e declarou que apenas uma operação poderia ajudar a menina. Na sua opinião, o estado de Vanga era crítico, pois a inflamação dos olhos estava a progredir.

Para realizar a operação, era necessário reunir uma grande quantia de dinheiro que, como é compreensível, a família de pobres não possuía. Pande e Tanka venderam quase todos os seus bens domésticos. Mas mesmo isso era pouco. O dinheiro era metade da quantia exigida.

O dia da operação aproximava-se. Pande estava muito preocupado com a filha, mas não tinha dinheiro para a viagem. Para não ter despesas, Pande pediu a um vizinho que levasse a menina ao hospital. O vizinho era mais abastado e estava precisamente de partida para Belgrado para visitar o filho.

A sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova, decidiu escrever um livro sobre a sua famosa parente, ao que Vanga disse: "Um livro assim não pode ser escrito agora. Pois como descrever o invisível, como abranger o universal, como explicar o ilógico, como acreditar no imaterial" (Krasimira Stoyanova. "A Verdade sobre Vanga").

Quando o vizinho levou Vanga ao hospital, foram recebidos pelo médico que a examinara anteriormente. O médico pensou que

se tratava de um familiar de Vanga e ficou furioso ao ver a quantia irrisória reunida pelo pai da menina. Pensou que o familiar rico estava a mofar dele. Querendo castigá-lo pela avareza, o médico disse: "Quando me trouxerem a quantia necessária, farei a operação!". No entanto, aliviou o sofrimento de Vanga, tratando-lhe os olhos.

Ao regressar de Belgrado, Vanga ainda conseguia ver um pouco. Para a melhoria do seu estado, foi-lhe recomendado repouso absoluto, alimentação substancial e limpeza. Apesar de o pai não poupar nada para Vanga, não conseguia assegurar-lhe tudo o necessário. A família continuava na miséria.

Chegou o ano de 1924. Na família de Pande nasceu mais uma criança – um filho, Tome. Incapaz de sustentar uma família tão grande, Pande partiu novamente para trabalhar como braçal nas aldeias vizinhas. Tanka ficou em casa com os filhos. Ela também não ficava parada, trabalhando de manhã à noite no campo. Em casa, Vanga ficava a cargo da lida doméstica e cuidava também dos dois irmãos mais novos.

Passado algum tempo, Vanga começou novamente a ter problemas de visão. A falta de alimento e as condições de vida inadequadas afetaram a saúde da menina, e a visão começou a deteriorar-se rapidamente. Não havia dinheiro para uma nova operação. Passado algum tempo, Vanga ficou cega novamente, desta vez para sempre.

A Vanga cega afirmava que vira Jesus Cristo. Mas acrescentava: "Ele não é de todo como está representado nos ícones. Cristo é uma enorme bola de fogo, para a qual é impossível olhar, de tal modo é brilhante e clara. Apenas luz, nada mais. Se alguém te disser que viu Deus e que Ele era semelhante externamente a um homem, sabe que aí se esconde uma falsidade" (K. Stoyanova. "Vanga: confissões de uma clarividente cega").

Vanga não concebia a sua vida sem visão. A menina estava à beira do desespero. Passava os dias inteiros a chorar e a rogar a Deus que lhe devolvesse a capacidade de ver. Mas o milagre não aconteceu. Quando Vanga compreendeu que ficaria cega para toda a vida, decidiu aprender a viver assim, em trevas totais.

Passaram-se alguns meses. Doía a Vanga pensar que era um fardo para a sua família. Mesmo não sendo totalmente dependente, havia muito que ainda não aprendera a fazer.

Os vizinhos, ao saberem que na cidade de Zemun havia uma casa para cegos, aconselharam Pande a levar a menina para lá. O pai demorou a decidir separar-se da sua única filha. Mas convenceu-o o facto de as crianças na casa para cegos serem bem alimentadas e de Vanga não passar fome ali.

Em 1926, Vanga foi admitida na casa para cegos. Naquela altura, tinha já 15 anos. Ao saber que teria de se separar dos pais e dos irmãos, Vanga chorou dias a fio. Nada podia aliviar a sua dor. À menina parecia que não voltaria a ver a sua família.

Na casa para cegos começou uma nova vida para Vanga. Tudo ali era novidade para a menina; sentia um pouco de medo, mas ao mesmo tempo interesse. Deram a Vanga roupas novas, iguais às de todas as crianças. Era um belo uniforme escolar: uma blusa com gola de marinheiro e uma saia plissada. Vanga estava feliz. Gostou da roupa nova, na qual se sentia uma rainha.

Cada dia dos internos da casa para cegos estava rigorosamente planeado. Até ao almoço, todas as crianças estudavam o alfabeto de Louis Braille para cegos e outras disciplinas, e aprendiam música. Em Vanga descobriu-se um ouvido musical admirável. Aprendeu fácil e rapidamente a tocar piano. Ao tocar uma melodia, ela imaginava a sua casa natal, os campos verdes, o céu azul, as flores coloridas, o sol carinhoso – tudo aquilo que agora não lhe era dado ver.

Após o almoço, os internos eram instruídos nas tarefas quotidianas. Vanga aprendeu a arrumar as suas coisas pelo tato, a limpar o quarto, a limpar o pó, a pôr a mesa, etc. Aprendia rapidamente as novas tarefas; os seus dedos substituíram-lhe os olhos, tornando-se surpreendentemente sensíveis e flexíveis.

Vanga passou 3 anos na Casa para Cegos. Transformou-se numa bela e esguia jovem. Os que a rodeavam ficavam impressionados com a expressão do seu rosto; este refletia calma e satisfação com a vida.

Vanga acreditava que tudo no Universo – galáxias, estrelas, planetas, incluindo a Terra e tudo o que nela existe, e até cada ser humano individualmente – estava subordinado a uma ordem única e rigorosa, cuja violação levaria inevitavelmente a uma catástrofe. Na opinião de Vanga, esta ordem cósmica fora violada pelos habitantes da Terra e as catástrofes eram inevitáveis.

Foi precisamente na casa para cegos que Vanga encontrou o seu primeiro amor. Tratava-se de Dimitar, um dos internos. O jovem pertencia a uma família rica e era natural da aldeia de Gyato, na região de Gevgelija. Os jovens passavam muito tempo juntos e, um belo dia, Dimitar confessou o seu amor a Vanga e pediu-lhe que fosse sua esposa. Vanga aceitou com alegria.

Os pais de Dimitar ficaram felizes com a notícia e deram a bênção aos jovens. Como eram ricos, podiam perfeitamente ajudar Vanga e Dimitar com dinheiro. A administração escreveu uma carta ao pai de Vanga, na qual os jovens pediam o seu consentimento.

Vanga aguardava com impaciência uma carta de casa. Mas, em vez de notícias alegres, recebeu notícias tristes. Durante a estadia de Vanga na casa para cegos, Tanka dera à luz uma menina, que na altura tinha já 2 anos, e morrera no quarto parto. O pai escrevia para que Vanga regressasse imediatamente a casa para cuidar das

crianças. Vanga teve de se separar do sonho de uma vida feliz com o homem amado.

Nem toda a gente, mesmo com visão, suportaria as provações que couberam a esta jovem cega. Mas Vanga encontrou forças e suportou tudo. As infelicidades não a vergaram; pelo contrário, tornaram-na mais forte.

Na casa natal, esperava Vanga uma miséria terrível. Os irmãos e a irmã mais novos estavam descuidados, as suas roupas estavam sujas e rasgadas, e as próprias crianças estavam doentes devido à fome constante e forçada. Naquela altura, a irmã mais nova Lyubka tinha cerca de 2 anos, Tome tinha 4 anos e o mais velho Vasil tinha apenas 6 anos.

Pande, após esperar a chegada da filha mais velha, partiu imediatamente em busca de trabalho. Queria novamente encontrar trabalho como pastor ou braçal. Vanga ficou completamente sozinha, sem apoio, com três crianças pequenas a cargo. Tinha de ser para eles irmã mais velha, mãe e dona da casa.

Passado algum tempo, a desgraça bateu novamente à porta de Vanga. O terrível terramoto de Chirpan de 1928 afetou também os habitantes de Strumica. As casas dos pobres na aldeia eram muito precárias e não admira que o terramoto as tenha destruído. A casa de Pande ficou arrasada. Felizmente, nem a própria Vanga nem as crianças sofreram ferimentos.

Ao início, Vanga recebia apenas habitantes de Petrich. Mas, semana após semana, tornava-se cada vez mais conhecida. E em 1942, após a abertura da fronteira jugoslavo-polaca, a jovem começou a ser visitada por ainda mais pessoas. Agora vinham ter com ela não apenas búlgaros. O fluxo de pessoas aumentava e, por vezes, não era fácil para Vanga.

Pande teve de deixar o trabalho e regressar para junto da família. Construiu uma casa nova, que mais parecia uma cabana. A família não tinha dinheiro e a casa teve de ser construída com o que restara da habitação anterior. A casa consistia apenas numa pequena divisão e num átrio ainda menor. Mais tarde, porém, acrescentaram à casinha uma minúscula cozinha onde se encontrava a lareira.

A mudança não demorou muito tempo – quase não havia nada para levar para a casa nova. O pai partiu novamente para ganhar a vida e Vanga ficou em casa a criar conforto. Mesmo uma casa tão pobre, graças aos esforços de Vanga, brilhava de limpeza. Vanga forrou o chão de terra com esteiras de junco, num canto colocou a arca colorida herdada de Tanka e noutro encostou a cama.

Mesmo sendo cega, Vanga queria estar rodeada de coisas bonitas. Reuniu fios velhos e teceu com eles uma colcha para a cama. Em redor da casa, criou um pequeno jardim e plantou-o com belas flores.

Quando Vasil e Tome cresceram um pouco, seguiram o pai em busca de trabalho – procuravam emprego como braçais ou pastores. Mesmo esse pouco dinheiro não era de mais para a sua família pobre. Vanga e Lyubka ficaram sozinhas. Posteriormente, viveram as duas durante longos anos nessa casinha minúscula.

A aprendizagem na casa para cegos não foi em vão. Vanga tornou-se uma verdadeira mestre: tricotava e cosia muito e bem. A notícia espalhou-se rapidamente pelas redondezas. Muitos começaram a pedir à jovem que lhes fizesse alguma peça. Pelo trabalho, pagavam a Vanga com lã velha ou roupas usadas. Com isso, Vanga fazia roupa para os irmãos e para a irmã mais novos.

Para si mesma, cosia muito raramente, pois passava praticamente todo o tempo em casa e não saía para lado nenhum.

Se morria alguma mulher em algum lugar, as vizinhas, sabendo da miséria da jovem, davam a roupa da falecida a Vanga.

Vanga não se ficou pelo que já sabia e aprendeu outro ofício: passava quase o dia inteiro a tecer, e Lyubka atava-lhe os fios que se partiam. Gradualmente, Vanga ensinava Lyubka a cuidar da casa e, com o tempo, a irmã mais nova tornou-se uma verdadeira ajudante para Vanga.

Apesar da miséria, havia sempre muito trabalho em casa. Vanga nunca estava parada; às vezes nem descansava. Também não permitia que a sua irmã Lyubka fosse preguiçosa ou vadia. Exigia da irmã limpeza e esmero. Cada dia da semana estava planeado pelas irmãs ao pormenor. Por exemplo, à segunda-feira varriam a casa e o quintal, à terça lavavam a roupa, à quarta cosiam ou tricotavam, à quinta coziam o pão, à sexta iam buscar barro e rebocavam a casa por dentro e por fora, etc.

"Não fumem. O tabaco é um assassino lento e voluptuoso. Atua com certeza e mata a sangue-frio" (K. Stoyanova. "Vanga: confissões de uma clarividente cega").

A pequena Lyubka aprendeu a coser e agora Vanga obrigava-a a remendar a roupa. Vanga era muito exigente com a irmã mais nova. Ao verificar pelo tato o vestido remendado por Lyubka, descosia impiedosamente a costura se o trabalho não fosse de boa qualidade. Às vezes Lyubka passava o dia inteiro a coser, refazendo o trabalho vezes sem conta. Havia muitas peças que precisavam de remendos e Lyubka praticamente não tinha tempo livre. Às vezes chorava amargamente por não poder ir à rua brincar com as crianças vizinhas. Mesmo que Vanga tivesse pena da irmã, mantinha-se implacável.

Nos fins de semana também havia muito trabalho. Ao sábado, as irmãs iam apanhar cogumelos ou bagas, bem como azedas e

urtigas para a sopa. Passavam a manhã de domingo na igreja; após o almoço, os vizinhos vinham ter com elas para buscar a roupa tricotada ou remendada.

Vanga era uma jovem muito comunicativa e alegre. Todos os vizinhos gostavam dela e vinham frequentemente conversar ou partilhar novidades. À noite, as amigas vinham visitar a jovem.

Segundo o costume da época, as raparigas na véspera do dia de São Jorge (6 de maio) deitavam a sorte para conhecer o seu destino. Para isso, num jarro de barro – *delva* – devia colocar-se uma marca especial durante a noite. De manhã, por essa marca, cada rapariga "lia" o seu futuro. Na maioria das vezes, a *delva* era colocada no quintal de Vanga, e era ela o oráculo que falava às raparigas sobre o seu destino. Na maioria dos casos, as previsões cumpriam-se, mas na altura ninguém pensava que Vanga possuía o dom da clarividência. Considerava-se que era a marca que "falava" sobre o destino, e não Vanga.

Houve outros casos em que o dom de Vanga se manifestou, mas ao início ninguém o notava. Além do dia de São Jorge, as jovens locais deitavam a sorte também no Dia dos Quarenta Mártires. As jovens solteiras deviam colocar ramos em forma de ponte sobre um riacho. Depois disso, em sonhos, devia aparecer-lhes o futuro eleito, que passaria por essa ponte. Ao terem o sonho, as raparigas corriam de manhã para junto de Vanga para a interpretação. E Vanga contava às conterrâneas espantadas os seus próprios sonhos, revelando os seus desejos secretos.

Mas o convívio alegre com as amigas não era assim tão frequente. Vanga precisava de trabalhar para se sustentar a si e à irmã. Muito frequentemente passavam fome. A comida habitual do dia a dia era pão de milho, couve brava e leite azedo muito diluído. Havia dias em que nem isso tinham.

"Deitem-se cedo – às 22 horas – e levantem-se cedo – às 5 ou 6 horas. É nessas horas que o corpo e o cérebro descansam melhor, os nervos acalmam e a tensão muscular diminui" (K. Stoyanova. "Vanga: confissões de uma clarividente cega").

Havia muito pouco dinheiro na família e Vanga guardava esses tostões miseráveis para o dia mais negro. E esse dia chegou. Certa vez, acabou-se a farinha em casa. O pai decidiu pedir um pouco de farinha emprestada a um amigo seu – um camponês abastado. O vizinho não emprestou, dizendo que tinha farinha, mas apenas para venda.

Pande pegou num saco de farinha e foi para casa. O dinheiro guardado com tanto esforço teve de ser entregue pela farinha. Tanto Vanga como Lyubka ficaram felizes. Nesse mesmo dia prepararam a massa e cozeram o pão. Finalmente estavam saciadas. Mas ao anoitecer, Lyubka sentiu-se mal e, passado algum tempo, Vanga também ficou com tonturas.

Pande examinou a farinha e viu que, em mais de metade, consistia em ervas daninhas moídas. Foi precisamente com isso que as suas filhas se envenenaram. Ao indignado Pande, o vizinho rico respondeu que não sabia de nada e que, quando entregara a farinha, esta era da melhor qualidade. O pai, agastado, regressou a casa sem nada.

Certa primavera, Pande e Vanga decidiram plantar um pouco de tabaco. Após o cultivarem com dificuldade, quando chegou a altura, cortaram e secaram as folhas. O pai e a filha entregaram o tabaco pronto ao monopólio do tabaco. Mas também aqui tiveram um insucesso. O dinheiro recebido deu apenas para louça de barro.

Chegou o ano de 1934. Lyubka crescera um pouco e já podia ser aluna. A aprendizagem era fácil para ela – Lyubka estudava bem e com alegria. Vanga estava satisfeita com os sucessos da irmã. Ela

também gostava de aprender, mas na casa para cegos apenas tocara na ciência de forma ligeira.

Vanga alegrava-se com o facto de a irmã estudar, também porque os seus irmãos se recusavam obstinadamente a obter conhecimentos. Apesar de as crianças lhe obedecerem sem questionar, recusaram-se terminantemente a estudar. Dedicavam todo o seu tempo ao trabalho, e Vasil disse que, mesmo que tivesse tempo livre, jamais iria à escola.

Às vezes não era fácil para Vanga lidar com os irmãos e a irmã já crescidos, e ainda sustentar a casa. Apesar disso, nunca desesperava nem se permitia queixar-se da vida. O pai, cansado da miséria, desistira completamente.

Vanga contava frequentemente à família os seus sonhos estranhos. Dizia que sonhava constantemente com eventos maus que se cumpriam passado algum tempo. Possivelmente, era precisamente assim que a sua clarividência começava a manifestar-se.

Sem saber de que outra forma ganhar dinheiro e sustentar a sua família, Pande começou a sonhar encontrar um dia um tesouro. Falava constantemente disso à filha mais velha. Certa vez, Vanga mencionou que conhecia um local assim. Descreveu-lhe o terreno e disse que ali estavam enterradas moedas antigas. Pande ficou muito surpreendido com o que ouviu e começou a rir-se da filha. Vanga não lhe disse mais palavra. Vendo que a filha não estava a brincar, Pande calou-se, confuso.

De repente, lembrou-se de que o local descrito existia realmente ali perto. Não longe de Strumica, na margem de um riacho, encontrava-se a aldeia abandonada de Rayantsy. Os habitantes da aldeia tinham morrido durante uma epidemia de peste. Desde essa altura, a aldeia estava vazia. Perto da aldeia havia

uma floresta e, entre esta e o riacho, situava-se uma rocha. Era precisamente sob ela, segundo Vanga, que as moedas estavam enterradas.

Pande começou a interrogar a filha sobre como sabia do tesouro, e Vanga disse que vira esse local num sonho. O pai decidiu verificar se era verdade e começou a preparar-se para partir. Vanga e Lyubka decidiram ir com ele.

Vanga caminhava com segurança à frente. Mesmo o facto de não ver nada não a impedia de se orientar bem no terreno. Chegaram à rocha – estava tudo exatamente como Vanga descrevera. Encontraram também o local do suposto tesouro. O pai, surpreendido com a coincidência, decidiu regressar ali mais tarde com uma pá para escavar o tesouro.

Mas este tesouro estava destinado a passar ao lado. Pouco depois, Pande caiu e partiu um braço. Durante algum tempo não pôde escavar e acabou por não regressar para buscar esse tesouro. Passado algum tempo, surgiu ali uma albufeira, o riacho foi represado e o local onde, segundo Vanga, estava o tesouro, ficou submerso. Já era impossível chegar até ele.

Houve mais algumas vezes em que Vanga ajudou o pai. Uma vez Pande empregou-se novamente como pastor. Do rebanho que ele guardava, desapareceu uma ovelha. Pande devia pagar a ovelha ao seu dono, mas não tinha dinheiro. Irritado, chegou a casa e contou tudo à filha.

Vanga ouviu o pai e disse que a sua desgraça tinha solução. Segundo ela, a ovelha fora roubada do rebanho por um homem que vivia na aldeia de Monosintovo. Vanga relatou o caso em detalhes e descreveu a aparência do ladrão. O pai, surpreendido, disse que não conhecia ninguém que correspondesse à descrição. Mais ainda, Vanga, que quase não saía da casa natal, não podia conhecer esse

homem. Não tinham conhecidos nem familiares na aldeia de Monosintovo. Alarmado pelas palavras de Vanga, Pande começou a interrogá-la sobre como sabia de tudo aquilo, e Vanga disse novamente que tinha sonhado. O pai foi a Monosintovo e realmente encontrou lá um homem que, pela descrição, se parecia com o ladrão. Ao entrar no seu quintal, Pande encontrou também a ovelha desaparecida.

Nem todas as pessoas tinham pena de Vanga e da sua família. Muitos tratavam-nos com desprezo, não aprovando tal miséria. Anualmente, a comunidade de Strumica elaborava listas das famílias mais pobres e atribuía-lhes pequenas quantias de dinheiro. Uma vez, pela altura do Ano Novo, Vanga e Lyubka foram buscar esse subsídio. Vanga estava sem calçado; esteve descalça no chão de cimento várias horas à espera do subsídio e gelou tanto que os seus pés ficaram azuis de frio. Lyubka usava sapatos com sola de madeira sobre os pés descalços. Passou por elas uma mulher da comunidade. Olhando com desagrado para as irmãs, disse: "Se não têm nada para calçar, ficassem em casa, no quentinho!". Vanga engoliu a ofensa em silêncio.

A mulher enganou-se na altura: também na casa das raparigas raramente estava calor. No inverno, as irmãs iam à floresta de pinheiros e apanhavam pinhas — era com elas que se aqueciam, mas não chegava para aquecer devidamente nem a mais pequena casa.

Vanga e Lyubka eram resistentes, mas nem isso as salvou da desgraça que lhes bateu à porta em 1939. O inverno foi especialmente frio e Vanga adoeceu com pleurisia. Por vezes, um médico visitava-a. Certa vez, após o exame, disse a Lyubka que se preparasse para a morte da irmã. Lyubka perdeu completamente a esperança. Vanga quase nada comia e a doença minara as suas forças. A jovem definhava a olhos vistos. Durante 8 meses de doença

grave, Vanga emagreceu imenso. Quando o dia estava solarengo, Lyubka levava Vanga num alguidar para o quintal, para que ela se aquecesse ao sol.

A notícia da doença de Vanga espalhou-se rapidamente pelas redondezas. Para que ela recebesse a última comunhão, os vizinhos convidaram um sacerdote. Alguns chegaram a juntar dinheiro "para o funeral da jovem cega mendiga".

Se não fosse Vanga, o seu pai há muito teria perdido a esperança numa vida melhor. A filha mais velha era para ele um apoio e conselheira em situações difíceis. Ela dizia frequentemente que aquelas dificuldades eram temporárias e que em breve começaria uma vida nova e alegre.

Passaram-se 2 dias, a água acabou em casa e Lyubka decidiu ir ao poço. Ao regressar, de espanto, quase deixou cair o balde: Vanga estava no quintal e varria-o meticulosamente com uma vassoura. E era aquela de quem se esperava a morte a qualquer hora. Parecia fraca e exausta, mas não se podia dizer que estivesse doente. Os seus movimentos eram enérgicos e fortes, como sempre.

Ao ouvir a voz surpreendida da irmã mais nova, Vanga ordenou-lhe que ajudasse, dizendo que era preciso pôr tudo em ordem, pois em breve começariam a vir à casa deles as mais diversas pessoas.

O amor pela limpeza acompanhou Vanga por toda a vida. No entanto, segundo a sua própria confissão, as limpezas eram-lhe necessárias não apenas para pôr a casa em ordem, mas também para organizar os seus pensamentos. Quando se cansava de receber visitantes e de ouvir os seus problemas, fazia uma pausa e começava a limpar a casa.

O ano de 1939 trouxe novas infelicidades. Por todo o lado começaram agitações de massa, eclodiam greves e manifestações. O

governo conduzia uma política antipopular de aproximação à Alemanha. Em breve começaram as detenções. Pande expressou imprudentemente a sua opinião sobre o assunto, foi denunciado e o pai de Vanga foi preso. Cada dia de prisão para Pande começava com um espancamento cruel; torturavam-no, exigindo que nomeasse os "companheiros da luta antigovernamental". Passado algum tempo, Pande foi libertado da prisão e regressou à casa natal. Recuperando-se a custo, partiu novamente em busca de trabalho.

Em 1940, adoeceu Lyubka. Foi parar ao hospital da vila de Shtin com um diagnóstico terrível — meningite. Ao início, os médicos locais recusaram-se a aceitá-la, pois não havia vagas no hospital. Mas depois, compreendendo que sem tratamento a rapariga certamente morreria, colocaram-na no corredor do hospital. Lyubka recuperou ao fim de 2 semanas.

Ansiosa por Vanga, a irmã mais nova apressou-se a voltar para casa. Ao ver Vanga, Lyubka não acreditou nos seus olhos — de tal modo a irmã estava magra. Durante a doença da jovem, ninguém viera visitar a sua irmã mais velha. Não houvera ninguém sequer para ir buscar água para Vanga. Mas a jovem sofria em silêncio e de nada se queixava.

A recuperação de Lyubka era impossível sem uma boa alimentação e cuidados. Os médicos ordenaram rigorosamente que ela bebesse diariamente um jarro de leite de ovelha. Não havia leite e a família teve de se mudar para a aldeia de Khamzali. Ali, Pande conseguia leite para Lyubka e ela recuperou gradualmente.

Certa vez, Vanga e Lyubka foram ao poço buscar água. Era preciso caminhar para longe, através do campo. Habitualmente, Lyubka tirava a água e Vanga sentava-se ao lado, numa pedra. De repente, ao olhar para a irmã, Lyubka assustou-se: pareceu-lhe que ela perdera os sentidos e estava a morrer. Sem saber o que fazer, Lyubka olhava com horror para Vanga. Passado algum tempo, a

jovem despertou. "Não te assustes, não é nada de grave, apenas estive a conversar com um homem. Era um cavaleiro, ele queria dar de beber ao cavalo. Eu disse-lhe para não se zangar contigo por não lhe cederes o lugar, pois tu não o vês. O cavaleiro respondeu-me: 'Não me zango, posso esperar, mas apanha agora aquela ervinha com pequenas flores brancas, chama-se «erva estrelada» e ajuda a curar muitas doenças'" (K. Stoyanova. *"Vanga: confissões de uma clarividente cega"*).

Lyubka ficou muito assustada na altura. Não conseguia compreender de que cavaleiro falava a irmã. Pois não estava ninguém em redor. E como poderia ela estar a falar, se estava sentada em silêncio, sem abrir a boca. A irmã baixou o olhar e viu realmente a erva, cujas flores lembravam estrelinhas. Até então, ela nunca vira aquela erva em lado nenhum, nem sequer ouvira tal nome. Vanga não explicou então as suas palavras à irmã.

Passado algum tempo, ocorreu uma nova desgraça: Pande adoeceu. Começou com uma infeção no sangue e apareceram-lhe úlceras no corpo. Ambas as filhas não se afastavam do doente dia e noite, revezando-se junto dele.

Mais perto do outono, o estado de Pande piorou e tornou-se claro que já não havia esperança de recuperação. Ambos os irmãos — Vasil e Tome — regressaram à casa natal. Ao fim de tanto tempo, a família estava finalmente reunida. Os mantimentos eram ainda mais escassos e passavam fome constantemente.

Diariamente, os irmãos iam para a praça do mercado em busca de trabalho. Vasil às vezes empregava-se como carregador, e Tome, no matadouro, lavava vísceras. Nem sempre os irmãos podiam gabar-se de ganhos; frequentemente regressavam de mãos vazias.

Chegou o dia em que já não lhes restava nada. Pande, agarrando-se à última esperança, enviou Lyubka e Tome ao seu

amigo Hristo Tudzharov para que lhe pedissem dinheiro ou comida. Mas este recusou dar dinheiro, dizendo que o dinheiro só se dava pelo trabalho, e propôs-lhes que recolhessem o algodão que restava no campo. Por isso prometeu pagar.

No dia seguinte, as crianças foram colher o algodão. Caminhava-se para o inverno e estava já bastante frio. Durante todo o dia gelaram, a pele das mãos ficou azulada e gretada. Exaustos de cansaço e frio, à noite levaram a Hristo o algodão colhido. Este lançou às crianças um olhar altivo e atirou-lhes para os pés apenas 2 levs, acrescentando que Lyubka ainda era muito pequena para que lhe pagassem dinheiro. O dinheiro recebido deu apenas para um pão. As crianças levaram-no para casa e choravam de mágoa.

Em novembro, Pande piorou ainda mais. Sentindo que não se safaria, reuniu todos os seus filhos à beira da cama e disse: "Filhos, eu vou morrer. Vocês ficam vivos e chegarão ao dia em que a nossa terra voltará a ser terra búlgara. Pena eu não esperar por esse dia luminoso. Tenho um grande pedido para vos fazer: quando os búlgaros chegarem, chamem um soldado búlgaro qualquer, que ele enterre a baioneta na terra sobre a minha cova, e eu compreenderei que a Bulgária chegou!" (K. Stoyanova. *"Vanga: confissões de uma clarividente cega"*).

Pande morreu a 8 de novembro de 1940; tinha apenas 54 anos. Vanga e as crianças lavaram o pai e vestiram-lhe roupa limpa, mas não tinham dinheiro para o enterrar. Nem o sacerdote quis vir celebrar as exéquias de Pande. Um vizinho, acólito na igreja católica, teve pena das crianças. Graças aos seus esforços, Pande foi enterrado gratuitamente.

Passou pouco tempo e o desejo de Pande cumpriu-se: as tropas búlgaras entraram em Strumica. As crianças pediram ao soldado búlgaro Boris Yanev que fosse à sepultura do pai. Ele enterrou a

baioneta na terra sobre a cova e disse: "Dorme em paz, búlgaro honesto".

Vanga e as crianças ficaram completamente sozinhas. Viver era difícil e os irmãos partiram novamente para trabalhar como braçais pelas aldeias. Vanga e Lyubka ficaram em casa com a lida doméstica.

O dom de Vanga manifestava-se cada vez com mais brilho. Se antes eram apenas sonhos, agora ela passava a entrar, de tempos a tempos, num transe peculiar.

Todo o ano de 1940 passou em inquietações. Frequentemente, entre a população de Strumica, surgiam conversas sobre a guerra iminente. Com os mantimentos tornou-se ainda mais difícil: desapareciam das lojas mal lá eram entregues. Todas as pessoas mais ou menos ricas começaram a fazer reservas de mantimentos.

Os vizinhos sobressaltados reuniam-se frequentemente junto à casa de Vanga e discutiam a situação preocupante em que se encontravam. Vanga dizia constantemente que era necessário fazer um donativo à igreja dos Quinze Santos Mártires e exortava o povo a juntar dinheiro. Só isso, na sua opinião, poderia salvar Strumica da destruição durante a guerra. Vanga dizia que vira em sonhos os acontecimentos vindouros, a destruição e a fome. Os vizinhos concordavam com ela, mas ninguém se apressava a fazer donativos.

Chegou o ano de 1941 e Vanga viveu mais uma visão que mudou toda a sua vida. Viu um homem que lhe contou o que haveria de acontecer num futuro próximo e o que ela própria deveria fazer. Eis como a própria Vanga descreve o encontro com este homem: "Ele era alto, loiro e divinamente belo. A sua armadura de guerreiro antigo brilhava à luz do luar. Um cavalo com uma cauda branca esvoaçante escarvava a terra com os cascos. O cavaleiro parou no quintal, desmontou e entrou no quartinho escuro. Ele irradiava tal luz que na casa ficou claro como se fosse dia.

O convidado disse com uma voz profunda: „Em breve tudo se transformará neste mundo, muita gente morrerá. Tu ficarás aqui e vaticinarás sobre os vivos e os mortos. Não tenhas medo! Eu estarei por perto, ajudar-te-ei sempre" (K. Stoyanova. *"Vanga: confissões de uma clarividente cega"*).

Mais surpreendida do que assustada, a jovem chamou Lyubka e perguntou-lhe quem era aquele cavaleiro, mas a irmã não vira ninguém. E embora Vanga insistisse que ele acabara de sair do quintal a cavalo, Lyubka afirmava que ninguém viera ter com elas, nem poderia vir, pois lá fora era noite fechada. Vanga compreendeu que só ela vira o misterioso cavaleiro e não discutiu com a irmã. Chamou à sua visão um sonho e contou detalhadamente o que lhe "tinha parecido no sonho".

A 8 de abril de 1941, as tropas alemãs invadiram as cidades jugoslavas. Os habitantes de Strumica fugiram em pânico das suas casas e esconderam-se — uns em caves, outros na floresta. Na aldeia ficaram apenas Vanga e Lyubka. Passadas algumas horas, as irmãs ouviram o estrondo dos tanques alemães. Mais tarde, começaram a ouvir-se também vozes: os alemães andavam pelas casas e saqueavam-nas. Entraram também na delas. As irmãs, de medo, não conseguiam mexer-se. O soldado olhou em redor e, percebendo que não havia ali nada para levar, saiu.

Quando o pai de Vanga adoeceu, ela já conseguia prever o futuro, embora não o dissesse aos familiares. Mas quando o estado do pai melhorou temporariamente e Lyubka expressou esperança de que ele recuperaria, Vanga disse tristemente que em breve o pai deles morreria.

Passados alguns dias, os habitantes começaram a regressar às suas casas. Os vizinhos espreitaram à casa das irmãs; muitos estavam preocupados com Vanga e Lyubka. Todas as pessoas olhavam perdidas para Vanga, que mudara imenso naqueles poucos dias.

Vanga estava de pé junto à parede perante uma lamparina acesa e profetizava — descrevia esta ou aquela localidade, eventos passados ou futuros, dizia nomes de pessoas e, o mais importante, comunicava quem ficaria vivo, quem haveria de morrer na guerra e quem já tinha perecido.

Vanga falava com uma voz alta e segura, mas de algum modo "estranha"; o seu rosto parecia irradiar uma luz brilhante. Não prestava qualquer atenção às pessoas que chegavam, como se estas não estivessem na sala; contudo, o aspeto da jovem era tão estranho e simultaneamente tão seguro que os conterrâneos sentiam um desejo involuntário de se ajoelharem perante ela, como perante uma santa.

Posteriormente, todas as suas previsões se cumpriram. Começou a falar-se de Vanga como uma vidente. A fama sobre ela espalhou-se por todas as redondezas.

As pessoas começaram a vir ter com Vanga em busca de conselho ou para obter notícias dos seus entes queridos. Certa vez, veio ter com ela o soldado búlgaro Dimitar Gushterov. Ele sonhava há muito ver Vanga e interrogá-la sobre os assassinos do irmão, que deixara três filhos órfãos. Vanga chamou Dimitar para dentro de casa e disse que sabia por que razão ele viera: para ouvir quem matara o seu irmão. Mas, antes de lhe dizer, Vanga fê-lo prometer que não se vingaria, e acrescentou que os culpados pela morte do irmão seriam julgados de qualquer forma. Aconteceu tal como Vanga disse.

Posteriormente, Dimitar veio várias vezes ter com a jovem e conversavam longamente. Certa vez, Vanga chamou Lyubka e disse que Dimitar viria em breve pedi-la em casamento e que eles iriam viver para Petrich. Assim aconteceu.

Num dos dias, uma carruagem pintada parou junto à casa de Vanga. A carruagem estava decorada com tapetes brilhantes e o interior forrado com flores e ervas aromáticas. Na carruagem ia um Dimitar embaraçado.

A notícia do casamento próximo de Vanga e Dimitar espalhou-se mais depressa que o vento pelas redondezas. Os vizinhos começaram a vir à casa de Vanga para se despedirem dela. Ao partirem das suas terras natais, Vanga e Lyubka olharam longamente para a casa, despedindo-se dela e das infelicidades que ali tiveram de viver. Pela frente estava uma vida nova, e as irmãs acreditavam que todas as desgraças tinham ficado para trás…

Apesar de Vanga saber antecipadamente da morte próxima do pai, não só não entrou em pânico como tentou apoiar os seus irmãos e a irmã. A resistência da jovem cega é impressionante e digna de admiração e imitação.

A juventude de Vanga foi muito dura. Apetece compará-la à Gata Borralheira: vivia na miséria, tinha de trabalhar muito, mas eis que finalmente surgiu na sua vida um homem que a amou e com quem a vida, como Vanga esperava, seria feliz. Contudo, ela não podia viver como qualquer outra pessoa. Pois ela não era como os outros. Em primeiro lugar, era uma clarividente e via o passado, o presente e o futuro. E não apenas isso. Podia comunicar até com os espíritos dos mortos.

Capítulo 5

COMUNICAÇÃO COM OS MORTOS

PODERIAM ELES SER PORTADORES DE INFORMAÇÃO?

A comunicação com os espíritos dos mortos chama-se espiritismo. A pessoa que evoca os espíritos e pode comunicar com eles chama-se médium. A comunicação pode ocorrer de várias formas: os espíritos manifestam-se movendo uma mesa, através de batidas, etc. Alguns asseguram que os espíritos podem até materializar-se.

Os médiuns comunicavam com os espíritos dos mortos em todos os tempos. Sobre isso é dito também no Antigo Testamento: "E Saul despiu as suas vestes, e vestiu outras, e foi ele, e com ele dois homens, e vieram de noite à mulher. E disse-lhe Saul: Peço-te que me adivinhas e me faças subir a quem eu te disser. Porém a mulher lhe disse: Eis que tu sabes o que Saul fez, como baniu da terra os feiticeiros e adivinhos; por que, pois, armarás um laço à minha alma, para me fazeres morrer? Então Saul lhe jurou pelo Senhor, dizendo: Vive o Senhor, que nenhum mal te sobrevirá por este negócio.

A mulher então lhe disse: A quem te farei subir? E disse ele: Faze-me subir a Samuel. Vendo, pois, a mulher a Samuel, gritou com alta voz, e a mulher falou a Saul, dizendo: Por que me enganaste? Pois tu mesmo és Saul. E o rei lhe disse: Não temas; [diz-me,] que vês? Então a mulher disse a Saul: Vejo um deus que sobe da terra. E lhe disse: Como é a sua figura? E disse ela: Vem subindo um homem ancião, e está envolto numa capa. Entendendo Saul que era Samuel, inclinou-se com o rosto em terra e se prostrou.

E Samuel disse a Saul: Por que me inquietaste, fazendo-me subir? Então disse Saul: Mui angustiado estou, porque os filisteus guerreiam contra mim, e Deus se tem desviado de mim, e não me

responde mais, nem pelo ministério dos profetas, nem por sonhos [, nem por visões]; por isso te chamei a ti, para que me faças saber o que hei de fazer. Então disse Samuel: Por que, pois, me perguntas a mim, visto que o Senhor se tem desviado de ti, e se tem feito teu inimigo? Porque o Senhor tem feito para com ele como pela minha mão já disse; pois o Senhor tem rasgado o reino da tua mão, e o deu ao teu próximo, a David.

Como tu não deste ouvidos à voz do Senhor, e não executaste o furor da sua ira contra Amalec, por isso o Senhor te fez hoje isto. E o Senhor entregará também a Israel contigo na mão dos filisteus, e amanhã tu e teus filhos estareis comigo; e o arraial de Israel o Senhor entregará na mão dos filisteus. E imediatamente Saul caiu estendido por terra, e teve grande medo das palavras de Samuel..." (I Samuel, 28).

A previsão de Samuel cumpriu-se. Contudo, aos judeus era proibido invocar os mortos. Isto fica claro no extrato citado, e noutros livros da Bíblia fala-se da punição que cabe àqueles que recorrerem a médiuns para conhecer o seu futuro. A religião cristã também proíbe evocar os espíritos dos mortos; possivelmente por isso o interesse por tal forma de previsão do futuro foi pequeno durante muito tempo. O espiritismo voltou a tornar-se popular em meados do século XIX. Inicialmente começou a haver interesse na América do Norte, depois na Europa e, no final do século XIX, também na Rússia.

Até cientistas famosos e pessoas sensatas se interessaram seriamente pelo espiritismo. Assim, um entusiasta fervoroso do espiritismo foi o escritor inglês Arthur Conan Doyle.

Certa vez, numa consulta, uma médica pediu a Vanga que falasse sobre os médicos da Antiguidade, sobre a forma como tratavam os seus pacientes. A clarividente búlgara começou a dizer com segurança nomes conhecidos apenas por um círculo restrito de

especialistas. A médica ficou atónita. "Poder-se-ia pensar que Paracelso é seu amigo pessoal", recordou ela mais tarde.

Após o espiritismo se tornar popular na Rússia, foi criada na Universidade de São Petersburgo, por proposta de D. I. Mendeleev, uma comissão especial para o estudo deste fenómeno. As investigações nada deram e o espiritismo passou a ser oficialmente considerado uma superstição. Contudo, muitos dos seus entusiastas continuaram a tentar provar o contrário.

Simultaneamente, os sacerdotes cristãos advertiram repetidamente as pessoas contra a crença em previsões obtidas no decurso da comunicação com espíritos: "No homem carnal, na vida presente, há o desejo de espreitar o futuro para evitar males ou alcançar o desejado. Por isso, para que as pessoas não voltem o olhar para Deus, a natureza demoníaca cheia de engano inventou muitos modos de conhecer o futuro: por exemplo, adivinhação, interpretação de sinais, profecias, evocação de mortos, êxtases, possessões de divindades, inspirações, cartas e muito mais.

E se algum tipo de previsão, devido a algum engano, for reconhecido como verdadeiro, o demónio apresenta-o ao iludido como justificação de uma proposta mentirosa. E para cada sinal falso o estratagema demoníaco aponta aos iludidos, para que as pessoas, afastando-se de Deus, se voltem para o serviço aos demónios. Um dos tipos de engano foi também o engano dos ventríloquos, nos quais se acreditava que a sua feitiçaria podia atrair as almas dos mortos novamente para a vida de aqui" (Santo Gregório de Nissa). Mas as pessoas estão prontas para tudo, até para a comunicação com espíritos de mortos ou com aqueles que tomam pelos seus entes queridos falecidos, apenas para conhecer o seu futuro.

Vanga comunicava muito frequentemente com os espíritos dos mortos. Podia vê-los, conversar com eles, fazer perguntas sobre temas de interesse e obter respostas. Às vezes ela própria evocava

os espíritos dos mortos, outras vezes eles próprios vinham ter com ela e através dela transmitiam aos vivos o que queriam.

A própria Vanga contava que podia ver as imagens dos mortos tal como eram em vida, e fazer as mais diversas perguntas. Nem sempre comunicava a presença dos espíritos dos mortos aos visitantes que vinham à consulta, mas por vezes estes próprios o percebiam: "Quantos homens de ciência vieram ter com Vanga para, como se costuma dizer, levar as mãos à cabeça, arregalar os olhos e ir-se embora sem ter percebido nadinha! «Permitam-me, pois aqui há um milagre, sem dúvida um milagre — dizia o cientista soviético Mikhailov. — Não acredito que ela pudesse ouvir a voz da minha mãe, falecida há 10 anos. Contudo, apenas a minha mãe sabia o que Vanga me disse. Significa que os milagres existem?»" (K. Stoyanova. *"A Verdade sobre Vanga"*).

Vanga tinha as suas próprias ideias sobre o que espera o homem após a morte. Naquela altura, muitos cientistas eram materialistas e não aceitavam as teorias da vidente, que contradiziam bruscamente as suas convicções. Contudo, apesar de Vanga ser uma pessoa profundamente religiosa, a sua teoria contradizia também a cristã comum. Assim, conservou-se o registo de uma conversa de Vanga com um visitante, na qual ela expõe as suas considerações sobre o que é a morte (o registo da conversa foi publicado por K. Stoyanova):

"— Já te disse que após a morte o corpo se decompõe, desaparece, como tudo o que é vivo após a morte. Mas uma certa parte do corpo não se submete à decomposição, não apodrece. — Pelos vistos, refere-se à alma humana? — Não sei como lhe chamar. Considero que aquilo no homem que não está sujeito à decomposição se desenvolve e passa para um estado novo, mais elevado, do qual nada sabemos concretamente. Acontece aproximadamente assim: morres analfabeto, depois morres aluno,

depois pessoa com ensino superior, depois cientista. — Então, significa que esperam o homem várias mortes? — As mortes são várias, mas o princípio supremo não morre. E isso é a alma humana."

Possivelmente, falaram-lhe de várias mortes os espíritos dos mortos que ela evocava, ou talvez ela própria o visse com a sua "visão interior".

Quando morreu o marido de Vanga, a vidente adormeceu imediatamente e dormiu até que se realizasse o sepultamento. Depois acordou e comunicou que todo aquele tempo estivera com o marido, a acompanhá-lo. O que viu e sobre o que conversou com o marido falecido, não contou. Contudo, Vanga afirmou mais de uma vez que é para os espíritos dos mortos uma espécie de janela através da qual eles podem ver este mundo, e uma estafeta através da qual eles podem transmitir as suas mensagens. Sobre se apenas Vanga é capaz de perceber as mensagens dos espíritos ou se na Terra há outras pessoas capazes de tal, ela também não disse.

Os cientistas ainda não conseguem dizer com exatidão se Vanga era realmente capaz de comunicar com os mortos e obter informações deles; aliás, ao que tudo indica, tal é impossível de provar. No entanto, Vanga estava convicta de que tudo acontecia precisamente dessa forma. "Quando uma pessoa está diante de mim, todos os seus entes queridos falecidos reúnem-se ao seu redor. Eles próprios me fazem perguntas e respondem de boa vontade às minhas. O que eu ouço deles é o que transmito aos vivos", dizia ela.

"Sei através de conhecidos meus... que todas as suas palavras de conforto se confirmaram totalmente. Os nossos encontros com Vanga deixaram uma marca indelével para toda a vida. Vanga é uma super-mulher, ela é um oráculo, que Deus lhe dê longos anos de vida!" (K. Stoyanova. *"A Verdade sobre Vanga"*).

Vanga teve inúmeros casos de comunicação com os mortos. Entre eles, pode-se recordar este: uns pais tinham um filho a quem amavam muito e de quem nunca se separavam por muito tempo. Quando ele cresceu e começou a passar mais tempo com amigos, os pais deixavam-no ir sempre com muita relutância. E eis que, certo dia, uns amigos convidaram o adolescente de 16 anos para uma casa de campo. Ele pediu autorização primeiro ao pai, depois à mãe, e ambos, sem terem combinado, deixaram-no ir com muita facilidade por alguma razão. Na casa de campo ocorreu uma desgraça: o rapaz morreu, atingido por uma descarga elétrica.

Ao saberem disto, os pais ficaram destroçados pela dor e começaram a culpar-se mutuamente por o terem deixado ir sem pensar. Não conseguiam de modo algum conformar-se com a perda, e alguém os aconselhou a ir ter com Vanga.

A desgraça tinha ocorrido recentemente e, nesse caso, o contacto com o morto era sempre para Vanga uma provação muito dura e podia até terminar num surto psíquico. No entanto, ela aceitou recebê-los.

Vanga sentiu a presença do filho falecido dos visitantes mal eles entraram na sala. Ficou muito pálida e dirigiu-se a eles tal como o filho costumava dirigir-se antes, quando regressava a casa. O pai sentiu-se mal imediatamente durante a consulta: reconheceu a voz do seu filho morto. A mãe também confirmou tal facto. As primeiras palavras do rapaz foram sobre um amigo vivo: pedia aos pais que fossem ter com ele amanhã, pois era o seu dia de anos, e levassem um presente.

Depois disse o seguinte: "Contem-me: como está o Lyudmil? Recebi flores do Vanya, mas também há muitas lágrimas. Não chorem tanto, vocês regam-nos tão abundantemente com lágrimas e sujam as nossas roupas. Depois não há com que as limpar. O céu não é azul, como vos parece, é branco, muito branco. E nós estamos

de branco. Quero que, da próxima vez que vierem, encomendem um adorno de prata, algo como um colar, tragam-no convosco, gravem nele as letras B. e K. Eu voltarei. Voltarei a visitar-vos, mas será à nona hora" (K. Stoyanova. *"A Verdade sobre Vanga"*).

Os pais não compreenderam o que significava a última frase. O pai perdeu a fala de espanto e horror, mas a mãe encontrou forças para fazer uma pergunta. Dirigindo-se a Vanga, perguntou se ela podia descrever como é que o filho deles aparecia agora. No entanto, Vanga nada respondeu. Não se sabe se ouviu a pergunta. Por outro lado, o rapaz, através da voz de Vanga, aparentemente zangado por não falarem com ele, começou a afirmar: "Estou aqui, sou aquele por quem perguntam, e para que todos acreditem, vou contar como se despediram de mim. Estou com calças cinzento-escuras e uma camisola cinzenta. Não se admirem! Quando eu estava a sair e vos perguntei, ambos me permitiram ir. Chamaram-me, e ninguém me pôde deter. Comigo estão o meu tio e o meu avô. Caminham de mãos dadas". Depois silenciou-se um pouco e acrescentou: "Bem, é tudo o que me é permitido ficar e falar convosco".

Passou mais algum tempo. Vanga recuperou os sentidos e, já com a sua própria voz, acrescentou: "Pronto, ele afastou-se, voou para as alturas como uma túnica branca como a neve". Depois acrescentou que todos os homens, independentemente de terem sido crentes ou não crentes em vida, voarão na mesma direção. Disse ainda que o filho deles sentiu que chegara a sua última hora, ouviu que o chamavam e partiu.

Neste caso há muito de obscuro. Por exemplo, por que razão o rapaz falava de roupas que os seus familiares supostamente sujavam com lágrimas, o que significa a sua promessa de vir à nona hora e por que razão o rapaz pedia para virem mais uma vez e trazerem um colar de prata. No fim, disse que lhe permitiram falar com os pais,

mas o tempo da conversa esgotara-se. Surge involuntariamente a pergunta: quem permitiu e a quem obedece ele agora?

Contudo, os pais não tiveram qualquer dúvida de que Vanga conseguira evocar precisamente o espírito do seu filho morto, pois ele dissera o nome dos seus amigos e descrevera a roupa que vestia antes de morrer.

Outro caso. Veio ter com Vanga uma visitante, uma mulher jovem. Vanga viu imediatamente a mãe falecida dela, uma mulher jovem e alegre com olhos azuis, de saia colorida e lenço branco. Depois, segundo Vanga, ela levantou a bainha da saia e, sorrindo, aconselhou a perguntar à filha se esta se lembrava da cicatriz na coxa. A visitante confirmou que a mãe tinha realmente uma cicatriz.

Depois, a falecida pediu para transmitir à filha que a sua irmã Magdalena não fosse ao cemitério, porque não tem joelho e é difícil para ela caminhar. A visitante confirmou também isto: Magdalena fora realmente operada ao joelho, tendo colocado uma rótula artificial. Depois Vanga, dizendo que a mãe pedira para contar isso à filha, descreveu mais alguns eventos do passado da própria falecida, os quais a filha desconhecia, mas que pareciam muito verosímeis.

No fim da sessão, Vanga previu também o futuro, desta vez com a voz da mãe da visitante: "Recentemente o meu filho bateu com a cabeça e agora está muito doente". A visitante confirmou que o seu irmão estava realmente doente, fora-lhe detetado um trombo nos vasos cerebrais e fora operado. Vanga, com a voz da falecida mãe, acrescentou: "Façam outra operação, mas apenas para vossa tranquilidade. Não servirá de nada, o teu irmão morrerá em breve". Esta previsão cumpriu-se: o homem morreu realmente.

Vanga assegurava que sabia falar com as flores e que as flores lhe contavam muitas coisas interessantes. Assim, certa vez, de entre toda a multidão de visitantes, pediu que chamassem uma mulher

floricultora de Sófia. À pergunta sobre como soubera esses detalhes, Vanga respondeu: "Pois as flores de lótus acabaram de me contar. A mulher quer perguntar-me o que fazer com o seu filho totalmente desregrado. Chama a infeliz, eu vou contar-lhe tudo".

Certa vez, veio ter com Vanga uma visitante cujo filho morrera recentemente. Ele era soldado e sofrera um acidente de viação, não o conseguiram salvar. A mãe disse que o filho se chamava Marko, mas Vanga disse que não, que ele próprio afirmava chamar-se Mario. Então a mãe confessou que realmente em casa chamavam o filho precisamente assim. Depois, o filho falecido transmitiu através de Vanga que sabia que morreria na terça-feira, alguns dias antes de tal acontecer, que tivera um pressentimento desde sexta-feira, e comunicou também quem era o culpado de ter ocorrido o acidente e de ele ter morrido. O falecido perguntou ainda por que razão não via a sua irmã, e a mãe comunicou que ela se mudara para outra cidade e agora vivia e trabalhava lá.

Das últimas palavras pode concluir-se que o filho falecido, possivelmente, podia ver a sua casa natal, a mãe, mas não via a irmã porque ela já não vivia lá, e perguntou à mãe sobre isso.

Vanga falou repetidamente sobre a morte, que na sua conceção era um ser vivo que se podia ver. A um homem disse que a morte era um belo cavaleiro montado num cavalo e de armadura; a outro, que vira a morte e que era uma mulher bonita com longos cabelos soltos; e certa vez confessou que o homem verá a morte tal como a imagina. Significará isto que Vanga quis ver um cavaleiro e a morte lhe apareceu com esse aspeto, e que aqueles que imaginam a morte como uma velha num sudário branco com uma gadanha verão precisamente esse ser? A isto ninguém poderá dar uma resposta exata.

Vanga sempre assegurou que comunicava diretamente com os espíritos dos mortos. No entanto, ao que tudo indica, nem sempre

era assim. Por vezes, as informações eram-lhe fornecidas pelos próprios familiares do falecido, sem que estes se apercebessem. Ela ligava-se a eles, por assim dizer, e via o seu passado, presente e futuro, e no passado via também aqueles que já tinham morrido.

No entanto, estes contactos eram sempre muito pesados para ela; após os mesmos, sentia-se muito mal, às vezes ficava doente durante vários dias. E, por isso, pedia que para tais sessões trouxessem flores de vaso. Poder-se-ia pensar: como é que as flores podem influenciar o seu estado? Contudo, a própria vidente explicava que as flores são também portadoras de informação, a qual lhe é muito mais fácil de percecionar: "Por que vieram sem flores?

Aquela informação sobre o falecido que, com elas, vocês comunicam inconscientemente apenas com a vossa presença, é conhecida também pelas flores, mas as flores sabem transmiti-la com mais delicadeza do que o homem, salvando-me assim dos choques". Desta forma, impõe-se a conclusão de que por vezes Vanga comunicava com os mortos ou até eles próprios comunicavam através dela com os seus familiares vivos, e noutros casos ela retirava a informação de outras fontes. Contudo, os contactos com os mortos aconteciam realmente, apesar de Vanga os suportar com muita dificuldade.

Vanga morreu a 11 de novembro de 1996. Antes disso, esteve doente, mas ainda assim continuou a receber visitantes. Mesmo quando a internaram no hospital, não recusava aqueles que desejavam vê-la. Conservou-se até uma fotografia de Vanga na enfermaria do hospital.

Vanga sabia a data exata da sua morte e estava pronta para partir deste mundo. Contudo, sobre o que a esperava após a morte, não se alongava. Se sabia onde iria estar após a morte, como seria a sua existência futura — não se sabe.

Vanga pediu para ser sepultada no jardim junto à casa. Também expressou o desejo de que no seu funeral cantasse um coro da igreja. A última vontade da vidente foi transmitida à Fundação Vanga, que dirigiu o seu funeral. No entanto, esta não foi cumprida. Foi decidido sepultar Vanga junto à igreja de Santa Petka da Bulgária, em Rupite.

Abriram a cova, mas começou a entrar água nela. Provavelmente, a causa disso era o facto de, não longe desse local, ter existido no passado a casa de banho de uma base turística. Apesar da água, decidiu-se não mudar a cova. Para proteção contra a água, decidiu-se fazer uma impermeabilização: a cova foi cheia com betão e revestida com azulejos, desceram nela uma estrutura de tábuas e sobre ela colocaram o caixão com o corpo de Vanga. Depois, fecharam a sepultura com blocos de ferro, sobre os quais instalaram a lápide.

Na sepultura de Vanga ardem constantemente velas e há flores frescas. Vêm aqui pessoas de todos os cantos do mundo. Consideram Vanga santa e estão convictas de que ela pode ajudar as pessoas mesmo após a morte. As crianças acreditam que, se pedirem um desejo junto à sepultura de Vanga, este se cumprirá obrigatoriamente. Os adultos elevam orações à clarividente búlgara, acreditando que ela os ajudará nos problemas da vida ou os curará de doenças.

Alguns afirmam que continuam a comunicar com Vanga mesmo após a sua morte. A comunicação, segundo dizem, ocorre em sonhos: a profetisa aparece-lhes nos sonhos e fala com eles, conta o que devem fazer para recuperar a saúde, evitar desgraças, etc.

Comunicou com Vanga após a morte também a curandeira Lyudmila Kim. Segundo ela, Vanga apareceu-lhe em sonhos e pediu-lhe que trouxesse um tecido vermelho. Kim, por sua própria confissão, ficou muito surpreendida, pois sabia que em vida Vanga

não gostava dessa cor; no entanto, no sonho apareceu-lhe precisamente de vermelho. Kim adquiriu três cortes — de brocado, veludo e seda — e visitou a sepultura de Vanga. Ali, pendurou os cortes diretamente sobre a pedra tumular de Vanga. E então aconteceu o inexplicável: os presentes, incluindo Kim, viram Vanga, que apareceu para buscar o presente. O rosto de Vanga no tecido é bem visível também nas fotografias que foram tiradas nesse momento.

Desta forma, Vanga confirmou mais uma vez a possibilidade de contactos com os mortos.

Capítulo 6

O MÉTODO DE VANGA

O AÇÚCAR COMO FORMA DE OBTER INFORMAÇÃO

TÁCTIL SOBRE O ESTADO DO ORGANISMO

Eu sou o corrimão da ponte sobre a corrente impetuosa: segura-te a mim, quem puder segurar-se. Mas não sirvo de muleta para vós. — Assim falava Zaratustra, F. Nietzsche.

O mais surpreendente na prática de Vanga, para muitos, era o facto de ela diagnosticar com facilidade o paciente sem sequer lhe tocar. Como explicar isto? Pois Vanga não recebeu formação médica, nada sabia sobre doenças, nem sequer sabia anatomia. E, no entanto, não só fazia o diagnóstico como frequentemente recomendava métodos de tratamento, por vezes surpreendentes, dos quais nem médicos nem curandeiros populares tinham ouvido falar.

Isto pode tentar explicar-se assim. Possuindo capacidades de clarividência, ela via perfeitamente o passado, o presente e o futuro do homem. Ela própria dizia que via a vida do homem como se

estivesse filmada numa fita de cinema. Desta forma, via também as doenças que podem acontecer às pessoas no futuro, e as causas que as provocaram no presente ou no passado, e em geral toda a informação sobre o estado do organismo humano, possivelmente até aquela de que nem suspeitamos. Mas como ela descobria com que era melhor tratar-se, permanece incompreensível.

Para conhecer melhor a vida de cada paciente, Vanga utilizava um método original — o açúcar.

"No meio da sala está uma mesa grande, cheia de presentes para a clarividente e incontáveis pedaços de açúcar embrulhados em papeizinhos. O açúcar é também um dos mistérios do dom de Vanga, uma vez que ela exige a cada um que a visita que traga um pedaço de açúcar que tenha estado pelo menos alguns dias na sua casa. Quando o visitante entra, ela pega nesse pedaço, segura-o nas mãos, tateia-o e começa a vaticinar. Porquê açúcar? O que está gravado nos cristais de açúcar, através dos quais Vanga adivinha sem erro o destino do visitante? Até hoje ninguém pôde responder a esta pergunta. Nem a própria Vanga o pode responder." Assim escreveu a sobrinha de Vanga, K. Stoyanova, no seu livro *"A Verdade sobre Vanga"*.

E aqui ficam as impressões do encontro com Vanga do jornalista libanês Abdel Amir Abdalla, que visitou a búlgara em 1982. Como todos, veio à consulta com um pedaço de açúcar na mão. Posteriormente, descreveu as suas impressões (aqui o seu relato é apresentado com omissões):

"Uma sala como tantas outras. No meio — um aquecedor elétrico. Vanga estava sentada num sofá coberto por um tapete com riscas azuis e cor de laranja. Tentei concentrar todas as minhas forças espirituais para não cair sob a sua influência. Tirei os óculos e olhei fixamente para os rostos das outras três mulheres sentadas num canto da sala. Tudo se gravou na minha consciência. Reinava o

silêncio. Ele vinha do rosto de Vanga. Depois ela levantou a cabeça e disse com uma voz forte e segura, que expressava uma vontade inabalável: — Dá-me o açúcar, jornalista libanês! Tirei o pedaço de açúcar do bolso e coloquei-o sobre a mesa para ver como Vanga o pegaria. Sem qualquer esforço, ela estendeu a mão e pegou no açúcar. Começou a tateá-lo; a sua mão era firme. Voltou-se para mim. Parecia-me que ela me observava por dentro, e disse: — Tu usas óculos, que colocas sobretudo em reuniões importantes e noutras circunstâncias. Por que os tiraste agora?..."

Assim, mal pegou no açúcar, Vanga soube imediatamente dos óculos. O jornalista não a visitou para saber da sua saúde, e isso Vanga também percebeu muito bem através do pedaço de açúcar. Por isso, de seguida, Vanga falou muito sobre a situação política no país dele e em geral no Médio Oriente, sobre o que aconteceria no futuro. Posteriormente, o jornalista tentou explicar isto assim: "Habitualmente Vanga não fala de política.

Todos me tinham avisado disso. Mas por que comigo ela começou a falar de política? Talvez porque me preocupava a situação política e a sorte do meu país. Pensei nisso na noite anterior, e os meus segredos gravaram-se no pedaço de açúcar, e Vanga traduziu esses segredos através da química das sensações em palavras" (K. Stoyanova. *"A Verdade sobre Vanga"*).

A visão à distância é uma das variantes da clarividência. É a capacidade de uma pessoa ver o que acontece a grande distância dela. Tais capacidades são também chamadas de efeito de viagens astrais. Considera-se que os xamãs possuem visão à distância.

Vanga não começou a utilizar o açúcar imediatamente. Ao início, a fonte de informação para ela era o fogo. Mencionou-se acima que inicialmente Vanga profetizava pondo-se diante de uma lamparina. Depois pedia para acenderem uma vela diante dela. Era com a vela acesa que recebia os visitantes. Mas, passado algum

tempo, devido ao receio de incêndios, a vela foi substituída pelo açúcar. A própria Vanga contava isto assim: "A voz mandou-me substituir a vela por um pedaço de açúcar, porque ele é puro" (K. Stoyanova. *"A Verdade sobre Vanga"*).

Por vezes Vanga pegava noutros objetos pertencentes à pessoa, por exemplo relógios ou algo mais. Certa vez, determinou o estado de uma pessoa através de um ramo de flores. Isto aconteceu com V. L. Levi, que registou este caso (apresentado com omissões):

"No início dos anos oitenta, viajei para a Bulgária, prestei consultoria lá. Um amigo de um paciente meu teve, por feliz acaso, a oportunidade de me levar à grande clarividente Vanga — habitualmente esperava-se em fila durante anos por ela... Chegámos à pequena cidade fronteiriça de Petrich, onde Vanga vivia e recebia o povo. O companheiro avisou-me de que, na véspera do encontro, ao deitar-me, deveria colocar sob a almofada dois pedaços de açúcar. Não perguntei porquê — já sabia: os curandeiros de aldeia comuns exigem frequentemente o mesmo aos seus paroquianos — o açúcar durante a noite absorveria o conteúdo da alma... Isto inspirou-me algum ceticismo, mas ainda assim dormi conscienciosamente sobre o açúcar.

Decidi não perguntar nada a Vanga, ir apenas conviver, falar, e depois logo se veria...

De manhã, ao partir para o encontro, embrulhei os pedaços de açúcar num papelinho, meti-os no bolso e, além disso, levei um ramo de flores enorme que me tinham entregado na noite anterior num encontro com professores locais; este ramo também passara a noite à minha cabeceira...

E aqui estamos nós em casa de Vanga, numa casinha de madeira, numa salinha apertada onde não há nada além de um sofázinho, algumas cadeiras e um cesto de lixo grande. Diante de

mim está uma velhinha insignificante e minúscula com um rosto difícil de memorizar. A cabeça atada com um lenço. Nos olhos, cataratas. Olha, como é próprio dos cegos, para um lado...

Mantém-se muito direita, altiva. Os movimentos são imprevisíveis, bruscos — nota-se que obedecem a impulsos internos...

E uma voz jovem de rapariga, alta, melodiosa, soando como se não viesse daquele corpinho seco, mas de algum lugar de cima, do céu mais próximo...

Imediatamente sinto uma leveza invulgar e uma calma surpreendente. Como se estivesse aqui toda a vida e como se não tivesse corpo — da sua presença lembrava apenas um calafrio com arrepios entre as omoplatas...

Coloquei no colo de Vanga o meu açúcar juntamente com o ramo de flores. O açúcar ela afastou-o com desprezo, mas o ramo começou a tateá-lo em silêncio...

Finalmente diz com clareza (em búlgaro, estava uma intérprete ao lado, mas percebia-se bem): — Vejo a Elena...

Vejo a Maria... Quem são?...

E ela própria responde: — É a tua mãe...

E a avó...

As tuas mulheres familiares que partiram vieram contigo através destas flores...

— A mãe pede que deixes de fumar... Que cumpras a dieta... Cuida da barriga!...

E aqui Vanga, uma velhinha não muito instruída, pronunciou um termo médico vindo de não se sabe onde e conhecido por ela: pâncreas" — a glândula pancreática. Fumar, eu realmente não podia

por muitas razões. E tudo certinho quanto à barriga: não sem a ajuda da intoxicação crónica por nicotina, tive por duas vezes pancreatite, da qual quase parti para o outro mundo. Aproximadamente meio ano após a viagem à Bulgária, em Moscovo, no inverno, durante dez dias tive uma dor brutal na metade direita do rosto. Pensava que fosse nevralgia, constipação, tentei tratar — sem resultado. E eis que por acaso bati com a colher num dente — e percebi: é do dente...

Acontece este tipo de dor de dentes difusa e traiçoeira que não se reconhece logo. Corri ao médico. O dente teve de ser extraído urgentemente. Regresso a casa — na caixa do correio uma carta da Bulgária. Escreve a Belyana, a intérprete que estivera com a Vanga (trocámos endereços): „Vladimir, ontem estive com a Avó (era assim que os íntimos chamavam a Vanga. — V. L.), e ela de repente lembrou-se de si e entrou em contacto consigo.

Manifestou preocupação com o estado dos seus dentes. A Avó disse que o senhor tem de tratar urgentemente dos seus dentes, recorrer a um médico..." Olhei para a data de envio. A carta demorou exatamente dez dias. Guardo-a como um documento de um milagre..."

A vida de Vanga decorreu em trabalhos, mas ela dedicava muito do seu tempo às pessoas que a procuravam em busca de ajuda. Os visitantes vinham ter com Vanga com pedaços de açúcar. De alguma forma incompreensível, Vanga, ao pegar no pedaço de açúcar trazido pela pessoa, recebia toda a informação sobre ela. Podia contar o seu passado, o presente e o futuro. E por vezes contava coisas que a pessoa já tinha esquecido há muito, ou tocava em eventos sobre os quais a pessoa nunca contara a ninguém.

Desde os tempos antigos que os homens sabem que os objetos possuem a sua própria energética e memória especial. E hoje muitos de nós acreditamos em amuletos e objetos "da sorte". Assim, os

objetos transmitidos de geração em geração possuem uma energética especial. Especialmente muitas lendas e mitos rodeiam as pedras preciosas e semipreciosas. E, na verdade, os cientistas descobriram que os cristais são capazes de absorver a informação como uma esponja. Contudo, muitas propriedades das pedras ainda não foram totalmente estudadas.

Aparentemente, o açúcar servia para Vanga como uma espécie de condutor entre ela e a pessoa. Ao receber informações desta forma, ela tomava conhecimento não só de detalhes da vida do seu visitante, mas também de detalhes da vida e morte dos seus familiares. Além disso, ela "via" literalmente as pessoas falecidas à sua frente. Elas respondiam às perguntas de Vanga e transmitiam mensagens aos seus entes queridos vivos. Para Vanga, o passado, o presente e o futuro apresentavam-se como um fluxo único e homogéneo. Mesmo o que tinha acontecido há muitos anos, ela via-o de forma tão clara e nítida como os acontecimentos dos dias atuais.

Estão descritos inúmeros casos de como Vanga diagnosticava doenças e prescrevia métodos de tratamento através de um torrão de açúcar, e todos eles são impressionantes. Eis um deles:

"Vanga recebeu uns pais de Burgas, cujo filho de dez anos estava doente, mas os médicos não conseguiam fazer um diagnóstico. Vanga permaneceu em silêncio por algum tempo e depois perguntou: 'O que é que eles querem deste rapaz?' Pensou um pouco, girou o torrão de açúcar nas mãos e começou a falar: 'Finalmente percebi o que eles querem.

No dia do aniversário do rapaz, tragam o primeiro fruto que amadurecer no vosso jardim'. Os pais trouxeram uma maçã. Vanga pediu ao rapaz para dar uma mordidela na maçã e ordenou que a parte restante fosse dada a uma ovelha ou a outro animal herbívoro" (*K. Stoyanova. "A Verdade sobre Vanga"*).

Não se sabe do que sofria o rapaz, mas depois disso ele deixou de estar doente e começou a recuperar.

Capítulo 7:

PREVISÕES A PARTICULARES

A forma exata como Vanga recebia respostas às perguntas que interessavam às pessoas intrigava quase todos os que a visitavam. Como é que Vanga sabia sobre eventos passados e futuros, quem lhe soprava as respostas? A sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova, conversava frequentemente com a sua tia, tentando aprender mais sobre o seu dom:

- Pergunta: Diz-me, tia, vês os rostos concretos das pessoas com quem comunicas, imaginas algumas imagens gerais, o ambiente?

- Resposta: Sim, vejo tudo isso claramente.

- Pergunta: Tem importância para ti quando ocorre esta ou aquela ação – no tempo presente, passado ou futuro?

- Resposta: Tais ninharias não têm qualquer importância para mim. Não sei o que é uma *time machine*, mas tanto o passado como o futuro desenham-se perante o meu olhar mental com a mesma clareza.

- Pergunta: Como se manifesta concretamente o futuro de uma determinada personalidade – surgem apenas os eventos principais, fundamentais, ou vês a vida inteira, numa sucessão de acontecimentos? Numa palavra, como num filme ou de outra forma?

- Resposta: Vejo a vida da pessoa como se tivesse sido filmada numa fita de cinema.

- Pergunta: lês pensamentos?
- Resposta: Sim.
- Pergunta: A profundidade das tuas visões depende da seriedade da questão colocada e da força da personalidade da pessoa que te procurou?
- Resposta: Sim, isso é importante.
- Pergunta: E a profundidade da tua visão depende do estado de saúde, não só o teu, mas também do estado nervoso de quem pergunta?
- Resposta: Não depende.
- Pergunta: Se acontecer que vês, através da visão interior que te foi dada do alto, uma infelicidade próxima ou até o falecimento da pessoa que veio ter contigo, podes fazer algo para que a infelicidade possa ser evitada?
- Resposta: Não, nem eu nem mais ninguém poderá fazer nada.
- Pergunta: O destino de uma pessoa depende da sua força moral interna, das suas capacidades físicas? Pode-se influenciar o destino?

Vanga ajudou muitíssimas pessoas. Acalmou umas, ajudou outras com conselhos, curou terceiras. Alguns casos parecem muito simples, outros incompreensíveis, estranhos, até sobrenaturais.

- Resposta: Não se pode. Cada um percorrerá o seu próprio e único caminho.
- Pergunta: Tens a sensação de que o teu dom de clarividência está programado do alto?
- Resposta: Sim. Por forças superiores.

- Pergunta: Como é que normalmente se percebe o "sinal" destas forças do além?

- Resposta: Na maioria das vezes ouve-se uma voz.

- Pergunta: E vês aquele a quem chamas de "forças superiores", ou aqueles a quem chamas assim?

- Resposta: Sim. Tão claramente como uma pessoa vê o seu reflexo em águas calmas.

- Pergunta: Podem estas forças materializar-se, assumir, por exemplo, carne humana?

- Resposta: Não, não podem.

- Pergunta: Se tu, tia, quiseres entrar em contacto com elas, consegues? Ou apenas elas devem tomar a iniciativa?

- Resposta: Frequentemente o contacto ocorre por desejo delas. Mas eu também posso chamar essas forças – elas estão em todo o lado e em todo o lugar, por perto" (*K. Stoyanova. "Vanga: Confissões de uma clarividente cega"*).

Casos e Profecias Familiares

A irmã de Vanga, Lyubka, literalmente idolatrava-a, e não apenas devido ao seu dom. Afinal, Vanga criou a sua irmã mais nova, substituindo-lhe a mãe. Lyubka tratava o dom da sua famosa irmã com reverência:

"Já estamos juntas há tantos anos! Desde o dia do meu nascimento que, pode dizer-se, não me afasto dela, e no entanto permaneço em total ignorância – de onde vêm tais capacidades à minha irmã? Que capacidades são estas? Não sei. Como as pessoas não chamam à nossa Vanga: clarividente, adivinha, curandeira, oráculo. Para mim ela é uma profetisa misteriosa, para quem o passado, o futuro e, claro, o presente são igualmente claros."

Vanga nunca recusava ajuda. Um dos primeiros casos foi o da esposa do seu vizinho, Milan Nartenov, que estava na guerra. Vanga disse-lhe que ele estava escondido num desfiladeiro perto da cidade e que ela deveria preparar o jantar e roupas. Apesar da descrença inicial, o marido apareceu naquela mesma noite, tal como previsto.

Houve também o caso trágico do seu irmão, **Vasil**. Vanga implorou-lhe que não se juntasse aos guerrilheiros (partidários), avisando que ele seria morto aos 23 anos. Vasil não acreditou, foi capturado pelos alemães após explodir uma ponte e foi brutalmente torturado e morto, exatamente como ela temera.

Outros episódios notáveis:

- **O Médico Materialista:** Em 1944, um médico visitou-a por curiosidade. Vanga previu que ele morreria de cancro em 14 anos, que a sua filha ficaria viúva cedo e que o seu filho morreria num acidente aos 20 anos. Todas estas previsões confirmaram-se com precisão absoluta ao longo dos anos.
- **A Bailarina Russa:** Vanga previu que uma bailarina com problemas motores graves voltaria a dançar e teria mais dois filhos, o que acabou por acontecer.
- **A Menina Perdida:** Vanga previu que uma mãe reencontraria a sua filha raptada por ciganos passados muitos anos. O reencontro deu-se 22 anos depois.

Vanga disse à sobrinha mais nova que ela se tornaria médica. A menina ficou muito surpreendida com as suas palavras, pois preparava-se para ser música. Ela tocava bem piano e não concebia a vida sem a música. Ninguém soube dizer porquê, mas, depois de a rapariga terminar o liceu, entrou na faculdade de medicina. Mais tarde, confessou que adora a sua profissão, escolhida por acaso.

Ao sobrinho, Vanga profetizou que ele se tornaria técnico. E, de facto, quando o rapaz cresceu, foi isso que se tornou. Durante toda a vida, ele amou sinceramente a sua profissão.

Em 1944, um camponês da aldeia de Kromidovo procurou Vanga. Ele tinha tido conhecimento de que o seu filho fora morto perto da aldeia de Novoe. Quando o camponês se dirigiu para lá na esperança de encontrar o corpo do filho e enterrá-lo na sua terra natal, verificou que a sepultura não era nada fácil de encontrar. O camponês abriu várias sepulturas, mas não encontrou o filho. Vanga ouviu este homem e disse-lhe que a sepultura que ele procurava estava junto a um arbusto grande, que crescia na margem de um riacho. Revelou-se ser verdade. Escavaram a sepultura e, no bolso do morto, encontraram os documentos e a fotografia do filho daquele camponês.

Vanga tentou avisar várias pessoas sobre infortúnios vindouros. A um oficial que partia para a guerra, Vanga proibiu terminantemente que fosse para o ataque montado a cavalo. Ele, no campo de batalha, esqueceu o conselho da clarividente e lançou-se ao ataque. Como resultado, o seu cavalo foi morto por um estilhaço e o próprio oficial ficou gravemente ferido.

Vanga apelava sempre aos seus visitantes para terem paciência. Assim, a um rapaz que tinha as pernas doentes, fizeram uma operação, mas ele piorou. Vanga disse a este respeito que não valia a pena fazer a operação, pois antes dela ele conseguia andar.

Mais do que uma vez, Vanga tentou avisar as pessoas sobre a desgraça que as ameaçava. Certa vez, um jovem veio ter com Vanga, conversaram bem e, no final, Vanga ordenou-lhe que voltasse a visitá-la sem falta a 15 de maio. No entanto, logo a seguir suspirou e acrescentou que ele, de qualquer forma, não conseguiria cumprir esse pedido. E, de facto, a 15 de maio, um amigo chamou este jovem para o ajudar a construir uma casa. Foi precisamente nesse

dia que, no caminho para casa, ele foi colhido por um comboio cujos travões falharam.

A cada dia que passava, vinham ter com Vanga mais e mais pessoas. De dia e de noite, havia pessoas junto à sua casa, que ali chegavam em busca de ajuda. Várias vezes, a multidão de pessoas quase derrubava a própria profetisa. Finalmente, Vanga pediu ajuda às autoridades, que destacaram algumas pessoas para garantir a ordem na casa de Vanga, zelando pelo seu descanso e sono tranquilo, e passaram a cobrar dinheiro aos visitantes pela consulta. Assim, a 3 de outubro de 1967, segundo as memórias da própria Vanga, ela "entrou para o serviço estatal".

"Fui colocada aqui e meço rigorosamente o tempo determinado da minha permanência na terra. Estendo a mão aos desesperados e indico-lhes para onde devem ir", dizia Vanga.

As pessoas vinham ter com Vanga tanto por curiosidade como por não acreditarem no seu dom. Na sua prática houve muitos casos, por vezes trágicos, por vezes curiosos. Certa vez, um cientista espanhol visitou Vanga. Sentou-se num banco na casa de Vanga e falou sobre a sua mãe, sobre como ela fora cuidadosa e bondosa até à morte. Vanga ouviu-o atentamente e depois exclamou subitamente: "Espera, eu vou contar como as coisas se passaram.

No leito de morte, a tua mãe disse: 'Não tenho nada para te deixar, exceto o velho anel de família. Tu estás sozinho, que ele te ajude e te proteja na vida'". O professor ficou muito surpreendido com as palavras de Vanga, pois ninguém, além dele, sabia desse episódio e da conversa com a mãe. À pergunta de Vanga sobre onde fora parar esse anel, o cientista respondeu que o perdera enquanto tomava banho num rio. Vanga olhou tristemente para ele e disse: "O que é que fizeste, homem? Perdeste a ligação com a tua mãe!" Após refletir, o cientista admitiu que, depois desse incidente, frequentemente tinha azar na vida. Um infortúnio sucedia a outro.

Houve um tempo em que Vanga recebia os visitantes não em sua casa, mas na rua da cidade de Melnik. A razão prendia-se com o local: ela considerava que este ajudava o seu dom a revelar-se de forma mais plena. Passeando com a sobrinha pela cidade de Melnik, Vanga disse: "Aqui, cada folha de erva, cada pedra, cada palmo de terra é um lugar sagrado. Venho aqui com muito prazer e descanso melhor do que em qualquer outro lugar. Carrego-me de força, energia, inspiração. Sento-me nalguma pedra e simplesmente fico em silêncio. Ninguém me deve incomodar" (K. Stoyanova. "Vanga: Confissões de uma clarividente cega").

Vanga não gostava quando alguém, sem saber a verdadeira causa, acusava outra pessoa dos seus males. Ela envergonhava sempre tais pessoas. Certa vez, veio ter com ela um casal que não tinha filhos, e o marido acusava a mulher por isso. A mulher, com lágrimas nos olhos, pedia a Vanga que dissesse se algum dia teria um filho. O rosto de Vanga tornou-se severo nesse momento. Ela disse firmemente ao marido que não devia atormentar a sua mulher, que não tinha culpa absolutamente nenhuma de eles não terem filhos. Segundo Vanga, a causa da infertilidade estava precisamente no marido. Na despedida, ordenou-lhes que fizessem as pazes e procurassem um médico, e disse que em breve teriam certamente um filho.

A muitos, Vanga devolvia a esperança de que em breve se ouviria na sua família o riso alegre de uma criança. Mas também houve profecias tristes. A uma mulher, Vanga disse que ela era estéril e nunca poderia dar à luz um filho. Mas aconselhou-a logo de seguida: "Adota uma criança alheia. É uma pena, mas há muitas mulheres indignas que renunciam voluntariamente à felicidade da maternidade. Penso que será mais recompensada não aquela que deu à luz a criança, mas sim aquela que a educou. A grandeza da

mãe que acolheu para educar e criou uma criança ofusca o papel daquela que a deu à luz. O teu mérito é ainda maior, pois o teu coração está aberto ao amor, tu és mais digna do que outros do nome sagrado de Mãe" (K. Stoyanova. "Vanga: Confissões de uma clarividente cega").

Várias vezes Vanga recusou-se a receber pessoas que considerava indignas. A sobrinha de Vanga pediu-lhe que ouvisse uma conhecida sua que, segundo ela, não se sentia bem. Vanga não a deixou terminar e exclamou indignada: "Ela não está nada doente! É uma pessoa muito má! Quer que o nosso pobre mundo gire à volta dela e dos seus filhos. Que se lembre antes na miséria e na ruína em que cresceu! Agora tem tudo o que a alma deseja, mas a sua ganância desmedida, o desejo de ter mais e mais carros, apartamentos, acabará por destruir a coitada. Eis qual é a doença dela, contra tal doença não há remédios no mundo!" (K. Stoyanova. "Vanga: Confissões de uma clarividente cega").

Vanga condenava sempre as pessoas gananciosas, lisonjeiras ou preguiçosas e dizia que apenas a bondade e o trabalho salvam o homem. Certa vez, Vanga expulsou uma mulher que veio ter com ela com a pergunta se receberia um apartamento num futuro próximo, pois não tinha onde viver com os filhos. Vanga respondeu indignada: "Qual apartamento! Tens na consciência duas casas. Eu vejo-as, nelas vivem agora outras pessoas. Tu própria vendeste e esbanjaste as casas dos teus dois maridos. De que choras agora? Se dependesse de mim, eu não te daria habitação de forma alguma: tu não mereces" (K. Stoyanova. "Vanga: Confissões de uma clarividente cega").

"Não há justiça no mundo, e Vanga sabe disso. Não será por isso que ela é indiferente tanto à fama como aos presentes? Sim, eu sei, para ela são iguais... um rapaz coreano mendigo e um xeque árabe milionário" (K. Stoyanova. "A Verdade sobre Vanga").

Um casal de idosos veio ter com Vanga para se queixar das suas doenças e pedir conselhos sobre como se curar. Vanga virou-se para o velho e perguntou-lhe se ele se lembrava da corda. O velho olhou confuso para a vidente, mas a sua mulher percebeu imediatamente do que se tratava. Na juventude, eles cultivavam e vendiam melancias. Quando iam mais uma vez para o mercado, um rapazito aproximou-se sorrateiramente da carroça e roubou uma melancia. O marido ficou então muito zangado, agarrou na corda e quase matou a criança. A mulher mal conseguiu tirar o rapaz das mãos do marido enfurecido. Vanga disse tristemente ao velho: "Pela tua crueldade é que estás a pagar agora. Terias lucrado muito com aquela melancia?"

Quando houve a inundação em Skopje, Vanga e Lyubka decidiram ir descansar para Strumica. Lá visitaram o seu amigo Pande Ashkanov. O homem estava profundamente desgostoso: a sua casa em Skopje fora levada pela água e ele não sabia o que fazer. Perguntou a Vanga o que seria melhor — construir uma casa nova ou reparar a antiga. Mas Vanga interrompeu-o imediatamente, gritando que não deveria construir casa nova nenhuma; pelo contrário, ele deveria fugir de Skopje, pois em breve ocorreria ali um cataclismo grave. Pande obedeceu à vidente, ficou a viver em Strumica, como Vanga lhe aconselhara, e, como se verificou, tomou a decisão correta: não passou uma semana sem que de Skopje nada restasse, tudo foi destruído por um terramoto terrível. Na altura, morreu muita gente.

Um vizinho de Vanga também a procurou uma vez em busca de ajuda. Ele, pensando na velhice que se aproximava, decidiu cuidar da herança. Não tinha dinheiro, mas tinha um belo colar de dez moedas de ouro antigas. O idoso embrulhou o colar num pano e coseu-o dentro de uma almofada. Os seus netos viram isto e decidiram

apoderar-se das moedas. Passados alguns dias, o velho viu a almofada descoseu-se. Correu para a cama e começou a procurar o colar, mas em vão — as moedas tinham desaparecido.

O velho pensou que o colar tinha sido roubado pelo seu vizinho e, nesse mesmo dia, foi ao tribunal. No caminho, mudou de ideias e decidiu passar pela casa de Vanga. Perguntou se tinha agido bem ao decidir recorrer ao tribunal. Vanga dirigiu-se severamente ao velho: "Como sabes quem é o ladrão? Vai para casa, debaixo do alpendre junto ao celeiro tens pendurado um saco com aveia para o burro, remexe lá bem — encontrarás o que perdeste. E vê lá, nunca mais ofendas as pessoas com desconfiança". No dia seguinte, quase ao amanhecer, o velho correu para a casa de Vanga, agitado: "Obrigado, nunca esquecerei, salvaste-me do pecado e da vergonha. Afinal, eu e o vizinho somos amigos a vida toda, desde pequenos. Os netos malandros fizeram a asneira, o que é que lhes ensinam na escola".

"É preciso ser bondoso e amar-se uns aos outros para se salvar!" (Vanga).

Certa vez, Vanga ajudou a salvar ícones. Numa das igrejas locais, trabalhavam restauradores. Os habitantes consideravam-nos pessoas instruídas e cultas. Eram especialistas com formação superior e ninguém esperava nada de mau deles. No processo de trabalho, eles roubaram ícones dessa igreja. Naturalmente, ninguém pensou neles. Suspeitava-se de qualquer pessoa, o ladrão era procurado em toda a redondeza, enquanto os restauradores continuavam o seu trabalho sem pressa.

Os habitantes perderam totalmente a esperança de encontrar o ladrão, e os próprios ladrões estavam seguros de que já não seriam apanhados. De repente, alguém sugeriu perguntar a Vanga. Vanga, sem hesitar nem um minuto, disse-lhes quem eram os ladrões e enumerou o que exatamente tinha sido roubado. Os restauradores,

que não conheciam o dom de Vanga, ficaram chocados quando foram desmascarados. Houve um julgamento, no qual os ladrões contaram tudo sem ocultar nada e estavam muito arrependidos do seu ato.

Até a própria Vanga foi, certa vez, vítima de ladrões. Ela tinha um belo vestido de veludo vermelho. Ficava-lhe muito bem e Vanga adorava-o. Quando os familiares de Vanga deram pela falta e lhe contaram, ela não ficou nada perturbada, dizendo que a infeliz mulher que levara o vestido se arrependeria muito do seu ato e procuraria uma oportunidade para o devolver; ordenou que não trancassem o armário, pois em breve o vestido estaria pendurado no seu lugar. E, de facto, passou uma semana — e o vestido estava novamente pendurado no armário. Vanga nunca disse quem o fizera.

Passaram-se alguns dias e a casa de Vanga foi novamente visitada por ladrões. Muitos consideravam Vanga uma feiticeira e pensavam que a sua casa estava cheia de tesouros. E assim apareceram uns audazes que decidiram entrar na casa e levar o dinheiro. Os ladrões viraram tudo do avesso, espalharam todas as coisas pelo chão.

Indignados com este acontecimento, os familiares de Vanga chamaram a milícia. Os milicianos nem sequer examinaram a casa, perguntaram logo a Vanga de quem ela suspeitava. Vanga franziu a testa e respondeu: "Para quê suspeitar, foi uma travessura de jovens. Não faz mal, eles próprios trarão o que levaram e colocarão no lugar". Passaram-se 2 dias e vários pais levaram os seus filhos — os jovens ladrões — à casa de Vanga. Os pais, sem esconder as lágrimas, pediam a Vanga que os perdoasse a eles e aos filhos. Os pequenos ladrões estavam em silêncio, olhando para o chão, a morrer de vergonha. Vanga guardou silêncio e depois virou-se para os adolescentes e disse: "Nenhum roubo ficou ou ficará alguma vez

em segredo. Tu roubas, e a consciência é testemunha do roubo. As pessoas de coração sensível verão que a consciência não está tranquila, suspeitarão que algo está errado, gradualmente o teu mau ato será revelado. Do desprezo alheio pode-se fugir, mas de si próprio não há para onde escapar. Ide, que nada de semelhante vos aconteça doravante. Nunca".

"O futuro pertence às pessoas bondosas, elas viverão num mundo maravilhoso que agora nos é até difícil imaginar", acreditava Vanga.

Certa vez, Krasimira perguntou a Vanga se algum dia teriam uma casa nova e espaçosa. Toda a família viveu durante muito tempo apertada numa casinha velha e pequena. Vanga respondeu: "Vejo a nossa casa velha partida, parte do telhado, pedaços de paredes, caixilhos sem vidros aguentam-se por milagre nuns pilares, porque os alicerces estão destruídos. Depois haverá uma casa nova".

Passou algum tempo. Certa noite, Krasimira voltou do trabalho para casa e, ao entrar no quintal, não acreditou nos seus olhos — a casa não existia. Tinha desmoronado, deixando atrás de si apenas uma nuvem de pó. Acontece que, junto à casa, estavam a escavar um fosso para um novo edifício e a casa decrépita de Vanga, não aguentando a carga, ruiu lá para baixo.

Vanga acreditava que chegaria o tempo em que na terra não haveria guerras nem fome, e as pessoas se tornariam mais tolerantes umas com as outras.

Em Sófia estudava Sun, uma pintora da China. Ela conheceu um búlgaro e pouco depois casou-se com ele. Ela também soube da vidente búlgara e decidiu informar-se sobre o seu futuro. Vanga recebeu bem a pintora e disse-lhe: "...tu voltarás para os teus, tornar-te-ás uma pessoa famosa e respeitada. Vejo o teu país, os teus lugares natais, campos inundados de água, brotos verdes de

arroz, casas baixas, as pessoas trabalham muito, mas são pobres, nem sequer têm calçado, nos pés têm umas sandálias de madeira com cordéis. E o país é bonito com a beleza do trabalho humano incessante". Depois de pensar um pouco, Vanga acrescentou: "Pobrezinha, o teu filho está doente, foi atingido pela paralisia, só uma pessoa o pode ajudar — tu. Consola-te, tu vencerás essa doença grave, superá-la-ás, o teu filho recuperará".

Sun agradeceu a Vanga e saiu de casa. Pouco depois regressou à China, interessou-se pela acupuntura e alcançou grandes sucessos nessa área. Ajudou muitas pessoas, incluindo a cura do seu próprio filho.

Vanga ajudou um engenheiro, indicando-lhe um erro grave nos cálculos. O engenheiro verificou tudo mais uma vez e encontrou realmente o erro, devido ao qual o resultado estava incorreto. O erro foi corrigido.

Um pintor famoso ofereceu a Vanga o seu quadro "Cristo com os discípulos no meio de um grande campo". Vanga pendurou imediatamente a tela na parede. Ficou ali pendurada durante muitos anos e era o único adorno do quarto de Vanga. Ao pintor, Vanga disse: "Trabalhaste muito, mas és pobre e nada tens. Tenta manter o teu espírito elevado, a vitalidade, a fé na tua vocação. Esperam-te grandes dificuldades. Terás uma derrota muito grande na vida e, depois, partirás para o caminho completamente sozinho".

Passou pouco tempo e os pais da rapariga que era mulher desse pintor vieram ter com Vanga. A rapariga casara-se contra a vontade dos pais. Vanga franziu a testa e disse severamente aos pais: "Sim, a vossa filha casou-se com o pintor que vocês odeiam sem saberem porquê. Embora pobre, ele é honesto. Vocês não terão a vossa filha de volta, porque o amor uniu-a ao marido". Os pais não deram ouvidos às palavras de Vanga e aplicaram todas as forças para destruir a família da filha. Conseguiram-no. Mas não se

alegraram por muito tempo: passado algum tempo, a sua filha sofreu um acidente de automóvel, teve ferimentos graves e morreu pouco depois. O pintor, esmagado pela dor, partiu para outro país, e os filhos ficaram órfãos.

Em Petrich vivia um pobre professor de desenho. Vanga previu-lhe que em breve enriqueceria e se tornaria famoso. Passaram-se alguns anos e este homem ganhou 30 mil levs na lotaria. Com esse dinheiro, dedicou-se ao trabalho da sua vida — a pintura — e em breve os seus quadros passaram a ter um grande sucesso.

O sogro de Lyubka decidiu pintar Vanga e pediu-lhe que posasse para ele. Vanga aceitou. Enquanto ele pintava Vanga, ela repetiu várias vezes: "Tio Boris, aconteça o que acontecer, não vendas os anexos da casa nem o teu violino". O sogro estranhou as palavras de Vanga, pois na realidade tinha decidido vender o violino. A explicação para estas palavras estranhas veio 10 anos depois. Um dia, o sogro de Lyubka estava sentado no meio da sala a tocar aquele mesmo violino. De repente, a casa velha ruiu. Felizmente, os escombros não atingiram o sogro, que escapou apenas com um susto. Toda a família mudou-se para o anexo, que não sofreu o mínimo dano.

Vanga não gostava quando alguém se vangloriava. Certa vez, veio visitar a vidente um convidado da capital e, com ele, 2 mulheres. Este homem comportava-se com arrogância, dava ordens em vez de falar. Krasimira também estava presente no encontro. Ela perguntou ao homem quantos anos ele tinha. Ele riu-se e, virando-se para a rapariga, respondeu: "Sou um cepo muito velho, com a patente de oficial participei na Primeira Guerra Mundial. Por algum milagre voltei vivo do inferno e, desde então, cuido de mim com empenho, com todas as forças, apenas de mim. E doravante continuarei a fazer o mesmo. Eis o segredo da minha eterna juventude". Perante estas palavras, Vanga bateu o pé indignada e

exclamou: "Eh, já chega para ti, até aqui, e chega!" Três dias depois, o homem faleceu.

Certa vez, uma médica da Rússia, Lidia Baranova, veio visitar Vanga. Vanga recebeu-a sem fila, mal ela entrou no quintal, e fez-lhe uma pergunta estranha: com quem da família ela era muito parecida, acrescentando que via a sepultura dessa pessoa. A médica respondeu então que era parecida com o seu pai, e o facto de Vanga ver a sua sepultura foi aceite como um facto consumado, pois o pai já morrera há muito tempo. A médica só compreendeu a previsão de Vanga passados alguns anos após essa visita. Em 2001, morreu tragicamente o seu irmão Viktor Mikhailovich Baranov, com quem ela também era muito parecida.

Certa vez, veio ter com Vanga um homem cujo pai tinha cancro. Vanga abanou a cabeça pensativamente e disse: "Em breve vencerão este mal, acorrentá-lo-ão em ferro. Mas ao teu pai isso não ajudará". Vanga calou-se e, passados alguns segundos, continuou: "E contigo tudo correrá bem, Kiev é uma boa cidade, eu vejo-a".

De manhã cedo, 2 mulheres foram ter com Vanga. Uma delas tinha enterrado o filho há poucos dias. Vanga disse-lhe para parar de sofrer, pois estava a chorar por restos mortais alheios. Depois de pensar um pouco, acrescentou que ele vivia numa bela casa branca atrás de uma vedação verde e em breve a mulher receberia notícias dele. Assim aconteceu: o filho enviou uma carta do Canadá e pouco depois a mãe foi para junto dele.

Outra mulher recebeu uma carta que dizia que o seu filho — um soldado — se tinha enforcado. Vanga contradisse-a e contou como tudo tinha acontecido na realidade. Verificou-se que o jovem fora torturado durante muito tempo e depois enforcado. Vanga apontou o assassino e a mãe conseguiu que ele fosse encontrado e condenado.

Poucos sabem que Vanga, devido às suas profecias, quase perdeu a vida, mas também a salvou graças a elas. Certa vez, Vanga foi acusada de semear superstições entre o povo. As autoridades na época eram rápidas a punir e Vanga foi condenada ao fuzilamento. Krasimira Stoyanova escreveu sobre isso: "A tia foi salva por um acontecimento extraordinário. Um mensageiro guarda-fronteira perdeu uma pasta secreta. Nela estavam documentos muito importantes. O rapaz enfrentava um tribunal e uma sentença de morte. Mas o jovem soldado, que era um habitante local, implorou aos seus superiores para pedirem ajuda a Vanga. O comandante da divisão adiou a execução por 12 horas".

Os militares recorreram a Vanga em busca de ajuda. Ela não recusou e, passados alguns segundos, descreveu detalhadamente o local na floresta onde a mala com os documentos fora perdida. Vanga descreveu também como exatamente a mala fora perdida. Acontece que o cavalo, durante um descanso, raspou com o flanco numa árvore, um ramo enganchou-se na mala e esta deslizou para o chão. O mensageiro não notou nada e continuou a galopar. A mala foi realmente encontrada naquele exato local. As autoridades, na alegria de terem encontrado os documentos secretos, perdoaram tanto o soldado como Vanga.

Muitas vezes fizeram a Vanga a mesma pergunta: "Não estás farta de todas estas pessoas que vêm ter contigo diariamente?" Sorrindo, Vanga respondia sempre: "Não, só me cansam as velhas surdas. Repetes-lhes cem vezes, elas vão-se embora e, pouco depois, voltam e pedem: 'Repete, que não ouvi bem'. Portanto, à centésima primeira vez grita em ouvidos surdos, até a boca fica seca. Aliás, as surdas não são o problema. Não suporto as libertinas. Vêm ter comigo, perguntam se encontrarão novos companheiros. Eu respondo-lhes: 'Fica em casa e aguenta o marido'. 'Eu não quero viver com ele, com o indesejado. Eu também tenho direito à felicidade!' O que elas colocam na palavra 'felicidade' — nem

consigo entender. Provavelmente, por 'felicidade' as pessoas entendem uma situação em que tudo está em ordem e não têm nenhuns problemas. Mas não é assim! Não há pessoa nascida apenas para a felicidade. Um é um excelente trabalhador, mas é infeliz na família; o seu vizinho tem as duas coisas, mas não tem saúde; um terceiro é saudável, mas os filhos estão doentes. Em cada pessoa coabitam o bem e o mal — assim é o mundo.

Considero que a felicidade do homem é ter uma paciência infinita. Perguntam-me: 'Porque existe o mal, não se pode passar sem ele?' Realmente — porquê? Porque a terra espera de nós gratidão por termos vindo ao mundo de Deus e vivermos com saúde. À terra devemos pagar 'impostos', como os pagamos quando alugamos uma casa. Até pelos apartamentos do Estado pagamos dinheiro. E pronto, a questão está resolvida. Estou certa das minhas palavras. Durante muitos anos alimentei as minhas convicções".

Capítulo 8

OS PODEROSOS DO MUNDO NA FILA PARA A BENZEDEIRA. A CONVIVÊNCIA DE VANGA COM POLÍTICOS, EMPRESÁRIOS E ESTRELAS DO SHOWBIZ

As pessoas que conheceram Vanga caracterizam-na unanimemente como alguém que viveu para as pessoas, não poupando esforços para prestar ajuda a todos os necessitados. À casinha de Vanga vinham diversos visitantes: tanto abastados como pobres, e estrangeiros vindos de longe. Ela recebia a todos. E não precisava de saber outras línguas para ouvir e compreender o ser humano, sentir a sua dor, os seus anseios e esperanças.

Os rumores sobre o dom invulgar de uma mulher simples começaram a espalhar-se cada vez mais longe. Aqueles que tinham estado numa consulta com ela saíam surpreendidos, atordoados, experimentando os sentimentos mais contraditórios.

No início, apenas pessoas simples recorriam a Vanga. Iam ter com ela porque não tinham mais para onde ir, ninguém os podia ajudar e restava-lhes apenas esperar por um milagre. A curandeira búlgara esforçava-se de forma abnegada, com total dedicação, por ajudar cada um dos seus visitantes. Mas, à medida que a fama de Vanga crescia, começaram a procurá-la não só pessoas simples, mas também políticos, atores famosos, cantores, outros vultos das artes e empresários.

Poder-se-ia pensar: que conselho poderia dar-lhes Vanga, que nem sequer tinha recebido uma boa educação? O que tinham em comum estas pessoas, poderosos do mundo, sobre cujos ombros recaía muitas vezes a responsabilidade pelo destino de milhares ou milhões de pessoas, com uma mulher idosa e cega? No entanto, eles, tal como as pessoas simples para quem Vanga era frequentemente a única esperança, recorriam a ela em busca de

conselho. Mais do que isso, se a benzedeira se recusasse a recebê-los ou adiasse o encontro, esperavam pacientemente e, na consulta, falavam com ela como com um igual e, mais ainda, como com alguém a quem era aberto e dado mais do que a eles próprios.

Tal como as pessoas simples, os poderosos do mundo também iam ter com Vanga pelas mais variadas razões: uns para conhecer o seu futuro ou o futuro do seu país, outros na esperança de se curarem, e outros apenas por curiosidade.

A lista de visitantes de alto nível de Vanga é longa e impressionaria qualquer um. Assim, encontraram-se com Vanga o czar búlgaro Boris III e membros próximos da sua família, a figura política e de Estado da Bulgária Todor Zhivkov e a sua neta Evgenia Zhivkova, o estadista da República da Calmúquia Kirsan Ilyumzhinov, o Secretário-Geral do Comité Central do PCUS Leonid Ilyich Brezhnev. Recorreram a Vanga Indira Gandhi, Hitler e muitos outros. Mas ainda mais longa é a lista de figuras de alto escalão que foram ter com Vanga incógnitas. Os seus nomes conservaram-se apenas em documentos secretos.

Igualmente longa e impressionante é a lista de personalidades das artes: estiveram com ela muitos atores, pintores, cantores, bailarinos, como por exemplo o ator Vyacheslav Tikhonov, a atriz Alla Demidova, os escritores Leonid Leonov, Rasul Gamzatov, William Saroyan, John Colombo, John Cheever, Edy Brown, o pintor Svetoslav Roerich e muitos outros.

Provavelmente, o primeiro convidado de alto nível na casinha de Vanga foi o czar búlgaro Boris III. Ele chegou a 8 de abril de 1942. Veio incógnito, ninguém informou Vanga de quem estava à sua frente, mas ela não precisava disso. Ela própria sabia-o perfeitamente.

Eis como a sua irmã Lyubka recorda o acontecimento: "Veio a nossa casa a avó Tina, uma velha amiga nossa, e disse que hoje seríamos visitados por um convidado importante. Explicou apenas que em 1918 ele tinha vivido no seu apartamento. Ela saiu e, passado algum tempo, regressou com um homem baixo, de olhos azuis, bigode aparado com cuidado, vestido com um uniforme azul e calções de montaria (*breeches*). Ele perguntou a Vanga se ela poderia dedicar-lhe um pouco de tempo. A avó Tina sussurrou-me: olha bem para ele com atenção, pois este é o czar búlgaro Boris. Fiquei surpreendida, nunca me passaria pela cabeça que a nossa cabana pudesse ser visitada por um czar.

E Vanga, pondo-se no seu lugar habitual no canto da sala, antes que o convidado conseguisse perguntar o que quer que fosse, começou a falar com voz severa: 'O teu Estado cresce, estendeu-se amplamente, mas prepara-te para em breve acomodares os teus domínios numa casca de noz. – E repetiu: – Prepara-te. – Após um silêncio, acrescentou: – Lembra-te da data – 28 de agosto!' O czar, sem perguntar nada, saiu muito perturbado. Ele morreu a 28 de agosto de 1943" (*K. Stoyanova. "Vanga: Confissões de uma clarividente cega"*).

Como se depreende do exposto, Vanga não fazia distinções entre pessoas simples e aquelas a quem o destino colocou num plano elevado e dotou de poder. Afinal, a clarividente olhava apenas para o interior do ser humano e via todas as dúvidas e inquietações da alma das pessoas. E, por dentro, somos todos de certa forma parecidos, de certa forma vulneráveis e fracos. Cada pessoa tem a sua força e a sua fraqueza, e não importa se a pessoa é conhecida no mundo inteiro ou se vive modestamente, contentando-se com a sorte de um camponês honesto ou de um operário.

À Bulgária amiga vinham muitas pessoas da URSS. E muitas iam propositadamente ter com Vanga. Esta mulher invisual interessava

não só cientistas e investigadores russos, mas também figuras criativas, como por exemplo o ator e realizador Sergey Mikhalkov. Eis o que ele escreveu sobre a sua visita a Vanga: "Tive a oportunidade de estar várias vezes na Bulgária, onde conheci a clarividente Vanga de Petrich. Numa das minhas idas a Sófia, conversando com Todor Zhivkov, mencionei o meu futuro encontro com Vanga. 'Não deixe de a visitar', aconselhou Zhivkov. 'Eu próprio não acreditava muito no que contavam sobre ela, até me convencer pessoalmente do dom admirável desta mulher cega.

Na conversa comigo, ela recordou-me algo que nenhuma alma viva no mundo, além de mim, poderia saber...' As palavras de Zhivkov reforçaram ainda mais em mim o desejo de ver Vanga o quanto antes. O nosso encontro realizou-se. Posteriormente, visitei-a mais algumas vezes. O que Vanga me predisse aconteceu ou está a acontecer. Verdadeiramente, as possibilidades humanas são inesgotáveis" (*K. Stoyanova. "A Verdade sobre Vanga"*).

E, de facto, as capacidades misteriosas da mulher búlgara impressionavam muitos; quase todos os visitantes saíam de lá com a sensação de terem tido contacto com algo especial e ainda não conhecido pela nossa civilização.

Com alguns dos seus visitantes famosos, Vanga estabelecia relações de amizade. Assim, certa vez, o pintor Svetoslav Roerich visitou Vanga e, depois disso, tentou visitá-la regularmente. O primeiro encontro deixou Roerich atónito: ele não esperava de modo algum que a búlgara cega começasse a descrever com precisão admirável a disposição do seu escritório.

Este encontro também foi descrito por Krasimira Stoyanova, que foi testemunha do evento: "Ele estava sentado em silêncio frente a Vanga, e a tia falava com a sua voz calma e pausada, habitual, sem entonações e até como que sem emoções. Ela via o gabinete de trabalho de Roerich, via uma grande jarra de cerâmica

com terra bem tratada, e nela uma flor — um lírio branco, verdadeiramente de alabastro, como símbolo de uma beleza celestialmente pura. Vanga disse: 'Este é o maior adorno espiritual da tua casa. O belo lírio brilha para mim com a prata das neves eternas sob o céu do Tibete e dos Himalaias. De lá, do Tibete, começou a história da humanidade, lá devem procurar-se as suas raízes, lá está a explicação de muitos enigmas admiráveis e estranhos da vida terrena do homem e dos povos.

O teu pai, – continuou Vanga, dirigindo-se a Roerich, – não era apenas um pintor, mas também um profeta inspirado. Todos os seus quadros são visões, previsões. Eles estão cifrados, mas um coração atento e sensível indicará ao espetador a cifra, e o sentido das telas tornar-se-á claro. Deves continuar com todo o empenho a obra do teu pai. Assim está traçado'. Não me recordo se Roerich disse alguma coisa ou não, recordo-me apenas de que saiu de nossa casa em profunda reflexão: no seu rosto vagueavam como que sombras de nuvens" (*K. Stoyanova. "A Verdade sobre Vanga"*).

Surpreendentemente, as pessoas que iam a uma consulta com ela, por regra, lembravam-se de pouco do que ela dizia. A que se deve tal estranheza? Possivelmente, o ser humano, ao confrontar-se pela primeira vez tão de perto com o sobrenatural, experimenta um choque peculiar que bloqueia a sua memória e perceção. Talvez a causa seja essa, ou talvez não, uma vez que também os familiares da clarividente, que lidavam constantemente com as suas capacidades fenomenais, descobriam frequentemente em si mesmos esquecimentos semelhantes.

Assim, um caso invulgar aconteceu com o escritor Leonid Leonov. Ele visitava Vanga pela segunda vez e pediu-lhe permissão para gravar a conversa num gravador, a fim de depois a traduzir para russo. Ele sabia antecipadamente que os tradutores e os seus acompanhantes pouco se lembrariam do que fora dito, pois já se

deparara com isso na sua primeira visita. Assim, na casa de Vanga, o próprio Leonov preparou o equipamento e ligou-o para gravar. Até pediu especificamente a todos os presentes que não se aproximassem do gravador, para não o desligarem acidentalmente.

A conversa realizou-se; Vanga contou muito e com inspiração ao escritor sobre o que esperava a União Soviética, sobre eventos vindouros. Leonov estava extremamente satisfeito e esperava poder ouvir e transcrever a fita calmamente no hotel. Mas aguardava-o uma desilusão — a fita estava vazia. Nada do que Vanga dissera se conservou, nem uma única palavra. Todos os presentes também contavam com a gravação e, por isso, não ouviram a clarividente com atenção suficiente. Leonov ficou muito desiludido com o sucedido e pediu permissão a Vanga para voltar outra vez. A isso, ela respondeu que não conseguiria reproduzir o que já tinha sido dito.

O mesmo aconteceu noutra ocasião, quando Vanga foi visitada por dois escritores bastante conhecidos. Eles também tentaram gravar o relato da clarividente num gravador. Tinham equipamento bom e dispendioso, que verificaram escrupulosamente antes da sessão. Vanga revelou-lhes muitas coisas interessantes e importantes para eles. Mas qual não foi a sua surpresa quando, ao regressarem a casa e verificarem a gravação, encontraram canções populares em vez das palavras de Vanga. Os escritores lembravam-se perfeitamente de que durante a visita não havia rádio nem outro gravador ligado na casa, pelo que consideraram o ocorrido um milagre.

Em 1979, Vanga foi visitada pelo popular artista soviético Vyacheslav Tikhonov. Esta visita à clarividente búlgara abalou o artista; ele recordou este evento toda a vida. Eis o que a sobrinha de Vanga conta sobre este caso: "Vanga disse à sua irmã: 'Que espere um pouco lá fora, eu devo receber o sinal de que já o posso

receber'. Foi precisamente nesse momento que Tikhonov cruzou o limiar. Vanga zangou-se e perguntou em tom descontente: 'Por que não cumpriste o desejo do teu melhor amigo Yuri Gagarin?' Tikhonov, confuso, permaneceu em silêncio, e Vanga continuou: 'Quando Gagarin partia para o seu último voo de teste, veio despedir-se e disse, sorrindo alegremente: «Queria dar-te um presente, mas não tenho tempo para compras, compra tu um despertador, põe-no na mesa — isso será a lembrança de mim»'. O artista, ao ouvir o que foi dito, quase perdeu os sentidos; deram-lhe valeriana. Ao recompor-se, confirmou que tudo fora assim: ele esquecera-se de comprar o despertador devido à confusão após a morte de Gagarin" (*K. Stoyanova. "A Verdade sobre Vanga"*).

Mas nem sempre Vanga estabelecia relações amigáveis com os visitantes famosos. Alguns deles não agradavam de todo a Vanga; apesar de eles próprios se considerarem famosos e talentosos, a benzedeira via todos os recantos da sua alma, compreendia perfeitamente o que eles eram na realidade e dizia-lhes isso abertamente. Talvez por isso Krasimira Stoyanova, ao descrever tais casos, não mencione os nomes destas pessoas, mas apenas as suas iniciais e profissão: "Tome-se, por exemplo, o encontro com o escritor soviético E. E. Logo à porta, Vanga disse-lhe: 'Quem és tu?' 'Escritor', respondeu ele. 'Ora, que escritor és tu — cheiras a barril. Fica longe de mim'.

Um pouco mais tarde: 'Sabes muito e podes muito, mas para onde vais não há lugar para ti. Porque bebes tanto e porque fumas tanto? Trata dos dentes e do estômago. Não escrevas à noite. Levanta-te cedo e trabalha então. Escreve das três às sete da manhã — é quando vem a maior inspiração'. 'Estou a escrever um livro', murmurou o escritor. 'Sobre uma mulher?' perguntou Vanga. 'Sim, também sobre uma mulher'. 'Sobre a guerra?' perguntou Vanga novamente. 'Sim'. 'Está bem. Escreve, mas tenta aprofundar mais o

tema. Senão saltas, como uma pega (*pega-rabuda*), de ramo em ramo'" (*K. Stoyanova, "A Verdade sobre Vanga"*).

Vanga deu repetidamente conselhos e recomendações aos seus visitantes famosos, que muitas vezes pareciam ordens. Mas isso não era um capricho, mas uma necessidade; por vezes, do cumprimento dos conselhos dependiam até a sua saúde e a sua vida, por isso os visitantes famosos não se ofendiam com a benzedeira e davam ouvidos aos seus conselhos, mesmo sobre a sua atividade criativa.

Vanga também não tinha pudor em falar sobre a vida pessoal das celebridades. Assim, certa vez, foi visitada por um escritor italiano e Vanga disse-lhe: "E tu és um amante de mulheres e um homem mau. E muito ganancioso. Procuras novamente uma esposa, mas sabe por mim: o demónio entrou em ti! Vais procurar esposa e deves procurar ou uma muito inteligente, ou uma muito estúpida. Mas como em cada uma há um pouco de ambas, não tenho a certeza de que tenhas sorte desta vez" (*K. Stoyanova. "A Verdade sobre Vanga"*). Vanga não se enganou — o escritor já tinha sido casado e divorciado várias vezes.

Uma conversa igualmente complexa aconteceu entre Vanga e uma famosa atriz soviética. "Vanga disse-lhe: 'Tens dois maridos'. 'Nenhum', disse a atriz. Vanga: 'Não, tens. Houve e há agora. O teu marido está vivo e tu sabes disso muito bem, mas vives como se ele não existisse. Aquele com quem estás agora não é marido e está muito doente: o sistema excretor não está bem. Nós temos uma erva — oregão vermelho (*doiradinha*), faz uma infusão e dá-lhe de beber. E quanto ao teu marido, a coisa é assim: quando ele partia para a frente de batalha, disse-te que, se voltasse aleijado, seguiria a tua vida de longe, mas não apareceria diante de ti nesse estado'" (*K. Stoyanova. "A Verdade sobre Vanga"*). A visitante confessou que, antes da viagem para ver Vanga, um conhecido lhe transmitira que

soubera do destino do seu marido: ele ficara aleijado, perdera as pernas e vivia num lar para inválidos.

Por vezes, ocorriam casos muito estranhos nas consultas de Vanga. Assim, em 1982, segundo as memórias de Stoyanova, foi ter com Vanga um famoso cantor de ópera, cujo nome ela também não revelou, citando apenas as iniciais: E. G. O cantor tinha muito medo de perder a voz: contou que subitamente emudeceu e não conseguiu pronunciar uma palavra durante uma atuação. Pediu a Vanga que dissesse que doença terrível o atingira e o que o esperava no futuro.

Mas Vanga acalmou-o, dizendo: "Não é o que pensas, mas durante o canto omitiste intencionalmente uma frase que falava de Deus, e foi por isso que a tua voz falhou. Aliás, não só sentiste a voz sumir-se, como também viste algo". Ao cantor não restou senão confessar. Ele, espantado com as capacidades de Vanga, disse que viu como se alguém fizesse um sinal com a mão, ordenando-lhe que parasse, e a partir desse momento não conseguia cantar. Vanga disse-lhe o que devia fazer: levar à igreja e colocar perante o altar um cesto com flores brancas e, depois disso, a sua doença passaria e ele voltaria a poder atuar como dantes.

A própria Vanga não aprovava as gravações em gravador nem as filmagens. Considerava que a técnica não era capaz de reproduzir o mais importante, podendo transmitir apenas muito, muito pouco, e nem sempre. Afinal, o equipamento não pode decifrar a essência do seu dom misterioso. Nem as pessoas, na atual fase de desenvolvimento, nem a técnica moderna estão ainda em condições de se aproximarem do enigma.

Mais complexas eram as relações de Vanga com funcionários e estadistas. Afinal, eles tinham todos os motivos para recear que, através de Vanga, quaisquer segredos de Estado se tornassem conhecidos pela espionagem búlgara, tanto mais que corriam

rumores de que Vanga colaborava com esta. No entanto, Vanga raramente falava de política. Ela própria disse repetidamente que não devia falar sobre isso. E os familiares sabiam que Vanga não responderia a uma pergunta sobre política, mesmo que fosse feita por algum visitante, pelo que os avisavam antecipadamente.

Por vezes, os encontros com os visitantes terminavam muito rapidamente. Assim, certa vez, Brezhnev visitou Vanga, mas a conversa não fluiu. Brezhnev perguntou logo à entrada, talvez querendo testá-la, se ela sabia quem estava à sua frente; Vanga respondeu no mesmo tom, e a visita terminou ali.

Noutros casos, os encontros foram mais produtivos, e as conversas duraram bastante tempo. Assim, certa vez, Vanga deslocou-se propositadamente a Sófia para se encontrar com Indira Gandhi e, posteriormente, referia-se a ela com grande respeito: "É uma grande mulher, e toda a sua vida, dedicada ao bem do povo indiano, é digna de respeito e admiração". Tal era a opinião de Vanga.

Vanga previu a morte de Gandhi, dizendo que um vestido a destruiria, que a via num belo vestido amarelo no meio do fogo. E assim aconteceu: no dia da sua morte, Indira Gandhi escolheu durante muito tempo, entre os seus vestidos, um adequado para o encontro importante que estava marcado para esse dia, e deteve a sua escolha num belo sári de cor açafrão. Aconselharam-na a usar um colete à prova de bala por baixo do vestido, mas para isso teria de ir ao encontro com outro vestido. Ela recusou, e esse dia tornou-se o seu último.

Naturalmente, empresários e homens de negócios visitavam Vanga. Eles também queriam saber sobre o seu futuro, sobre os negócios, sobre a saúde, sobre os seus filhos ou outros entes queridos. E com cada pessoa, se Vanga considerasse que era digna disso, ela conversava, contando-lhe o que ela queria saber. O mais

interessante destes encontros pode ser considerado, provavelmente, a conversa com o empresário e viajante ucraniano Anatoliy Lubchenko. Esta conversa é única porque Lubchenko conseguiu gravá-la. Lubchenko pediu permissão a Vanga para gravar a conversa num gravador e ela, conhecida pela sua atitude perante a técnica, aceitou inesperadamente.

Como se veio a verificar mais tarde, já após a morte de Vanga, esta foi a última entrevista que ela deu. Nela, falou sobre o futuro e fez várias previsões políticas. Mas Vanga impôs a Lubchenko uma condição: não publicar a gravação no século XX — por isso ela tornou-se do domínio público apenas muito recentemente. Além disso, durante muito tempo, ninguém desconfiava de que esta última entrevista de Vanga existia.

Aliás, vale a pena notar que, mesmo com a permissão de Vanga para gravar as suas palavras, a técnica comportou-se de forma estranha. A conversa decorreu sob a forma de perguntas feitas por Lubchenko e respostas dadas por Vanga, e durou 30 minutos. Mas quando ele fez a pergunta: "E a senhora ajudará os vivos após a morte?" — Vanga, que até então respondera diligentemente a todas as perguntas, calou-se subitamente, e Lubchenko percebeu que ela adormecera. Ele presumiu que a idosa estivesse cansada e não se surpreendeu. Mas nisto, subitamente, ouviu-se um estalido: o gravador desligou-se sozinho, embora a fita ainda não tivesse acabado. Eis um excerto da última entrevista de Vanga (foi feita em 1994, dois anos antes da morte de Vanga):

«– …Como se tornou clarividente? – Via frequentemente pessoas que já tinham morrido há muito tempo, e elas diziam-me o que aconteceria a cada um. E depois apareceu um homem grande e desconhecido. Ele disse que amanhã começaria a guerra e que eu deveria dizer às pessoas quem permaneceria vivo e quem morreria, e como evitar a morte. – Era uma pessoa viva? – Não, morta, como

as outras. – Como era o seu aspeto? – Uma sombra grande, oscilante, como um reflexo. Todos eles têm esse aspeto, e às vezes é apenas uma voz. – E como fala com eles? – Sinto quando aparecem. Primeiro na língua, depois no cérebro, e depois mergulho e ouço tudo. Uma voz vinda de longe, como na rádio, ora clara, ora má... – O que sente quando entram pessoas comuns? – Vejo-as ainda de longe, a cada uma, e conheço toda a vida delas, como se tivesse visto um filme. São boas, más, de todo o tipo... Todos querem um milagre e depois choram.

Mas quando a situação é muito má, eu calo-me, não digo nada. Só posso dar um conselho. – Qual? – Para que não vivam no mal, não se vinguem de ninguém, não guardem rancores, pratiquem boas ações. Para que ouçam o seu coração. Sempre apenas o coração, a cabeça erra mais vezes. O coração está ligado ao cosmos. Mas nem todos distinguem a voz do coração da voz da cabeça. – Essas pessoas mortas falam-lhe apenas do futuro ou do passado também? – De tudo. – E se se tratar de pessoas distantes e eventos noutros países? – A distância e as línguas não têm importância – tudo passa através do cosmos».

Nessa altura, Vanga já estava doente. Tinha emagrecido muito, mas continuava a receber visitantes apesar da sua idade avançada – já passava dos 80 anos. Apesar da sua doença, esforçava-se por ajudar todos os que a procuravam: o cantor famoso, o estadista, o escritor conhecido mas sem grande sucesso, o futuro presidente ou o simples indigente. Tratava todos com o mesmo respeito e paciência.

Poder-se-iam enumerar ainda muitas pessoas famosas e talentosas com quem Vanga comunicava regularmente. Sabe-se que Todor Zhivkov dava ouvidos à sua opinião e os restantes membros da sua família também visitavam Vanga frequentemente. A sua neta, Evgenia Zhivkova, gostava especialmente de conversar com ela.

Vanga previu-lhe a sua futura carreira de modelo. Previu também a morte trágica de Evgenia Zhivkova, mas nada pôde mudar.

Contudo, descrever todos os encontros de Vanga é impossível, pois foram muitíssimos.

Capítulo 9

MÉDICO, CURA-TE A TI MESMO

PORQUE VANGA NÃO QUIS EVITAR A SUA PRÓPRIA MORTE

Portanto, quando deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas (Mt 6:2)

Vanga considerava que todas as doenças do ser humano provêm da sua falta de saúde espiritual. Por isso, acima de tudo, o homem deve cuidar da sua espiritualidade. Se o homem viver em harmonia com a natureza e consigo próprio, por regra, permanece saudável tanto espiritual como fisicamente. Vanga explicava frequentemente aos seus pacientes quais eram as causas reais das suas doenças. Contava o que cada pessoa necessitava de mudar na sua vida. Pois, muitas vezes, todos os problemas de saúde começam precisamente no momento em que os pensamentos maus e negativos começam a prevalecer sobre os positivos.

Deve dizer-se que Vanga sempre se interessou por métodos de diagnóstico e tratamento com remédios tradicionais. Já desde cedo estava convencida de que todas as doenças, mesmo as bastante graves, são tratáveis com ervas, e que a própria natureza oferece à humanidade remédios valiosíssimos, bastando apenas saber usá-los. Vanga sempre tratou as plantas, especialmente as flores, com enorme respeito e amor. Compreendia a sua linguagem e sabia falar com elas. Eis o que dizem os seus familiares sobre esta faceta da sua natureza multifacetada:

"Ela vive em total harmonia com a natureza circundante e é, ela própria, uma partícula natural desta, não em sentido figurado, mas no sentido pleno da expressão. É por isso que sente a natureza tão subtilmente, captando cada sinal vindo do exterior com os seus órgãos sensoriais perfeitos. Compreende bem tudo o que a rodeia – a erva, as árvores, as pedras, as aves –, e com o seu olhar mental penetra no cosmos, no passado e no futuro. Os montes e colinas revelam-lhe os seus segredos milenares, e os rios partilham com ela lendas sobre cidades há muito desaparecidas e pessoas de séculos passados. Vanga considera que 'tudo vive', a natureza 'não viva' não existe. A natureza no seu todo está subordinada a uma organização superior e a uma inteligência superior" (*K. Stoyanova. "Vanga: Confissões de uma clarividente cega"*).

A maioria dos habitantes das cidades perdeu o conhecimento das suas trisavós, que conseguiam, com a ajuda de ervas e raízes, baixar a febre de uma criança e acalmar uma dor súbita no abdómen. Assim, Vanga considerava que os banhos com infusões de ervas medicinais funcionavam particularmente bem para fins terapêuticos, porque as substâncias benéficas são quase totalmente absorvidas através da pele humana. Já quanto aos medicamentos modernos, os conselhos da curandeira eram habitualmente os mesmos: não se deve abusar deles e, em geral, é preferível recorrer o menos possível a comprimidos e pós, uma vez que estes reduzem a capacidade do organismo de resistir às doenças. No entanto, Vanga não negava de todo a medicina tradicional; pelo contrário, manifestava sempre um interesse vivo pelas descobertas e avanços na área da medicina.

Desde tempos remotos, as pessoas curavam todo o tipo de doenças com a ajuda de ervas. O conhecimento sobre as propriedades benéficas das ervas medicinais era transmitido pelos curandeiros de geração em geração. Na Suméria, arqueólogos encontraram tábuas de argila fabricadas há milénios, contendo

receitas de tinturas e bálsamos de ervas medicinais. Muitas ervas aplicadas na medicina atual já eram conhecidas na antiguidade remota. Entre essas ervas contam-se o hipericão (zimbro), a tussilagem, o tomilho, a urtiga, a erva-cidreira, a celidónia, a tanchagem, a sempre-noiva, etc.

Vanga não duvidava de que a humanidade encontraria certamente remédios para as doenças mais terríveis e acreditava que isso aconteceria em breve. Seria vencida também uma doença como o cancro. Eis o que a própria Vanga dizia sobre isso: "Chegará o dia em que o cancro será acorrentado com grilhões de ferro". E ao pedido da sobrinha para explicar esta previsão de som estranho, Vanga respondeu que o remédio contra as doenças oncológicas deveria conter muito ferro, uma vez que é precisamente o ferro que falta atualmente na alimentação humana e na água potável (*K. Stoyanova. "Vanga: Confissões de uma clarividente cega"*).

Apesar de Vanga utilizar ervas medicinais bastante conhecidas para o tratamento, ela elaborava uma receita individual para cada paciente. Para a mesma doença, prescrevia a diferentes pessoas, dependendo da idade e do sexo, a sua própria consistência especial de ervas. Por exemplo, a uma criança doente aconselhava beber o sumo das flores de uma planta medicinal, e a um homem adulto o sumo das raízes da mesma erva. Tal abordagem dava resultados. Muitos pacientes voltavam a visitar Vanga, mas desta vez para lhe agradecer a ajuda.

Surpreendentemente, na sua prática terapêutica, Vanga utilizava métodos antiquíssimos, conhecidos ainda na Europa e na Rússia pré-cristãs. Eis um desses métodos invulgares:

"Aos pais de uma criança que tinha sofrido um forte golpe na cabeça, razão pela qual passara a dormir mal, ela indicou um meio simples e eficaz: banhar o pequenote no orvalho da manhã, que cobre abundantemente as ervas nas alvoradas de verão. Em seguida,

devia envolver-se a criança num pano húmido. Os pais assim fizeram. Em breve, o pai da criança veio pessoalmente ver Vanga para comunicar: o pequeno estava melhor e a recuperar rapidamente. Vanga literalmente idolatra este milagre de verão – o orvalho matinal –, considerando que de manhã as plantas libertam muitas substâncias curativas, razão pela qual é tão útil esfregar-se com orvalho não só os doentes, mas também os saudáveis, para fins preventivos" (*K. Stoyanova. "Vanga: Confissões de uma clarividente cega"*).

Vanga conseguia ver a essência das coisas e das pessoas com muito mais profundidade do que as pessoas comuns. Também conseguia prever o desfecho de uma doença. Por vezes, via-se obrigada a dizer coisas pesadas às pessoas, por exemplo, que a doença era incurável e que a pessoa deixaria em breve este mundo. Assim, previu a morte do seu pai em 1940. Naturalmente, todos os filhos esperavam que o pai ainda recuperasse, mas Vanga sabia que isso, infelizmente, não aconteceria. Quando a sua irmã Lyubka perguntou a Vanga sobre isso, eis o que ela respondeu: "Não tenhas esperança, maninha, sei que o pai morrerá em breve. E ficaremos órfãs de pai e mãe, sem ajuda nem apoio" (*K. Stoyanova. "Vanga: Confissões de uma clarividente cega"*).

Vanga previu também a morte do seu marido, Dimitar. Já sabia há vários anos o que estava para acontecer, embora, possivelmente no fundo da alma, esperasse pelo melhor. O marido de Vanga sofria de fortes dores de estômago e algum conhecido aconselhou-o a consumir um copo de *rakia* por dia para aliviar a dor. Como resultado, Dimitar nem se apercebeu de como se viciou no álcool. Embora tanto a própria Vanga como os médicos o aconselhassem insistentemente a abandonar o vício que o poderia destruir, ele não ouvia ninguém e a sua saúde continuou a deteriorar-se. Naturalmente, Vanga sofria profundamente. Eis o que recordam os seus familiares sobre esse período da sua vida:

"Vanga andava pela casa como uma sombra, definhando a olhos vistos pela angústia e ansiedade, chorando noites a fio. Sabia que para o seu marido não havia salvação, sabia-o com absoluta certeza, mas guardava tudo para si e implorava a Deus para que ocorresse um milagre" (*K. Stoyanova. "Vanga: Confissões de uma clarividente cega"*).

No Japão, desde tempos antigos que se aplicam banhos de ervas. São utilizados para fins de saúde e prevenção. E as japonesas utilizam banhos de ervas para manter a juventude e a beleza. Os médicos japoneses consideram que, se estes procedimentos forem realizados regularmente, o ser humano torna-se imune a muitas doenças – tais como gripe, alergias, psoríase, reumatismo, hipertensão, enxaqueca, distonia vegetovascular, angina de peito, etc.

Sem qualquer dúvida, para Vanga a morte do marido foi uma tragédia pessoal. Mas esteve ao seu lado durante todos os 6 últimos meses de vida de Dimitar, cuidando dele e apoiando-o. E quando o médico deu a entender a Vanga que devia preparar-se para o pior, ela respondeu que sabia da morte próxima do marido. Segundo os relatos da sua irmã, Vanga, embora estivesse preparada para o inevitável, sentiu ainda assim uma dor imensa quando se aproximou o dia fatídico.

Eis o que recorda sobre esse dia a irmã de Vanga, Lyubka:

"Quando Mitko estava a morrer, Vanga ajoelhou-se diante do seu leito, e dos seus olhos cegos corriam lágrimas incessantemente. Murmurava algo baixinho. Não sei se implorava ao Altíssimo para que o poupasse, se se despedia do marido. Mitko faleceu a 1 de abril de 1962, aos 42 anos. E quando já se tinha cumprido o grande mistério da morte, Vanga parou de chorar e adormeceu. Fizemos todo o necessário, as pessoas começaram a chegar, mas ela continuava a dormir. Dormiu até ao próprio enterro. Depois disse:

'Acompanhei-o até ao lugar que lhe estava destinado'. No dia seguinte, de manhã, saí e disse às pessoas que, como sempre, se tinham reunido à nossa porta sem suspeitar de nada, que Vanga tinha enterrado o marido ontem e não estava em condições de receber ninguém. Mas ela protestou: 'Faz as pessoas voltar. Recebê-las-ei a todas. Elas precisam de mim'" (*K. Stoyanova. "Vanga: Confissões de uma clarividente cega"*).

Apenas este caso demonstra a enorme força de espírito de Vanga, o facto de ela ter dedicado conscientemente a sua vida ao serviço das pessoas. Se ela pudesse ajudar as pessoas em algo, fazia-o mesmo sem que lho pedissem. A Vanga fora dado ver o futuro; se a pessoa desejasse conhecê-lo e tivesse espírito suficientemente forte, ela contava o que aconteceria. É notável um caso em que foi à sua consulta um materialista convicto, médico de profissão.

A clarividente começou a falar com ele sobre o futuro e disse-lhe que, passados 14 anos, ele morreria de cancro. Inicialmente, o médico não quis contar a ninguém a conversa com Vanga, mas acabou por contá-la à mulher. Como resultado, a sua filha também soube da previsão. Foi ela quem se lembrou das palavras de Vanga quando o seu pai morreu e a autópsia revelou a causa da morte (doença oncológica). Tudo aconteceu exatamente como Vanga dissera.

Naturalmente, é muito mais agradável falar às pessoas sobre um futuro bom, e muitas pessoas que por vezes tinham perdido a esperança recebiam, ao chegar a Vanga, um bom prognóstico para o futuro. Ela dava conselhos sobre como curar esta ou aquela doença, pois por vezes recorriam a ela pessoas que a medicina tradicional, por qualquer razão, não conseguia ajudar. Assim, certa vez, foram ter com ela os pais de uma criança que tinha febre alta há um mês inteiro. Os médicos não conseguiam entender a causa e,

embora tratassem o pequeno com todo o tipo de medicamentos, tudo era em vão. Após "examinar" a criança, ela aconselhou os pais a banhá-la numa infusão de ervas da floresta. Logo o primeiro banho trouxe resultados: a febre baixou. E em breve o pequenote recuperou totalmente.

Por vezes, Vanga sugeria às pessoas métodos de tratamento que a medicina moderna não pratica. E, se a pessoa ouvisse os seus conselhos, recuperava bastante depressa. Há inúmeros exemplos destes. Por exemplo, a uma mulher que sofria constantemente de enxaquecas, Vanga aconselhou que tomasse à noite uma colher de sopa de água com açúcar diluído. E este remédio ajudou; as dores de cabeça constantes deixaram de incomodar a mulher. Noutra ocasião, recorreu a ela uma paciente que sofria de fortes distúrbios nervosos. A esta, Vanga recomendou misturar limões triturados com mel e tomar 2 vezes por dia, de manhã e à noite. E esta receita também trouxe alívio à doente.

Verifica-se que as pessoas utilizam, desde tempos antigos, muitos produtos que conhecemos na medicina. Assim, o mel era considerado um remédio universal na Grécia, na Fenícia, na Tessália... E todo o tipo de óleos vegetais eram aplicados para fins médicos praticamente em todo o mundo. O óleo era utilizado tanto para uso interno como para compressas, fricções e pomadas.

Muitos dos seus segredos eram revelados a Vanga pelas plantas. E pelas flores ela sempre teve um carinho especial.

"Vanga fala com prazer... com as flores. Considera-as seres vivos, pessoas tal como nós. Se eu conseguisse contar com que cuidado ela trata as flores junto à sua casinha em Rupite! Ela para obrigatoriamente diante de cada flor, acaricia-a, rega-a, murmura-lhe algo. Diz que as flores também lhe contam muitas coisas interessantes. É um autêntico conto de fadas, um belo conto! Mas

afinal é também uma realidade, um testemunho de que isto é real" (*K. Stoyanova. "Vanga: Confissões de uma clarividente cega"*).

Realmente, que dom invulgar possuía Vanga. Quanta coisa interessante deve a natureza ter-lhe contado sobre o seu passado, presente e futuro. Árvores, ervas, musgos – todos eles foram, desde tempos antigos, amigos e auxiliares das pessoas que sabiam entender a sua linguagem, sabiam como lidar com eles e como utilizá-los. Afinal, a mesma planta pode servir tanto de remédio como de veneno. É precisamente por isso que as pessoas que possuíam tais conhecimentos eram, na Europa, mais frequentemente chamadas de benzedeiras, ou até de feiticeiros. Mas a Vanga tais definições não se aplicavam de modo algum, uma vez que possuía capacidades verdadeiramente únicas, e não apenas como curandeira.

Certa vez, Vanga conversava com Svetoslav Roerich. Ele fez-lhe uma pergunta sobre as ervas medicinais, sobre o que elas significavam na sua prática de cura das pessoas. Eis o que Vanga lhe respondeu:

"Aqui não se resolve a questão com duas palavras. É um tema grande à parte. O mundo começou com a erva e terminará com as ervas. Tudo o que as pessoas deixarem na terra será coberto pela erva do esquecimento. As ervas de cada país são curativas apenas para as pessoas que vivem nesse país. Assim está determinado. Cada pessoa deve tratar-se apenas com as suas próprias ervas" (*K. Stoyanova. "Vanga: Confissões de uma clarividente cega"*).

Aos seus numerosos pacientes, a curandeira aconselhava sempre a tratar as plantas e a sua força com respeito. A quantidade desta ou daquela erva devia ser exatamente a indicada por Vanga; só então o tratamento seria eficaz. Por exemplo, se uma pessoa tivesse o coração fraco e os médicos considerassem que estava em risco de enfarte, Vanga considerava que se podia lidar com esse mal

se, durante 4 dias seguidos, de manhã, se bebesse uma infusão de abrunheiro-bravo, mas obrigatoriamente em jejum. Se o paciente sofresse de uma tosse exaustiva, podia ajudá-lo uma infusão de semente de linhaça. Além disso, Vanga aconselhava o consumo de água fria.

Nas doenças de pele, segundo Vanga, as ervas também podem trazer benefícios significativos. Em caso de erupções cutâneas, a curandeira recomendava tomar banhos numa infusão de casca de carvalho e, após apenas alguns procedimentos destes, a erupção passaria. Aos que sofriam de sarna, Vanga aconselhava preparar uma infusão de 5 copos de cevada e esfregar a pele com ela. Havia também recomendações para doentes com diabetes mellitus. Assim, por exemplo, pode travar-se o desenvolvimento desta doença (se estiver na fase inicial) tomando uma infusão de bagas de amoreira-silvestre.

Aos doentes com asma, Vanga recomendava beber regularmente uma infusão de flores de tussilagem. Considerava que a asma era uma doença que surgia como resultado de a pessoa beber muitos líquidos frios. É especialmente prejudicial fazê-lo quando se está cansado, bem como após trabalho físico pesado. Na doença renal, a curandeira recomendava beber chá de sementes de abóbora, e o estado melhoraria significativamente. Se a pessoa tivesse os intestinos doentes, Vanga aconselhava abordar a dieta seriamente e reduzir drasticamente o teor de óleo na comida.

Certa vez, foram à consulta de Vanga os pais de uma criança que sofria de epilepsia. Ela aconselhou-os a banhá-la regularmente numa infusão de ervas da floresta, uma vez que estas exercem um efeito calmante. Ou houve o caso em que um homem que se tinha intoxicado com emanações nocivas a procurou; ela aconselhou-o simplesmente a aquecer os pés em água morna todas as noites durante um mês. E a uma mulher que durante 10 anos sofrera de

dores no peito, Vanga disse que a causa da doença era uma inflamação da pleura. Seguindo o conselho da curandeira, a mulher passou a fazer para si própria cataplasmas quentes de massa com adição de vinho azedo, vinagre e óleo vegetal.

Como já foi dito acima, por vezes Vanga aplicava métodos de tratamento realmente estranhos. Eis o que conta sobre isto a sua sobrinha Krasimira:

"Certa vez, tarde da noite, veio da aldeia de Kolarovo o meu amigo B. P. E não veio sozinho, foi trazido pelo irmão. O meu amigo perdera subitamente o juízo. Agarrara num machado e começara a atacar os seus familiares. E de tal modo se enfureceu que os irmãos foram obrigados a amarrá-lo. O amigo mudara de forma irreconhecível. Acordei a tia e perguntei o que fazer. Ela disse imediatamente:

«Compre um jarro de barro novo, encha-o com água do rio mais próximo e banhe o doente três vezes. Depois, atire o jarro contra as pedras para que se quebre em pequenos fragmentos. Em circunstância alguma se volte ao ouvir o som do jarro a partir-se». Embora fosse muito inconveniente, acordámos o oleiro que vivia ao nosso lado. Ele ficou intrigado com a estranha visita noturna, mas deu-nos um jarro de barro.

O rio em Petrich atravessa o centro da cidade e a nossa casa situa-se na sua margem alta. Descemos ao rio e fizemos tudo tal como a tia ordenara. Agradeço à escuridão e à hora tardia, pois o nosso «ato sagrado» junto ao rio pareceria bastante suspeito a qualquer pessoa. Mas o mais surpreendente é que o meu amigo recuperou os sentidos, dormiu profundamente a noite toda e, de manhã, acordou como uma pessoa normal. Não se lembrava de nada das suas saídas violentas» (K. Stoyanova. «Vanga: confissões de uma vidente cega»).

Não menos surpreendente é outro caso, em que um jovem condutor de escavadoras recorreu à ajuda de Vanga. Ele trabalhava na drenagem de um pântano e arranhou acidentalmente a perna. Aparentemente, entrou sujidade na ferida. A ferida começou a ganhar pus, surgiu um edema e necrose. Os médicos nada puderam fazer e disseram que a perna teria de ser amputada.

No entanto, Vanga decidiu que a perna podia ser salva e aconselhou a «apanhar uma rã, de preferência exatamente onde o jovem feriu a perna, tirar-lhe a pele e aplicar a pele da rã no local doente» (K. Stoyanova. «Vanga: confissões de uma vidente cega»). Naturalmente, os pais do jovem fizeram tudo conforme a curandeira aconselhara. O rapaz, que até então sofria de dores intensas, adormeceu quase instantaneamente. Dormiu durante 2 dias. E quando acordou e examinou a perna, ficou muito surpreendido: todo o pus tinha ficado na ligadura, o inchaço tinha baixado. E logo após 7 dias a ferida estava absolutamente cicatrizada.

De facto, tais receitas são desconhecidas para a medicina oficial, mas a verdade é que há muito que ela ainda desconhece. Talvez um dia os médicos consigam explicar tais métodos de tratamento, ou talvez até os venham a aplicar na prática. Quem sabe...

Vanga conseguia prever a morte das pessoas, comunicava com os mortos, mesmo com aqueles que tinham morrido há milhares de anos. Segundo os relatos da própria Vanga, a comunicação com os mortos ocorria de forma muito simples: ela via-os à sua frente. Certa vez, um visitante fez-lhe uma pergunta:

«Será que a minha presença evocou a imagem da mulher falecida?»

Vanga respondeu: «Não, eles vêm por si próprios. Eu sou para eles o portal para este mundo».

Também explicou a um dos seus familiares o princípio pelo qual passava a sua comunicação com os falecidos:

«Quando uma pessoa está à minha frente, todos os seus entes queridos falecidos reúnem-se à volta dela. Eles próprios me fazem perguntas e respondem de bom grado às minhas. Aquilo que ouço sobre eles, transmito aos vivos» (K. Stoyanova. «Vanga: confissões de uma vidente cega»).

Se Vanga previa a morte de outras pessoas, naturalmente sabia também a hora da sua própria morte. Sabia... Mas poderia ela ter feito algo para prolongar a sua vida? E, acima de tudo, quereria ela isso? Crê-se que o próprio leitor responderá a estas questões ao compreender como Vanga encarava a vida e a morte. Aparentemente, Vanga percecionava a morte de forma diferente da maioria das pessoas. Eis o que ela própria relatava sobre o assunto:

«— Já te disse que após a morte o corpo se decompõe, desaparece, como tudo o que é vivo após a morte. Mas uma certa parte do corpo não sucumbe à decomposição, não apodrece. — Presumivelmente, refere-se à alma humana? — Não sei que nome lhe dar. Considero que algo no ser humano, que não está sujeito à decomposição, se desenvolve e passa para um estado novo, mais elevado, sobre o qual nada sabemos concretamente.

Acontece aproximadamente assim: morres analfabeto, depois morres como aluno, depois como uma pessoa com ensino superior, depois como cientista. — Então, isso significa que várias mortes aguardam o ser humano? — As mortes são várias, mas o princípio superior não morre. E essa é a alma do homem. Para Vanga, a morte é apenas o fim físico, mas a personalidade preserva-se mesmo após o falecimento» (K. Stoyanova. «Vanga: confissões de uma vidente cega»).

Vanga sabia muito do que é inacessível à maioria das pessoas comuns; ela contactava com isso diariamente. Por algumas razões, forças sobrenaturais escolheram-na precisamente a ela como mediadora entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Aparentemente, Vanga percecionava a morte não como o fim de tudo, mas como uma continuação.

Segundo as palavras dos seus familiares, ela falava da morte de forma poética: «Vanga começou a falar sobre a morte. Não conseguíamos desviar o olhar do seu rosto imóvel. Obviamente, ela estava a ter visões. Relatou alguns casos em que sentiu a aproximação da morte. Contou que viu a hora exata da morte do seu marido. Depois contou como uma vez, quando coziam ameixas no quintal, a morte „rumorejou" sobre as árvores. Parecia uma balada. Na conceção de Vanga, a morte é uma mulher bonita com cabelos soltos» (K. Stoyanova. «Vanga: confissões de uma vidente cega»).

O que mais se pode acrescentar aqui?

Capítulo 10

TERÁ A DOENÇA AS SUAS RAÍZES EM VIDAS PASSADAS?

O STRESS ANCESTRAL – O TRAUMA COMO CAUSA DE ENFERMIDADES AO LONGO DA VIDA

Ninguém leva a morte a sério. O homem pode ver a morte ao seu redor, mas, ainda assim, não acreditar que é mortal. Ele acredita, ou melhor, sente de alguma forma incompreensível, que a morte não é para ele. Apenas se o seu corpo for ameaçado por uma desgraça é que ele pode sentir o medo da morte. Cada ser humano sente-se eterno, e isso é, na verdade, assim... Ramana Maharshi

Desde tempos remotos que as pessoas se interrogam: de onde vem a doença, por que razão uma pessoa anteriormente saudável adoece subitamente e, por vezes, já ninguém a consegue ajudar? Assim, os xamãs acreditavam que a causa da doença eram sempre espíritos malignos que se instalavam no corpo da pessoa e lhe causavam sofrimento. Precisamente por isso, para os xamãs, o principal no tratamento era a expulsão do espírito maligno do corpo do doente. A medicina moderna, ao estudar todas as doenças possíveis e as causas do seu surgimento, considera que frequentemente o mecanismo de ignição da doença reside na hereditariedade, na alimentação incorreta, no estilo de vida, na má ecologia, etc. Mas como é que tudo se processa na realidade?

Como supõem muitos cientistas progressistas e curandeiros proeminentes da atualidade, a verdade encontra-se algures no meio. Existe a hipótese de que a doença tem a sua origem no nível espiritual e apenas com o passar do tempo se manifesta já no sofrimento físico, no mal-estar, nas dores, etc. O ser humano recorre à ajuda de médicos e curandeiros quando a enfermidade já se deu a conhecer. E, de facto, por vezes passam-se anos desde o início da doença até à sua manifestação factual. E a pessoa vive todo esse tempo sem suspeitar que já tem sobre si uma espada de Dâmocles.

Os lamas tibetanos, possuindo a capacidade de ver a aura das pessoas, podem também ver a doença que já nasceu nos planos subtis do corpo humano. Eles descrevem-na como uma mancha escura em alguma área de um dos corpos subtis. Frequentemente, como consideram os lamas, a doença é particularmente visível ao nível do corpo etérico. Quando a doença ainda não se manifestou no corpo físico, pode ser facilmente curada. Não com medicamentos, claro, mas com exercícios espirituais e uma revisão séria das suas ações e da vida como um todo.

Mesmo os cientistas já não negam que o ser humano, além do corpo físico visível, possui também corpos subtis invisíveis ao nosso olho. Assim, os bioenergetistas consideram que cada corpo subtil tem a sua radiação e cor específicas. Aqueles que possuem a capacidade de ver a aura humana veem perfeitamente todas as tonalidades dos corpos subtis. Assim, o corpo etérico já na antiguidade era chamado de cor de laranja.

Conforme consideram os lamas tibetanos, todos os corpos subtis alimentam-se de energia precisamente do corpo etérico. E, mais frequentemente, a energia do corpo cor de laranja é utilizada pelo corpo astral. Por isso, é muito importante que o corpo etérico esteja bem desenvolvido. Neste caso, a pessoa é resistente e produtiva, e todas as doenças se afastam dela. Tal pessoa raramente sente descontentamento consigo própria ou com o mundo, o que significa que contribui para a purificação do seu karma. Os iogues indianos também consideram que o corpo etérico pode e deve ser desenvolvido.

No Oriente, acredita-se que, em oposição ao mundo violeta, existe o mundo castanho. É nele que têm origem qualidades como a ganância, a malevolência, o desejo de poder, o não perdão, o ciúme, o medo, a inclinação para a violência, a raiva, a irritação, a mentira e a desconfiança. O mundo castanho influencia as pessoas, e ai daquele que cair totalmente sob o seu domínio.

E vale mesmo a pena o esforço, pois um nível elevado do corpo cor de laranja contribui para uma excelente saúde física, força, flexibilidade, elevação intelectual e longevidade. Para alcançar isto, recomenda-se a prática de Hatha-Yoga, ginástica respiratória, exercícios físicos e alimentação correta. Considera-se que o corpo etérico se desenvolve paralelamente ao corpo astral (amarelo).

Por sua vez, o corpo astral está diretamente ligado às capacidades criativas do ser humano. Se estiver suficientemente

desenvolvido, a pessoa é ativa, vigorosa, alegre, sente a alegria da existência, sabe perdoar e rir das suas próprias dificuldades e contratempos. Tais pessoas costumam saber empatizar com os outros, perdoar as ofensas que lhes foram feitas, são artísticas e geralmente talentosas. Para desenvolver o corpo amarelo, recomenda-se caminhar descalço na terra e banhos regulares em água fria, uma vez que as energias astrais e a água estão interligadas. Também se recomenda meditar sobre o cheiro, o paladar, o frio e o calor.

O desenvolvimento do corpo mental, ou verde, também é muito importante para o ser humano, segundo consideram os iogues indianos. Uma pessoa com um elevado nível de desenvolvimento do corpo mental distingue-se geralmente pela inteligência, excelente tolerância a cargas mentais e um grande volume de conhecimento sobre o mundo. Tem a memória e o raciocínio lógico perfeitamente desenvolvidos. Geralmente, tal pessoa tem inclinação para as ciências exatas, bem como para a filosofia, possui um autocontrolo bem desenvolvido e propensão para a análise.

Durante a acumulação de conhecimentos e o desenvolvimento do intelecto (processo de desenvolvimento do corpo mental), as pessoas sentem frequentemente a influência de fatores inibidores — tais como o sentimento de orgulho, superioridade, excesso de treino e sobre-excitação. Portanto, livrar-se destes sentimentos colaterais contribui para um aperfeiçoamento mais rápido do corpo e da mente. Para tal, desde tempos antigos que os sábios tibetanos e indianos aconselham a prática da meditação, a prática espiritual e o autoaperfeiçoamento.

Na América e na Europa, difundiu-se amplamente o ensinamento de gurus como Ramana Maharshi, Osho (Bhagwan Shree Rajneesh) e Maharishi. Todas estas pessoas conquistaram a

fama de sábios e mestres. E, apesar de os céticos os chamarem de charlatães, cada um deles teve uma enorme multidão de admiradores por todo o mundo. O ensinamento sobre o karma atrai particularmente os ocidentais para as fileiras de seguidores destas pessoas proeminentes.

Em muitos ensinamentos antigos, diz-se que o mundo cármico (azul-celeste) é significativamente mais dinâmico e subtil que o mental e, por isso, tem um significado especial para o ser humano. O desenvolvimento do corpo cármico está diretamente ligado ao cumprimento das principais leis do desenvolvimento cármico, que pressupõem o cumprimento das normas e leis básicas das esferas das quais fazemos parte. Quando o processo de desenvolvimento decorre corretamente, a pessoa liberta-se gradualmente de hábitos nocivos, adquire desapego e não-identificação, que exigem um controlo constante sobre os próprios pensamentos e emoções, o que contribui para a preservação da energia psíquica.

A perfeição cármica pressupõe economia de energia, forças, tempo e meios, capacidade e desejo de trabalhar com dedicação total, desinteresse, cumprimento do dever, excelente atenção e seguimento das normas das relações humanas. Quando o corpo cármico atinge 100% de desenvolvimento, a sua energia flui para outros tipos de desenvolvimento cósmico.

Por sua vez, o corpo intuitivo, ou azul-escuro, está ligado diretamente ao desenvolvimento da intuição. As principais características de um bom nível de desenvolvimento do corpo azul incluem a acuidade da memória auditiva e visual, o amor pela beleza e pela harmonia, a possibilidade de visualizar imagens, o conhecimento das leis da harmonia do Universo e do mundo circundante, o desenvolvimento da visão espiritual (terceira visão), a perceção intuitiva de dissonâncias e consonâncias, e a prática do sonho.

No que diz respeito ao corpo violeta, ou corpo do nirvana, como é chamado desde a antiguidade, o seu desenvolvimento requer um esforço significativamente maior. O ser humano terá de erradicar em si traços negativos como o ódio, o orgulho, a inveja, a mentira, o medo, o ciúme, a descrença, bem como aprender o verdadeiro desinteresse, deixando de procurar o benefício próprio em tudo.

Em vez disso, deve aspirar à compaixão, ao autossacrifício, à confiança, ao arrependimento, e aprender a amar o que se encontra para além das fronteiras do seu «eu». Para o aperfeiçoamento do corpo do nirvana, podem recomendar-se meditações regulares, destinadas à dissolução e unificação do seu «eu», que permitirão melhorar a concentração no coração, no apurar de qualidades que conduzem à bondade, nobreza, pureza de intenções da alma, sinceridade, veracidade, cordialidade, benevolência, etc.

Considera-se que os eventos-chave da vida passada se repetirão nesta, geralmente na mesma idade. Assim, por exemplo, se uma pessoa esteve à beira da morte aos 25 anos na encarnação passada, o mesmo acontecerá na presente. Contudo, se conseguir compreender a causa do ocorrido no passado e não permitir a repetição disso, conseguirá evitar o evento fatídico ou livrar-se-á com um dano mais leve.

O corpo branco, ou corpo do Absoluto, combina em si as melhores qualidades de todos os tipos de desenvolvimento. É ele que permite ao ser humano obter acesso à informação do Absoluto e dá-lhe até a possibilidade de viajar nele. Se o corpo branco tem um elevado nível de desenvolvimento, a pessoa possui, regra geral, um karma forte e uma consciência expandida para receber e descodificar a informação proveniente do mundo subtil.

Deve dizer-se que o conceito de corpos subtis e mundos subtis, aos quais cada ser humano está diretamente ligado, chegou até nós

do Oriente. Há vários milénios, algures no território da atual Índia, Paquistão e China, nasceu o ensinamento que serviu de base a quase todas as religiões orientais (budismo, hinduísmo, taoísmo, judaísmo, etc.). Como consideram as pessoas esclarecidas, este ensinamento antigo foi-nos deixado como herança por uma civilização desaparecida há muito. Muitos conhecimentos perderam-se, mas alguns são guardados com zelo e transmitidos apenas a pessoas dignas e iniciadas.

A crença na reencarnação esteve difundida no Oriente desde tempos imemoriais. E deve dizer-se que, nas últimas décadas, a crença no renascimento ganhou uma ampla difusão por todo o mundo. O que é, então, a reencarnação? Este conceito é impossível de expressar em duas palavras, porque é suficientemente profundo e abrangente.

Na base deste ensinamento reside o princípio segundo o qual, após a morte física, a existência não cessa, mas apenas passa para outro nível; ou seja, a alma da pessoa falecida ganha a possibilidade de encarnação em outros mundos desde um passado sem início, pelo que cada novo renascimento na Terra é apenas uma etapa curta numa longa sucessão de nascimentos e mortes. Como resultado, cada ser humano (animal ou planta) tem múltiplas vidas, tanto passadas como futuras.

O renascimento das almas ocorre de acordo com as leis da reencarnação, que estão diretamente ligadas às leis do karma. De acordo com o ensinamento sobre a reencarnação, a alma humana é uma entidade do plano subtil e, ao deixar o corpo físico após a morte, renasce num novo corpo, em novas condições de vida que, aliás, são totalmente determinadas pelas leis do karma. Conforme consideram os crentes neste ensinamento, qualquer ser vivo que entre na esfera de ação das leis da reencarnação não poderá deixar este ciclo de samsara (fluxo da existência) e não deixará de encarnar

até que tenha «esgotado» totalmente o seu karma do nível etérico e físico.

Então, o que é o karma e as suas leis?

No Oriente, acredita-se que a doença pode perseguir o homem de encarnação em encarnação até que ele «esgote» o seu karma. Se o homem, na vida passada, praticou atos cruéis, foi implacável e injusto com as pessoas, na vida presente pode nascer com deformidades graves ou deficiência. Desta forma, é-lhe dada a oportunidade de rever os seus valores e atitudes vitais passados.

Na tradução do sânscrito, a palavra «karma» significa «ação». E, para o homem ocidental, o significado mais compreensível será «programa», porque reflete perfeitamente a essência deste fenómeno. Desde tempos imemoriais que as pessoas compreenderam que o seu presente e futuro estão diretamente ligados às suas próprias ações e feitos.

Afinal, nada na nossa vida acontece por acaso. Tudo o que nos sucede: doenças, acidentes, traições, assaltos, desastres, assassinatos, problemas no trabalho e na família — tudo isso está inserido pela inteligência superior num determinado programa. Portanto, se uma pessoa pratica constantemente más ações, causa o mal a outras pessoas ou animais, mantém pensamentos maldosos na cabeça, tudo isso regressa a ela como um bumerangue sob a forma de doenças, problemas e desgraças.

Os europeus, na sua maioria, pouco refletem sobre a causalidade deste ou daquele caso na sua vida. De forma diferente encaram isto os habitantes do Oriente. Na Índia e no Tibete (e não só), estão amplamente difundidas metodologias que permitem às pessoas recordar as suas encarnações passadas e, por conseguinte, conhecer os seus velhos erros para não os cometer novamente. Assim, os budistas percecionam a vida e o mundo em geral de

forma um pouco diferente de nós: «Como a minha mente já estava livre de todos os obstáculos em éons (encarnações) anteriores, agora posso recordar as minhas encarnações anteriores, tão inumeráveis como a areia do Ganges. Mesmo quando eu era um feto no útero materno, já tinha despertado para o estado de vazio silencioso, que depois se expandiu e preencheu todas as dez direções e que me deu a possibilidade de ensinar aos seres vivos como despertar na natureza absoluta» («Shurangama Sutra», meditação sobre o intelecto).

De facto, se olharmos atentamente para as pessoas que nos rodeiam, veremos que muitos indivíduos perfeitamente virtuosos, que nunca fazem mal a ninguém, sofrem, no entanto, golpes constantes do destino. São persistentemente perseguidos por infortúnios, problemas no trabalho, questões de saúde, dificuldades financeiras, ausência de vida pessoal e perdas de toda a espécie. Por que razão acontece isto? Porque é que pessoas aparentemente boas sofrem tal injustiça do destino? A causa reside, uma vez mais, no karma. O mais provável é que o «programa» dessas pessoas tenha sido contaminado noutras encarnações; por outras palavras, aparentemente, tais pessoas praticaram atos reprováveis em vidas passadas, pelos quais têm agora de pagar.

E, no fundo, é bom se o pagamento consistir apenas na perda constante de pequenos objetos (roubaram a mala ou a carteira, perderam-se as chaves, uma corrente de ouro partiu-se e perdeu-se ao tomar banho no rio) ou num cônjuge ranzinza, uma vez que o «programa» tem a propriedade de transitar para as encarnações seguintes. E pouco ou nada se pode fazer aqui, a não ser tentar não praticar o mal, nem por atos nem por pensamentos, ou seja, levar um estilo de vida virtuoso.

Surpreendentemente, muitas crianças pequenas lembram-se perfeitamente de eventos da sua vida passada. Depois, ao

crescerem, a criança esquece-se disso. Frequentemente, os próprios adultos contribuem para este esquecimento: ao ouvirem discursos estranhos do filho ou da filha, os pais começam a repreender ou a ridicularizar a criança, chamando-lhe fantasiosa. Em resultado disso, a criança fecha-se em si própria e deixa de querer falar sobre o assunto.

Assim, um caso surpreendente ocorreu na família de uma mulher de Vladivostok. A sua filha de três anos, que aprendera a falar há pouco tempo, começou a contar coisas estranhas. A menina chamava a si própria por outro nome e exigia constantemente que a levassem para casa. À pergunta sobre onde era a sua casa, ela respondia sem hesitar: «Em Cracóvia». A menina indicava a rua e a casa onde alegadamente vivera antes. Dizia nomes (polacos) de pessoas que, segundo ela, eram seus familiares. A mãe não sabia o que pensar.

As ideias de reencarnação ocuparam as mentes de muitos filósofos e pensadores tanto na Antiguidade, como na Idade Média e nos nossos dias. A este problema dedicaram as suas obras figuras célebres do passado como Tertuliano, Taciano e Ireneu de Lyon.

O caso ocorreu no início da década de 1990 e a família em que a menina vivia era modesta. Por isso, os pais nem sequer equacionavam uma viagem à Polónia, embora fosse precisamente assim que poderiam verificar a veracidade das palavras da menina. Gradualmente, a criança pareceu começar a esquecer Cracóvia e outros eventos da sua vida passada. Por essa altura, a mãe, preocupada com os discursos estranhos da filha, já lera uma grande quantidade de literatura sobre o tema e descobrira que, afinal, tais casos com crianças não são de todo raros. As crianças pequenas podem recordar-se das suas vidas passadas.

Não apenas no Oriente, mas também no Ocidente, compreende-se a importância do comportamento da mulher

durante o parto. Pois, se ela estiver nervosa, inquieta ou sentir medo, as suas emoções transmitir-se-ão inevitavelmente ao seu filho ainda por nascer e, com o tempo, isso poderá tornar-se a causa de alguma doença.

Entretanto, passaram-se 8 anos. O acaso, ou melhor, uma sucessão de certos eventos na vida desta família, ajudou a esclarecer esta história. O pai da menina dedicou-se aos negócios e estes correram-lhe de forma bastante bem-sucedida. Assim, um belo dia, decidiu presentear a sua esposa e filhos (entretanto nascera também um filho) com uma viagem de férias. Os familiares, naturalmente, alegraram-se e começaram a decidir para onde iriam descansar.

Surgiram as propostas mais variadas, mas a filha baralhou todos ao declarar: «Por favor, por favor, vamos a Cracóvia!» Os pais pensavam que a filha já se tinha esquecido das suas estranhas conversas de infância e tentaram perguntar à menina de 11 anos por que razão queria ir para Cracóvia, que nem sequer é uma estância de férias, em vez de ir para as Areias de Ouro ou para a Turquia. A menina não conseguia responder claramente às perguntas, no entanto, desejava ir precisamente para essa cidade polaca.

O pai, inicialmente, não concordou com a filha, considerando aquilo um capricho estranho, mas a mãe, após refletir, decidiu convencê-lo a fazer a viagem. Em resultado, a mulher foi para a Polónia com os dois filhos. Durante todo o percurso, a menina esteve estranhamente agitada, e a sua agitação aumentou significativamente quando a família começou a aproximar-se de Cracóvia. Instalaram-se num pequeno hotel, mas mal tinham desfeito as malas e a filha já puxava a mãe e o irmão para um passeio pela cidade. Refira-se que estavam muito cansados da viagem, mas, vendo a estranha excitação da filha, a mãe acabou por aceder.

Durante esse passeio pela cidade, a menina tomou a iniciativa: «Vamos à cidade velha, é muito bonito lá!» Começou a puxar a mãe e o irmão numa direção específica. E a mãe, lembrando-se das conversas da filha quando esta tinha 3 anos, decidiu não discutir. Surpreendentemente, a menina orientava-se perfeitamente na cidade velha e, verdade seja dita, a cidade era realmente muito bela.

Passado algum tempo, a menina desviou-se das ruas centrais e, em breve, a família viu-se nos arredores da cidade, numa rua pequena mas bastante bonita. As casas nesta rua eram muito antigas e rodeadas por jardins igualmente antigos. A menina aproximou-se com confiança do portão da sexta casa e, após observá-lo, disse: «Antigamente aqui estava outro portão, de madeira, verde...» A mãe já não se surpreendia com o comportamento estranho da filha e decidiu recolher informações.

Isso levou quase 10 dias, mas ela descobriu coisas admiráveis. Acontece que, há 25 anos, exatamente naquela casa onde a filha a levara, vivera uma mulher que tinha o mesmo nome pelo qual a menina se chamava aos 3 anos de idade. Agora viviam lá outras pessoas. Mas uma vizinha idosa contou-lhe a história dessa mesma jovem que, presumivelmente, fora a sua filha numa vida anterior. A mulher morrera quando tinha 29 anos, devido a complicações após uma cirurgia. Deixara um filho e o marido. Surpreendentemente, todos os nomes coincidiam com os que a menina pronunciava constantemente quando era pequena.

Tudo coincidia absolutamente com o que a mãe ouvira da filha. Após a morte da jovem, a sua família mudara-se da pequena casa nos arredores de Cracóvia. Talvez tenha sido o melhor: como poderia a mulher da distante Vladivostok explicar a estas pessoas uma história tão estranha que as trouxera a Cracóvia? E a menina de 11 anos, após esta viagem, recordou-se de muitos novos detalhes da sua vida passada.

Os eventos mais importantes das vidas passadas ficam gravados na alma humana de forma nítida. Por exemplo, uma pessoa pode recordar inconscientemente um stress fortíssimo ou o momento da morte. Assim, alguém que tenha morrido afogado numa vida passada sente, na presente, uma hidrofobia insuperável. E se a morte ocorreu devido a uma queda de uma grande altura, o próprio momento da queda e o terror associado a ele ficarão para sempre gravados na memória da pessoa. Ao renascer, a pessoa, naturalmente, não recordará todos os pormenores da sua morte anterior, mas o medo de alturas permanecerá com ela para sempre.

Aqueles que morreram no passado no meio de uma multidão, por exemplo, espezinhados em pânico, experimentam agora um desconforto fortíssimo ao ver um grande número de pessoas. Tais pessoas geralmente não frequentam estádios e mantêm-se afastadas de demonstrações e comícios de massas. Aqueles que morreram queimados vivos sentem, nas vidas seguintes, um medo intensíssimo do fogo. Emparedados ou enterrados vivos podem, na vida seguinte, sofrer de claustrofobia, ou seja, medo de espaços fechados. Estrangulados ou enforcados numa encarnação passada sentem um pânico inexplicável se alguém, de repente, toca no seu pescoço.

E quase todas as pessoas sentem uma repulsa agudíssima se ouvem o ranger de metal contra vidro ou de ferro contra ferro. Afinal, estes são os últimos sons que ouve alguém que morre por uma arma branca. É com tal tinido que as espadas e os machados golpeiam o corpo humano juntamente com a armadura; é com tal som que as setas perfuram as couraças e outras proteções. E como a era das armas brancas durou muitos e muitos séculos, a maioria das pessoas que vivem atualmente já experimentou, em vidas anteriores, a morte pelo metal.

No entanto, o ser humano pode sofrer não apenas de fobias desenvolvidas devido ao tipo de morte na vida passada. Como se acredita no Oriente, as doenças também nos chegam do passado. A saúde, as doenças, as deformidades de uma pessoa — tudo isso é herdado de vidas anteriores. Geralmente, do que a pessoa sofria na encarnação anterior, sofrerá também na seguinte. E, além disso, tem grande importância o tipo de morte que a pessoa teve e o que contribuiu para isso. Por exemplo, quem morreu afogado na vida passada sofrerá agora de doenças pulmonares. Uma pessoa enforcada ou estrangulada nesta vida sofrerá de asma. Se na encarnação passada a pessoa sofria de alcoolismo e morreu por essa razão, agora terá o fígado doente.

Existe a opinião de que o stress ou outras sensações desagradáveis experimentadas por uma criança no processo do seu nascimento podem contribuir para o despertar nela da memória profunda, ou memória da vida passada. E estas recordações não são necessariamente agradáveis.

Quem na vida anterior morreu de um ferimento de faca no abdómen, na atual sofre de paralisia cerebral. Aliás, os espasmos dos paralíticos assemelham-se muito aos espasmos pré-morte de quem morre por um golpe de faca no abdómen. Quem morreu no passado por arma branca ou de fogo sente, na vida presente, dores sem causa nos locais dos ferimentos fatais. Frequentemente, tais locais no corpo estão assinalados por sinais de nascença visíveis e, por vezes (embora muito raramente), podem notar-se também cicatrizes na pele. Se o golpe foi na cabeça, a pessoa é constantemente atormentada por dores de cabeça incompreensíveis; se a ferida foi no coração, sofrerá de doenças cardíacas.

Assim, se na encarnação passada a pessoa foi um egoísta absoluto, não prestava qualquer atenção às desgraças e necessidades alheias e interessava-se apenas pelo seu próprio bem-

estar e diversões, nesta vida espera-a um castigo severo — pode nascer surda, muda ou cega.

As causas da morte passada de uma pessoa são mais fáceis de compreender observando-a na primeira infância. Por vezes, certas crianças perdem a cabeça quando alguém lhes toca ou lhes faz festas na cabeça. O mais provável é que, no passado, essa pessoa tenha morrido de um golpe na cabeça. Ou, por vezes, a criança não suporta de todo golas ou cachecóis e queixa-se constantemente de que estão demasiado apertados. Aqui pode-se supor que na vida passada foi enforcada ou estrangulada.

Uma vez que cada reencarnação pressupõe o aperfeiçoamento da alma, o nosso karma, que nos acompanha em cada nova encarnação, propor-nos-á uma série de situações com as quais não conseguimos lidar no passado. Tudo isto continuará até que a pessoa passe este teste da forma mais digna, mude as suas convicções e tome consciência dos seus erros. Estas mesmas leis aplicam-se a todo o tipo de doenças que por vezes se abatem sobre nós. Contudo, por vezes não é fácil determinar que karma levou a esta ou àquela doença. Por vezes acontece que a pessoa não possui apenas um karma, mas uma combinação deles. Na Índia, acredita-se que tal estado de coisas provoca uma doença como a epilepsia.

Por exemplo, se uma pessoa foi no passado um grande glutão e nem sequer tentou limitar-se nesse vício, não ajudando os famintos e os pobres, nesta encarnação sofrerá de diabetes. Ou se a pessoa foi anteriormente um ladrão, provavelmente na vida presente sofrerá de escrofulose ou gastrite. Uma pessoa imoderada no vinho ou noutras bebidas inebriantes e ervas narcóticas, muito provavelmente sofrerá agora de doenças do fígado, vasos sanguíneos, estômago e intestinos. Com o subdesenvolvimento do cérebro e do sistema nervoso será castigada a pessoa que, no

passado, usou a sua inteligência em prejuízo de todos os que a rodeavam, manipulou pessoas e fomentou discórdias e conflitos.

O «Livro Tibetano dos Mortos» descreve o processo do julgamento supremo, que faz o balanço de toda a vida terrena do homem. Portanto, a nova encarnação de cada pessoa depende de como ela viveu a sua vida, que atos praticou: se seguiu o caminho reto, se lutou contra tentações e seduções ou se cedeu aos seus vícios e pecados.

Assim, ao praticar o bem, o homem pode gradualmente ultrapassar os limites da lei cármica. Na «Jammanada», textos das sagradas escrituras orientais, diz-se: «O ódio não é vencido pelo ódio; o ódio é vencido pelo amor. Amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem». Estas palavras ecoam as palavras de Jesus: «Eu, porém, digo-vos: Não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra» (Mat. 5:38-42).

Os budistas e lamaístas não se entregam a uma dor inconsolável quando morre algum dos seus entes queridos; pelo contrário, alegram-se por ele, pois a sua alma, ao deixar o corpo perecível, em breve renascerá de novo em melhores condições (se, claro, a pessoa levou uma vida justa). E, de facto, em experiências realizadas nas universidades da Carolina do Norte, Wisconsin e Califórnia, verificou-se que nos budistas a atividade do centro de prazer é muito superior à dos representantes de outras religiões.

No entanto, tudo o que foi exposto acima não passa de uma das teorias sobre o que aguarda o homem após a morte. E embora ultimamente encontre cada vez mais adeptos e mais pessoas confessem que recordam alguns eventos da sua vida passada, existem também muitos que rejeitam a teoria da reencarnação. Entre eles encontram-se, nomeadamente, os representantes das religiões ortodoxas judaica e cristã.

As pessoas já desde a Antiguidade compreendiam que, por tudo o que fizessem na vida, tanto o bem como o mal, haveria uma retribuição. E hoje nem todos seguem visões ortodoxas. Assim, por exemplo, a ideia da reencarnação está presente na Cabala, e a prova disso são as palavras de uma oração: «...a cada um que causou a minha ira ou irritação nesta encarnação ou em quaisquer outras».

Propriamente dito, o ensinamento cabalístico explica de forma bastante clara a ordem das coisas existente. Por exemplo, um dos monumentos do ensinamento cabalístico, o «Sefer ha-Bahir», surgido por volta de 1176, explica assim as leis da reencarnação:

Pergunta: «Por que prosperam os malvados e os justos sofrem o mal?» Resposta: «Porque o justo foi malvado no passado e agora carrega o castigo». Pergunta: «Então, ele carrega o castigo por atos cometidos na infância?» Resposta: «Não falo da sua vida atual. Falo daquilo que ele já foi antes».

Este diálogo, sem qualquer dúvida, nada mais é do que uma reflexão sobre o karma e as suas leis.

No que diz respeito ao cristianismo, existe uma versão segundo a qual o cristianismo primitivo conhecia a ideia da reencarnação e a partilhava, e apenas no V Concílio Ecuménico, realizado em 553, foi decidido renunciar oficialmente a ela. No entanto, não é assim. Em lado nenhum nos escritos dos primeiros cristãos se menciona a ideia da reencarnação. Também não se falou dela no V Concílio Ecuménico.

Considera-se que o famoso pensador cristão Orígenes de Alexandria defendia a ideia da transmigração das almas, e que foi precisamente o seu ensinamento e ele próprio que foram anatematizados no referido concílio. Mas isto não corresponde à realidade: Orígenes não ensinava a reencarnação, mas sim a ideia da preexistência da alma, que expunha como hipótese.

Mas, apesar da posição da Igreja oficial, que nunca partilhou o ensinamento da reencarnação, este acabou por surgir posteriormente no cristianismo. Assim, no século VII, expressou-se na crença dos paulicianos — uma seita herética que se difundiu na parte oriental da Europa. No século X, as ideias paulicianas foram apoiadas na Bulgária, onde durante bastante tempo existiu a seita dos bogomilos.

Na Itália e na França, na Idade Média, formaram-se também várias associações religiosas cujos membros eram chamados cátaros. Nos tempos do auge da Inquisição, no século XII, as seitas que pregavam os dogmas da reencarnação passaram à clandestinidade, pois por tais ideias podia-se parar numa câmara de tortura ou até na fogueira.

Nos séculos seguintes, a crença na encarnação das almas enraizou-se ainda mais firmemente na consciência das pessoas e, até ao século XIX, as ideias da reencarnação foram preservadas e desenvolvidas por alquimistas, rosa-cruzes, maçons, hermetistas e cabalistas. No início do século XIX, o arcebispo polaco Passavalli empreendeu tentativas de introduzir os dogmas da reencarnação no catolicismo. Ele teve até seguidores — alguns clérigos italianos que partilhavam a sua hipótese.

As ideias da reencarnação foram e são partilhadas por pensadores e figuras criativas proeminentes como Carl Jung, Daniil Andreev, Aldous Huxley, as cantoras Tina Turner e Madonna, o cantor Demis Roussos, os atores Keanu Reeves e Sylvester Stallone, etc.

Atualmente, alguns cientistas e investigadores estudam questões da transmigração das almas. Os mais progressistas realizam investigações no Oriente. Na verdade, muitos segredos são guardados nos templos do Tibete, Índia e Paquistão — segredos sobre o próprio ser humano e a humanidade em geral, sobre a

criação e a estrutura do Universo. O lamaísmo e o budismo são o baluarte do ensinamento sobre o samsara, e não é por acaso. A história destes países é muito antiga e guarda muitos segredos e enigmas. O Tibete atrai especialmente os europeus pela sua cultura invulgar, religião e via especial de desenvolvimento.

O lama-médico e autor do livro «O Terceiro Olho», T. Lobsang Rampa, descreve assim o seu país natal: «Poderão pensar que o Tibete, no qual não há vitrais, telescópios nem espelhos, é um país estranho. Mas o nosso povo não se sente de modo algum infeliz por causa disso. Recusa igualmente a roda. A roda serve a velocidade, ou seja, a civilização. Estabelecemos há muito que a vida de negócios é tão frenética que não deixa tempo nenhum para o conhecimento do espírito.

O nosso mundo físico desenvolve-se lentamente para que os nossos conhecimentos esotéricos, conhecimentos sobre o secreto e o oculto, se acumulem e também se desenvolvam. Durante milénios penetrámos nos segredos da clarividência, telepatia e outras ramificações da metafísica. De facto, alguns lamas, por exemplo, podem, despindo-se completamente, sentar-se num frio terrível sobre a neve e, pelo poder do pensamento, derretê-la sob si mesmos, mas nunca o farão para diversão de quem procura sensações fortes.

Um verdadeiro especialista em ciências ocultas no Tibete não revelará ao seu discípulo todos os segredos enquanto não se certificar das virtudes do discípulo e do seu direito moral de conhecer esses segredos. Por isso, as forças e os segredos da metafísica nunca são banalizados entre nós».

Assim, no Tibete, as pessoas compreendem o significado e a importância de momentos como o nascimento e a morte do homem. Pois sabem que, tal como a morte é um teste complexo para a alma, também o aparecimento da criança no mundo pode

causar-lhe um trauma psicológico sério. Por isso, por exemplo, no Nepal, a futura mãe prepara o seu filho ainda por nascer para o seu primeiro teste na vida. Nisto ajudam-na orações especiais — instruções de lamas-médicos. A criança, no momento do nascimento, experimenta um stress colossal: sente medo, desconforto, vê-se num mundo novo para ela, entre imagens, sons e odores desconhecidos. Os seus pulmões começam a funcionar, ela começa a respirar, e isso também é stress, pois deparou-se com um ambiente novo para ela.

No Tibete, acredita-se que a criança começa a gritar logo após o nascimento também porque a sua alma compreende que regressou novamente a este mundo de fardos, trabalhos, sofrimentos e dor. Por isso, a criança é consolada de uma forma muito peculiar: leem-lhe textos especiais que dizem que ela regressou à vida terrena para aperfeiçoar o seu espírito, para aspirar ao que não conseguiu alcançar em encarnações passadas; e é possível que não se demore muito aqui se conseguir cumprir rapidamente tudo o que lhe está destinado e, então, morrerá cedo, o que, claro, é bom, porque então a alma poderá aparecer mais depressa numa encarnação mais perfeita.

Contudo, também os nossos médicos sabem que o próprio nascimento é um teste sério, não só para a mãe, mas também para a criança. As consequências do stress vivido podem repercutir-se na criança, especialmente em partos difíceis. Uma criança que tenha sofrido asfixia ao nascer pode vir a ter um medo pânico de espaços fechados, de locais exíguos e abafados.

Na fase de lactante, estas crianças costumam expressar o seu protesto com um grito alto se forem envolvidas em panos de forma apertada ou, sobretudo, se lhes cobrirem a cara com qualquer coisa. Ao crescerem, recusam-se, mesmo com frios intensos, a cobrir a boca ou o nariz com um cachecol, embora se constipem com

frequência. É melhor envolver tal criança no desporto; isso fortalecê-la-á e torná-la-á mais confiante em si mesma, ajudando-a a libertar-se de todo o tipo de medos.

Como já foi dito acima, as crianças conservam frequentemente a memória da vida passada; com o tempo, as recordações costumam desvanecer-se e desaparecer. Frequentemente, os pais não conseguem compreender o que inquieta a criança, por que razão ela reage de forma tão estranha a certas coisas. Por vezes, num menino ou numa menina manifestam-se inclinações e interesses bastante estranhos e inexplicáveis para os pais.

Por exemplo, uma criança de dois anos, nascida numa enorme metrópole e que nunca na vida viu um cavalo vivo, ao ver este animal pela primeira vez no circo, fica num entusiasmo tão indescritível que os pais se surpreendem. Pois, até então, durante o espetáculo, praticamente nada lhe interessara. Não se interessara pelos acrobatas, pelos palhaços divertidos, pelos leões ferozes e até os enormes elefantes apenas atraíram a sua atenção por um minuto. Mas com os cavalos foi um caso completamente diferente. A partir desse momento, bastava a criança ver a imagem de um cavalo na televisão ou numa revista para que a sua alegria não tivesse limites.

À medida que crescia, o interesse da criança pelos cavalos manifestava-se cada vez mais. Os pais não compreendiam, uma vez que outras crianças mostravam interesse por coisas completamente diferentes: o computador, automóveis, diversos jogos eletrónicos, futebol, etc. É possível que, na vida passada, a pessoa tenha amado muito estes animais nobres e que eles tenham significado imenso para ela. E esse amor não desapareceu nesta encarnação: ao olhar agora para os cavalos, a criança sente um calor e uma alegria invulgares, os mesmos que eles lhe proporcionavam no passado.

Do mesmo modo, pais perfeitamente comuns dão à luz crianças que, aparentemente, já desde a infância conhecem o seu destino. É

precisamente destas crianças que surgem grandes músicos, inventores, escritores, cientistas, comandantes militares, compositores, etc. Naturalmente, nem todas as crianças nascem com aptidões de génio. Da maioria dos bebés crescem pessoas apenas boas e honestas, que trazem benefício à sociedade, trabalhando para o seu bem. E, por vezes, é uma pena que na nossa sociedade não seja costume incutir nas crianças, desde o berço, a aspiração às verdades espirituais e ao autoaperfeiçoamento. Por outro lado, no Tibete, uma criança que mal começou a falar já memoriza as palavras do «Código de Conduta»:

- **O pensamento adequado** – é o pensamento livre de ilusões e de egoísmo;
- **A aspiração adequada** – é a aspiração que permite ter pensamentos elevados e intenções honestas;
- **A palavra adequada** – é a palavra que expressa bondade, respeito e verdade;
- **O comportamento adequado** – é o comportamento inerente a uma pessoa honesta, pacífica e não egoísta;
- **A vida adequada** – é a vida cuja regra fundamental é não praticar o mal contra o homem ou animal, uma vida que reconhece ao animal o direito a um tratamento igual ao do homem;
- **O esforço adequado** – é o autocontrolo e a busca constante de conhecimento;
- **A intenção adequada** – são os bons pensamentos e a justiça em tudo;
- **A inspiração adequada** – é a inspiração que traz a reflexão sobre o sentido da vida e a realidade da alma.

Capítulo 11

O FENÓMENO DA CLARIVIDÊNCIA

NUMA PERSPETIVA HISTÓRICA

Em todas as épocas, a atitude das pessoas em relação aos profetas foi ambivalente. Por um lado, procuravam-nos para conhecer o futuro, curar doenças, etc.; por outro, temiam-nos e, por vezes, até lutavam contra eles. Mas, mesmo assim, em diferentes tempos e em diferentes países, surgiam novos videntes, e as pessoas corriam para eles na esperança de ouvir que o futuro lhes reservava felicidade.

Clarividentes e vaticinadores existiram em todos os tempos. Assim, os judeus recorriam a videntes (como já mencionado anteriormente) ou a profetas. Acreditavam que, através dos profetas, Deus lhes transmitia a sua vontade.

Os romanos recorriam às sibilas para obter previsões. Era assim que se chamavam todas as profetisas na Roma Antiga. Não se sabe ao certo quantas sibilas participaram na redação dos famosos livros. Segundo alguns dados eram 10, segundo outros, 12.

Nos séculos II–I a.C., eram populares em Roma os chamados *Livros Sibilinos*. Tratava-se de coleções poéticas de previsões sobre o destino do Estado romano. Segundo a lenda, estes 3 livros foram entregues ao governante romano Tarquínio, o Soberbo (534/533-510/509 a.C.), pela vidente Sibila de Cumas. Os livros foram escritos em grego. O conteúdo dos livros era mantido em segredo e só era permitido consultá-los em casos particularmente complexos. Com base nas previsões contidas nestes livros, eram tomadas as decisões mais importantes. Com o tempo, as previsões das sibilas esgotaram-se e os *Livros Sibilinos* foram esquecidos.

Os gregos recorriam aos sacerdotes para obter previsões, os quais, acreditavam eles, expressavam a vontade dos deuses. Tais

vaticinadores eram chamados oráculos. Os mais famosos eram os oráculos de Dodona e Delfos. Os antigos egípcios também tinham os seus próprios vaticinadores.

Mas o vaticinador mais famoso do mundo deve ser considerado, provavelmente, Michel Nostradamos. A partir dos 19 anos, estudou medicina na universidade e em breve começou a praticar. Em 1542, eclodiu uma epidemia de peste em Lyon e Nostradamos participou na luta contra esta doença. Foi precisamente nesta altura que se manifestou o seu dom de previdência. Em 1550, começou a publicar as suas previsões em almanaques anuais.

A catástrofe de Chernobyl foi prevista por Nostradamos: «A cauda de um cometa terrível tocará a Terra. Pessoas que perdem o cabelo, a pele e os olhos, fogem em medo louco das profundezas do Borístenes».

Em 1555, Nostradamos lançou o livro intitulado *Profecias*. Depois disso, tornou-se muito popular tanto na sua pátria como fora dela. As profecias de Nostradamos consistem em quadras. No total, escreveu cerca de 700 profecias. Nostradamos previu o futuro não apenas para os seus contemporâneos. A sua última previsão deverá cumprir-se no ano 3797.

Nostradamos fez previsões para muitas personalidades famosas. Certa vez, foi convocado ao palácio do rei em Paris. Catarina de Médici pediu ao famoso vaticinador que contasse o destino dos seus filhos. Nostradamos viu que dois deles morreriam pouco depois de subirem ao trono. Mas não disse isso à rainha. Disse apenas que cada um dos seus filhos se tornaria rei.

Ao rei Henrique II, fez uma previsão mais pessimista sobre um duelo perigoso, após o qual o rei ficaria cego e morreria. E assim aconteceu: num dos torneios anuais de cavaleiros, o rei desafiou

para um duelo o conde de Montgomery. Durante o combate, a lança do conde quebrou-se, um fragmento atingiu o olho esquerdo do rei e este morreu pouco depois.

Existem informações segundo as quais John Dee estudava o futuro com a ajuda de um cristal mágico — uma bola de cristal. Ele afirmava ter visto no cristal o anjo da luz Uriel, uma menina-elfo chamada Madina e o anjo Ave, que respondiam às suas perguntas sobre o futuro.

Noutras profecias, Nostradamos previu a sangrenta Noite de São Bartolomeu a 24 de agosto de 1572, a Grande Revolução Francesa de 1789–1794, a execução de Luís XVI na guilhotina, a execução do rei Carlos I, a morte de Maria Antonieta, o terrível incêndio de Londres em 1666, o destino de Napoleão, a revolução na Rússia em 1917, o destino do último czar da Rússia, a Segunda Guerra Mundial, o bombardeamento nuclear de Hiroxima e Nagasáqui, a catástrofe de Chernobyl, etc.

As profecias de Nostradamos continuam a ser um mistério para as pessoas até hoje. Muitos dedicam-se ainda hoje à sua interpretação.

Um dos videntes mais enigmáticos da sua época foi John Dee. Na corte de Isabel I, chamavam-lhe os «olhos secretos da rainha». John Dee estudou em Cambridge e, após concluir a universidade, continuou a estudar matemática e astronomia. Tendo-se tornado um cientista proeminente (Carlos V recebia lições de geometria dele), interessou-se pelo ocultismo.

John Dee considerava Cornelius Agrippa o seu mestre espiritual, cujo livro *Filosofia Oculta* se tornou o seu guia de cabeceira. O jovem cientista dedicou-se à alquimia e começou a realizar experiências secretas. A adivinhação chinesa também o atraía.

Após a morte de Eduardo VI, a sua filha Maria Tudor subiu ao trono. Ela convidou John Dee ao seu palácio para que ele lhe fizesse um horóscopo. Ele cumpriu a ordem e descobriu que o reinado de Maria seria curto e que ela morreria muito em breve. Por isso, John Dee decidiu aproximar-se da sua irmã Isabel, a quem estava destinado, como ele já sabia, subir ao trono no futuro. Isabel estava exilada na altura, mas John Dee encontrou forma de a visitar e informou-a de que em breve ela seria rainha. Assim começou a amizade deles, que durou muitos anos. Dee compilou o seu caderno de profecias, que assinava sempre misteriosamente como «Voo».

A carreira de John Dee como vaticinador da corte terminou com a morte da rainha Isabel. O rei Tiago I, que subiu ao trono depois dela, não acreditava no dom de John Dee.

Outro vaticinador famoso foi William John Warner. Quando o seu dom de clarividência se manifestou, ele mudou de nome, tornando-se o Conde Louis Hamon. Por vezes, usava o pseudónimo de Cheiro. Esta palavra pode ser traduzida do latim como «mão». O Conde Louis Hamon não apenas previa o futuro, mas também lia as mãos.

Além da clarividência, Louis Hamon dedicou-se à ciência. Em 1930, em Hollywood, fundou uma escola de metafísica. O Conde Louis Hamon nasceu em 1866 numa localidade perto de Dublim. Já aos 10 anos escreveu um livro sobre quiromancia. Mais tarde, mudou-se para Londres, onde se dedicou à previsão do futuro. A fama chegou-lhe com a previsão a Arthur James Balfour de que este ocuparia o cargo de primeiro-ministro de Inglaterra. Depois de a previsão se cumprir, Arthur e Louis tornaram-se bons amigos.

Oscar Wilde visitava frequentemente o Conde Louis Hamon. Ao famoso escritor, Louis Hamon previu grandes problemas daí a 7 anos, os quais só poderia evitar se mudasse o seu estilo de vida. Oscar Wilde não levou a sério as palavras do vaticinador e,

exatamente 7 anos depois, foi preso sob a acusação de homossexualidade e encarcerado. Todos os amigos lhe voltaram as costas, e ele tornou-se um pária no seu país.

Mark Twain encontrou-se com o vaticinador em 1893. O Conde Louis Hamon prometeu-lhe riqueza daí a 10 anos. Em 1903, a sua previsão cumpriu-se.

O Lord Horatio Kitchener também visitou o famoso vidente. O Conde Louis Hamon profetizou-lhe uma carreira brilhante, que ele alcançaria por volta de 1914. Radiante, o Lord já se preparava para sair, mas Louis Hamon travou-o e disse-lhe para se esquecer das viagens marítimas, pois estas trariam desgraça. Seriam particularmente perigosas para ele as viagens quando o Lord completasse 66 anos.

Começou a Primeira Guerra Mundial e o Lord Horatio Kitchener ocupou, de facto, um alto cargo militar. A sua carreira ascendeu. Quando chegou o ano de 1916, o Lord foi convidado para um encontro com Nicolau II. Horatio Kitchener lembrou-se do aviso do vidente, mas negligenciou-o e partiu para o encontro por mar. Aconteceu a desgraça – o navio do Lord bateu numa mina alemã.

Em 1900, o Xá da Pérsia condecorou o Conde Louis Hamon com a Ordem do Leão e do Sol. Alguns meses antes, o Conde salvara-lhe a vida ao prever o perigo que ameaçava o Xá durante a visita à Exposição de Paris. Foram tomadas medidas de precaução adicionais e a vida do Xá foi salva.

A profecia ao Rei de Itália, Humberto I, não foi tão bem-sucedida. Apesar de o Conde Louis Hamon ter avisado o Rei de que este seria assassinado daí a 3 meses, não foram tomadas medidas, e Humberto I foi morto a tiro pelo anarquista Gaetano Bresci.

Em 1902, o Rei de Inglaterra Eduardo VII recorreu ao vaticinador com o pedido de calcular um dia favorável para a sua coroação. O

Conde Louis Hamon determinou o dia, mas avisou o Rei de que este viveria apenas até aos 69 anos.

Através do Rei de Inglaterra, o Conde Louis Hamon conheceu Nicolau II. Foi ele quem previu ao czar russo a revolução de 1917. Mais tarde, Nicolau II convidou o Conde a visitar a Rússia e, lá, Louis conheceu Grigori Rasputine, a quem previu um fim próximo.

O Conde Louis Hamon era um conhecido próximo de Mata Hari. À famosa espiã e bailarina, previu um destino triste – a morte em 1917. E assim aconteceu: Mata Hari foi fuzilada por espionagem.

Além das previsões privadas, o Conde Louis Hamon previu a Primeira Guerra Mundial, a Guerra dos Bôeres, a revolução chinesa, a ascensão de Israel e o regresso dos judeus à Palestina, a Grande Depressão da década de 1930, o regime ditatorial em Espanha, a proclamação da independência da Índia, etc.

O vaticinador mais popular do século XX é considerado, por direito, Edgar Cayce. Nasceu no Kentucky em 1877. Aos 21 anos, Edgar Cayce perdeu a voz. Nenhum medicamento conhecido na altura ajudou, e ele recorreu à ajuda de um hipnotizador. Durante a hipnose, Edgar falou, mas, ao acordar, voltou a não conseguir pronunciar uma palavra. Uma segunda sessão ajudou mais; em estado de hipnose, Edgar Cayce ouviu uma voz que lhe dizia como se poderia curar.

Mais tarde, Edgar seguiu este conselho e, de facto, recuperou a voz. Passado algum tempo, o hipnotizador e Edgar decidiram repetir a experiência. Durante a sessão, o hipnotizador perguntou a Edgar Cayce já sobre a sua própria doença. Edgar Cayce, após ouvir os sintomas da doença sob hipnose, deu-lhe nome e prescreveu o tratamento. Passado algum tempo, sob hipnose, Edgar Cayce prescreveu a uma menina de cinco anos um tratamento que também se provou eficaz. No total, ajudou mais de 30 000 pessoas.

Mais tarde, Edgar Cayce conseguiu não só ajudar pessoas doentes, mas também prever o futuro, bem como olhar para o passado. Várias vezes falou da lendária Atlântida. Segundo as suas palavras, esta foi destruída em resultado de três cataclismos ocorridos no período entre 15 600 e 10 000 a.C.

Primeiro, a Atlântida dividiu-se em 2 partes, parte do seu território foi inundada e, depois, toda ela ficou debaixo de água. Segundo Edgar Cayce, os cataclismos ocorreram em resultado da invenção pelos atlantes de um dispositivo para focar e utilizar a energia solar. Após os dois primeiros cataclismos, parte da população emigrou para a América e a Europa; é precisamente por isso que os habitantes de diferentes continentes têm tantos traços comuns.

Além disso, Edgar Cayce previu a morte de dois presidentes – Theodore Roosevelt e John Kennedy, o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, o sismo na Califórnia, a erupção do Etna, etc.

Outro clarividente, Alan Vaughan, não apenas previa eventos futuros, mas também tentava compreender a natureza do seu dom único. Em 1973, publicou o livro *Modelos de Profecias*, no qual analisa várias hipóteses interessantes relativas ao seu dom. Entre as previsões concretizadas de Vaughan incluem-se o acidente da *Apollo 13*, o assassinato de Robert Kennedy, etc. Também previu o famoso caso Watergate: «Em breve eclodirá um escândalo financeiro ligado a Wall Street e à comitiva de Nixon».

Já foi mencionada anteriormente Jeane Dixon, a vidente americana. Nasceu em Medford em 1918; mais tarde, a sua família mudou-se para a Califórnia. Em 1926, Jeane consultou uma cigana, que disse: «Esta menina tornar-se-á muito famosa. Ela poderá prever eventos mundiais – possui um dom profético». Depois, a cigana levou a menina até uma bola de cristal e perguntou-lhe o que via

nela. Jeane contou detalhadamente. A cigana deu-lhe a bola e disse sobre a visão na bola: «Esta é a minha pátria».

Assim, Jeane começou a fazer previsões, olhando para o futuro através da bola de cristal. Ao seu irmão Ernie Pinkert, profetizou um futuro de atleta, o que também se cumpriu. Certa vez, Jeane encontrou-se com Carole Lombard, esposa do ator Clark Gable. Olhando-a fixamente nos olhos, Jeane disse: «Não deve viajar de avião para lado nenhum nos próximos 6 meses». Carole não deu grande importância às suas palavras e, passados poucos dias, morreu num acidente de avião.

Jeane também conseguiu salvar o seu marido de um acidente aéreo. Dixon deveria voar para Chicago. Na véspera, Jeane pediu-lhe em lágrimas que desistisse do voo. O marido ouviu-a e foi de comboio. O avião não chegou a Chicago, despenhando-se pelo caminho. Nenhum dos passageiros sobreviveu.

Os contemporâneos chamavam a Edgar Cayce o profeta adormecido, porque todos os seus conselhos eram dados em estado de transe.

Muitas das coisas que Jeane Dixon previa concretizaram-se em breve: a catástrofe da *Apollo 1*, a vitória nas eleições presidenciais de Harry Truman, Dwight Eisenhower e Richard Nixon, a derrota de Winston Churchill nas eleições, o assassinato de Mohandas Gandhi, o suicídio de Marilyn Monroe, a revolução na China, o assassinato de Martin Luther King, John e Robert Kennedy, o casamento de Jacqueline Kennedy com Aristóteles Onassis, etc.

Uma das suas previsões mais famosas é esta: «Uma criança nascida algures no Médio Oriente a 5 de fevereiro de 1962, após as 7 horas da manhã, revolucionará o mundo. Antes do fim do século, trará esperança à humanidade, lançará as bases para o

neocristianismo» (I. M. Smirnova. *Clarividência – rutura no tempo e no espaço*).

Um dos clarividentes modernos mais famosos é Hasan al-Sharani. Há algum tempo, previu a morte da princesa Diana, o assassinato do primeiro-ministro de Israel Yitzhak Rabin, a Guerra do Golfo e muito mais.

Muitas das suas previsões estão a cumprir-se agora, outras dizem respeito ao futuro. Eis uma das suas profecias: «Em muitas regiões do globo continuará o derramamento de sangue. No Iraque, a resistência às tropas americanas aumentará significativamente, e estas ver-se-ão numa situação ainda pior do que no Vietname. Ocorrerão atentados terroristas no país e, em resultado de um deles, morrerão simultaneamente centenas de soldados dos EUA. Além disso, ocorrerá um atentado terrorista em alguma das cidades costeiras dos EUA, e os cidadãos deste país forçarão o seu governo a fazer uma declaração sobre a retirada das tropas do Iraque» (de uma entrevista para a estação de televisão Al-Arabiya).

Na sua opinião, em 2006, todos os meios de comunicação mundiais transmitirão a declaração mais escandalosa do século passado. Esta mensagem, como ele diz, abalará o mundo inteiro. Hasan al-Sharani está convencido de que «os atentados de 11 de setembro de 2001 em Nova Iorque e Washington foram planeados pelos serviços de inteligência americano e israelita».

Em resultado disso, aumentarão os ataques ao presidente George Bush e ocorrerá até um atentado contra a sua vida. Salvar o presidente, na opinião de Hasan al-Sharani, não será possível – ele morrerá. Também Hasan al-Sharani profetiza a morte por doença grave ao presidente do Iraque Saddam Hussein e um infortúnio para Ariel Sharon: «Ariel Sharon terminará o ano de 2006 numa cadeira de rodas, e aquele que vier a substituí-lo derramará muito sangue».

Hasan al-Sharani «viu» o atentado de 2005 em Londres, a morte do Papa João Paulo II e de Yasser Arafat. Também prevê atentados terroristas em França e grandes distúrbios na Alemanha, a morte do cantor Johnny Hallyday, inúmeras epidemias e cataclismos naturais.

Podem-se recordar muitos outros casos em que pessoas comuns adquiriram subitamente o dom de ver o futuro: Joana d'Arc previu a Carlos VII que em breve ele seria rei de França e seria coroado em Reims; o escritor e filósofo Jacques Cazotte previu a Grande Revolução Francesa e as inúmeras vítimas que esta acarretaria; Rasputine avisou a czarina russa Alexandra Feodorovna de que, se algo lhe acontecesse, no prazo de 6 meses o czar perderia a coroa e o seu filho morreria (o que se cumpriu).

Mas, ainda assim, ao comparar as capacidades de Vanga com as capacidades dos restantes «colegas», a sua singularidade torna-se evidente. Nenhum deles desenvolveu o seu dom de forma tão profunda como ela: alguém podia prever o futuro, alguém podia ver o presente, alguém podia ler pensamentos, e Vanga era capaz de tudo isso; e para a previsão do futuro ela não necessitava nem de bola de cristal, nem de adivinhação chinesa, nem de estudo de astrologia.

Capítulo 12

O CAMPO ENERGOINFORMACIONAL.

O FENÓMENO DE VANGA

SOB O OLHAR ATENTO DOS CIENTISTAS

Ultimamente, tem sido cada vez mais utilizada na imprensa a expressão «campo energoinformacional».

Entre os cientistas, é costume utilizar o termo «noosfera» (do grego — «esfera da razão»). Este termo foi proposto pela primeira vez pelos cientistas P. Teilhard de Chardin e E. Le Roy no início do século XX. Foi então que se expressou pela primeira vez a ideia de que a Terra está rodeada por uma espécie de esfera «pensante», cuja existência e desenvolvimento estão indissociavelmente ligados à consciência de todos os homens e de cada ser humano em particular.

Na URSS, esta teoria foi desenvolvida por V. I. Vernadsky, sendo que, na sua interpretação, a noosfera deveria ser considerada o novo estado evolutivo da biosfera, ligado ao desenvolvimento da civilização (os seres humanos, ao desenvolverem-se e criarem tecnologia cada vez mais perfeita, obtêm uma capacidade cada vez maior de exercer influência sobre os processos naturais na Terra e, quanto mais alto o grau de desenvolvimento, mais forte se torna essa influência). Com o tempo, a noosfera poderá estender-se para além do globo terrestre, para o espaço cósmico.

O conceito de noosfera está indissociavelmente ligado ao conceito de campo energoinformacional da Terra. Acredita-se que cada pessoa possui o seu próprio campo energoinformacional, que contém todas as suas características e dados sobre o seu passado, presente e futuro. Alguns médiuns são capazes de sentir este campo e, assim, diagnosticar doenças, fazer previsões para o futuro, etc. Eles consideram que o campo de cada pessoa está ligado a outros

campos, e que todos os campos em conjunto formam um único campo energoinformacional. Nele contém-se também informação sobre o presente, futuro e passado de cada indivíduo e de todo o planeta em geral. Apesar da atividade intensa dos médiuns, a ciência oficial ainda considera isto apenas uma hipótese.

No entanto, Vanga possuía, ao que tudo indica, a capacidade de se ligar ao campo energoinformacional: de viajar no tempo tanto para o futuro e ver pessoas ainda não nascidas e eventos ainda não ocorridos, como para o passado e ver pessoas mortas há muito e eventos passados há muito, dos quais muitas vezes nem os historiadores sabiam.

Assim, todos os anos, a 15 de outubro, Vanga punha a mesa e convidava os parentes. Mas este dia não era para ela um dia de festa, e os presentes sabiam disso. O facto é que, antigamente, existiram nesta localidade povoações que pereceram devido à erupção de um vulcão. Vanga, em 1985, contou à sua sobrinha como isso aconteceu, bem como pormenores da vida daquelas pessoas: «Neste mesmo dia, há mil anos, ocorreu aqui uma forte erupção vulcânica.

Rios de lava inundaram uma cidade grande e rica, milhares de pessoas morreram no fogo. E as pessoas que viviam aqui eram altas e de porte altivo, muito bonitas; vestiam-se com roupas brancas que brilhavam com um reflexo metálico. Na cidade havia teatros e bibliotecas; mais do que outros bens, os seus cidadãos valorizavam a instrução, honravam profundamente a sabedoria e sentiam-se em pé de igualdade até com os reis».

«Pelo meio da cidade corria um rio azul, que levava as suas águas sobre um leito forrado de areia dourada. Neste rio batizavam-se os recém-nascidos, e as crianças cresciam saudáveis, transformando-se gradualmente em jovens de corpo robusto e espírito são... As principais portas da cidade eram adornadas com

grifos de asas douradas – os protetores da cidade. Não muito longe, erguiam-se três grandes templos: Santa Petka, Santa Mãe de Deus e São Pantaleão» (K. Stoyanova. «Vanga: confissões de uma vidente cega»).

A catástrofe aconteceu num passado distante; desde esse momento passaram-se já dez séculos, mas Vanga revivia-a todos os anos como se ela própria fosse testemunha, ouvisse os gritos das pessoas e visse a sua morte. Aos seus convidados, Vanga dizia: «Os abismos terrestres incandescentes respiram ainda agora; o seu hálito aquece a água mineral. Escutem, ouvirão certamente os suspiros de pessoas que morreram há muito. E eis que ouso pedir-vos, meus convidados: enquanto estivermos vivos, recordemos com uma prece silenciosa todos os que pereceram tão subitamente, na flor e na grandeza de uma vida terrena jubilosa» (K. Stoyanova. «Vanga: confissões de uma vidente cega»).

Este está longe de ser o único caso de viagem de Vanga ao passado. Viajar no tempo era para ela um ato tão natural como, para outros, ver um filme histórico. A diferença residia apenas no facto de Vanga ver eventos reais do passado, por vezes muito remoto. A distância do passado parecia não ter importância para ela; estes eventos, ao que tudo indica, eram-lhe tão compreensíveis como se estivessem a ocorrer no presente.

Mas interessava-lhe particularmente a localidade onde a própria Vanga residia – o vale de Rupite. Viajou repetidamente ao seu passado. Por vezes, contava o que via aos familiares e a alguns cientistas. Assim, disse mais do que uma vez aos próximos que, no lugar onde se ergue a sua casa, situava-se num passado longínquo um santuário.

Os cientistas realizaram escavações em Rupite e confirmaram que, no passado, ali viveram realmente pessoas. Encontraram moedas, fragmentos de cerâmica e muito mais. Entre os achados

estavam objetos de cultos religiosos, que servem de confirmação de que naquela zona existiam, de facto, muitos santuários.

Testemunha de uma dessas «viagens» foi Zdravko Petrov, um conhecido crítico literário búlgaro. Certa vez, um amigo convidou Petrov para fazer uma excursão de automóvel. Para esta viagem convidaram Vanga, cujas capacidades Petrov admirava, e a sua irmã. Partiram para a aldeia de Samuilovo, perto da qual ainda se conservam as ruínas de uma antiga fortaleza construída pelo czar Samuel. Naquela altura, realizavam-se na fortaleza escavações arqueológicas e trabalhos de restauro.

Esta viagem causou em Petrov uma impressão tão forte que, posteriormente, ele descreveu-a. As suas memórias foram publicadas em 1975 numa revista búlgara. O crítico escreveu que quase todo o caminho seguiram em silêncio. Quando chegaram à fortaleza, o seu amigo saiu do carro e foi visitar os monumentos. Vanga, incapaz de ver o que quer que fosse, ficou no carro; a irmã também ficou com ela. Conversavam sobre algo, enquanto Petrov passeava por perto.

De repente, Vanga começou a falar inesperadamente alto, e Petrov percebeu que ela se dirigia a ele. Vanga comunicou que via os guerreiros do czar Samuel: acabavam de passar por ela. Notou que todos eles eram cegos e perguntou genuinamente a Petrov quem os tinha cegado. Petrov nada pôde responder: segundo as suas próprias palavras, não conhecia muito bem a história daquela época e só mais tarde veio a saber que eles tinham sido cegados por ordem de Basílio II.

Resulta, portanto, que Vanga, estando junto às ruínas da fortaleza, viu o que acontecia naquela localidade há vários séculos.

A cidade de Melnik despertava grande interesse em Vanga. Como já foi dito, ela gostava muito de visitar este lugar. «Tudo o

que me rodeia fala comigo – tanto as pedras, como as ruínas e as sombras. A cidade conta-me a história de séculos passados. Vejo pessoas mortas há muito, templos destruídos, casas construídas há milhares de anos», dizia ela.

«Aproxima-se o tempo em que a ciência fará grandes descobertas no campo do imaterial. Os cientistas poderão ler a informação sobre o dia de amanhã tanto do nosso planeta como do espaço próximo. Acreditem, os livros velhos e semi-esquecidos ajudá-los-ão muito. Com a sua ajuda, serão finalmente decifrados muitos mistérios antigos» (K. Stoyanova. «Vanga: confissões de uma vidente cega»).

Certa vez, estando na igreja de Melnik, viu pessoas esguias e belas, vestidas de brocado, e perguntou quem eram. Em resposta, ouviu: «Nós somos bizantinos». Posteriormente, perguntou a Petrov quem eram os bizantinos e ele, que conhecia a história de Bizâncio muito melhor do que a nacional, falou-lhe sobre eles e confirmou que os cientistas, no decurso de escavações, descobriram que na cidade viveram realmente bizantinos.

Vanga via também o que acontecia no presente, mas a uma distância de dezenas e até centenas de quilómetros da sua casa. Como exemplo, pode-se citar este caso: Vanga foi visitada por um homem que perdera o filho e desejava saber o seu destino. Vanga comunicou-lhe que via o seu filho: naquele momento ele estava sentado numa rocha alta, tinha nas mãos uma folha de papel na qual desenhava algo. O homem alegrou-se: se Vanga via o seu filho a desenhar, então ele estaria certamente vivo.

No entanto, a vidente não partilhava a sua alegria; pelo contrário, acrescentou que não podia dizer nada com mais precisão. Contudo, acrescentou que, passados 2 dias, o pai receberia notícias do seu filho. E assim aconteceu, mas estas notícias não foram alegres: o jovem foi encontrado debaixo da rocha de onde caíra ou

saltara. Ao seu lado jazia o desenho que fizera antes de morrer. Nele estava representado ele próprio, a cair da rocha.

Neste caso, Vanga viu o que acontecia naquele preciso minuto a uma enorme distância dela. Mas nada podia mudar, tal como não podia (ou não quis) dizer por que razão o jovem acabou por morrer.

Sobre o facto de Vanga também ver o futuro, já foi relatado detalhadamente acima. Contudo, com base em tudo o que foi exposto, impõe-se a conclusão: a Vanga eram acessíveis os segredos do passado, ela sabia tudo o que acontecia em diferentes pontos do globo no tempo presente e via o futuro. Parecia que sabia tudo e podia dar respostas a perguntas que os cientistas ainda não conseguem responder.

No entanto, não era assim, e a própria Vanga confessava-o: «Acontece de formas diferentes: às vezes vejo eventos antigos e pessoas que partiram para o outro mundo suficientemente bem, outras vezes pior. Devo dizer que nem sempre eu própria tenho curiosidade. Simplesmente sento-me sozinha e penso: „Meu Deus, o que não terá havido neste mundo! Quem me dera contar às pessoas! Seria bom, mas falta-me a habilidade"» (K. Stoyanova. «Vanga: confissões de uma vidente cega»).

Noutra ocasião, expressou-se de forma ainda mais categórica: «Eh, se eu soubesse, diria a todos e receberia o Prémio Nobel». Estas palavras testemunham que também para Vanga o mundo estava cheio de enigmas, mistérios, fenómenos estranhos e inexplicáveis.

E, no entanto, para a mulher cega da Bulgária os mistérios eram, com toda a probabilidade, em menor número do que para as restantes pessoas. Indica-o também o facto de as capacidades de Vanga terem despertado o interesse dos cientistas. Segundo o testemunho de Stoyanova, o primeiro a estudar o trabalho de Vanga foi Georgi Lozanov. Ele observava atentamente, registava factos

interessantes, sistematizava-os e, juntamente com os seus assistentes, tentava encontrar alguma explicação científica para as capacidades dela. Mas não o conseguia. Foi então que surgiu a expressão «fenómeno Vanga», pois a palavra «fenómeno» significa «acontecimento raro, invulgar». E esta palavra caracteriza com a máxima precisão as capacidades únicas de Vanga.

Quanto mais famosa se tornava Vanga, mais cientistas de diferentes países do mundo vinham para decifrar o seu segredo. Mas nada conseguiam e partiam de mãos vazias. Vanga dizia: «Não consigo dormir, porque durante a noite estive nos „pontos mais quentes" da Terra, vi cenas terríveis de guerra e de flagelos dos povos».

Também a sua sobrinha Anna, médica de profissão, tentou decifrar o mistério de Vanga. Parecia que, conhecendo Vanga desde a infância, lhe seria mais fácil compreender ao menos parte do que acontecia na sua casa. No entanto, por confissão própria, também ela não conseguiu dar qualquer explicação racional ao que sucedia: «A medicina clássica ensinou-nos que conhecer o homem, revelar todos os segredos da sua psique, é perfeitamente possível. Nem sequer se admitia teoricamente que nas profundezas da psique humana pudesse restar algo incognoscível.

E eis que a mim, muito orgulhosa da minha profissão de médica, a „ignorante" Vanga me derrubava facilmente da minha „firme posição materialista". Sabendo que ela não entende de medicina, nunca compreenderei como ela faz um diagnóstico sem erro. Vá lá, o diagnóstico. Mas como previa ela o destino? Pois as suas previsões cumprem-se com uma precisão literalmente fatal. E cheguei à seguinte conclusão: nós, os instruídos e inteligentes, não podemos de modo algum ser presunçosos, ter demasiado orgulho nos conhecimentos adquiridos. Nem sequer sabemos o que é o „conhecimento", não somos capazes de definir a escala do

„conhecimento“ em relação ao „desconhecimento“. Por outras palavras, ela apenas repetiu o famoso aforismo de Sócrates: „Só sei que nada sei“» (K. Stoyanova. «Vanga: confissões de uma vidente cega»).

Neste mesmo espírito se expressaram outros cientistas. No entanto, a muitos, especialmente aos cientistas materialistas, Vanga forçou a refletir sobre o facto de poderem estar enganados. Talvez, além do nosso mundo material e do tempo presente em que as pessoas vivem, haja algo mais, por enquanto fora do seu controlo; talvez o passado e o futuro sejam tão reais como o presente e se possa ter acesso a eles. Quem sabe, talvez cheguem tempos em que os segredos do passado estejam acessíveis às pessoas e o futuro deixe de ser para elas desconhecido. Provavelmente, não falta muito para isso, uma vez que o campo energoinformacional já está a ser ativamente estudado pelos cientistas. Isto não dará à humanidade respostas para todas as perguntas, tal como Vanga também não as sabia, mas provavelmente ajudará a subir mais um degrau no desenvolvimento.

Involuntariamente, recorda-se a misteriosa previsão de Vanga, feita por ela em 1989: «Em breve as pessoas começarão a encontrar nas ruas os seus parentes falecidos». Como interpretá-la – literal ou apenas como uma figura de estilo – ainda não é claro. Mas, talvez, ela se referisse precisamente ao facto de as pessoas poderem vir a espreitar o passado, onde os seus parentes falecidos ainda vivem.

Capítulo 13

VISÕES TRANSPESSOAIS MODERNAS SOBRE A DOENÇA E MÉTODOS PARA A SUA CURA MENTAL:

NÃO ELIMINAR OS SINTOMAS, MAS TRATAR A CAUSA

A medicina moderna considera tradicionalmente a doença como uma certa perturbação no funcionamento do nosso corpo físico. Na maioria dos casos, o tratamento orienta-se para a eliminação do conjunto de sintomas da enfermidade. E, de facto, as causas do aparecimento de muitas doenças graves são ainda desconhecidas para a ciência. É claro que a medicina não está estática: surgem variadíssimas hipóteses e realizam-se investigações científicas. E frequentemente os cientistas alcançam um sucesso palpável no tratamento desta ou daquela patologia.

Mas, apesar do predomínio de visões ortodoxas na medicina, agora, no século XXI, surgiram outras correntes não tradicionais. Apareceram cientistas e médicos que olham de outra forma para as causas das patologias e para a doença em si. Estas pessoas consideram que qualquer doença tem a sua origem no nível mental e só depois se manifestam todos os sintomas visíveis no corpo físico. Muitos artigos são dedicados a esta hipótese. As pessoas interessaram-se por estas novas visões e o interesse aumenta gradualmente tanto na Europa como no Novo Mundo.

Mas se os cientistas europeus só relativamente há pouco tempo começaram a considerar seriamente a doença como o resultado de uma desarmonia progressiva dos níveis subtis do homem, no Oriente tais visões eram adotadas desde tempos remotos. Assim, por exemplo, no Tibete o médico não inicia o tratamento enquanto não «vê» a causa real da doença.

E esta pode ser por vezes inesperada até para o próprio doente. Suponhamos que uma pessoa sofre de úlcera gástrica. A doença

desenvolveu-se durante um certo tempo, mas manifestou-se, como acontece frequentemente, de forma súbita. O curandeiro, possuindo certas competências e conhecimentos, estuda primeiro o «caminho» da doença, pois o doente terá de tratar-se não só no nível físico, mas também no espiritual. Caso contrário, como se acredita no Tibete, a doença não é curada, podendo apenas interromper-se temporariamente o seu desenvolvimento. Assim, estudada a anamnese da enfermidade, o médico chega a certas conclusões e, depois disso, realiza uma determinada sessão psicológica com o doente.

Esta sessão é necessária para que a própria pessoa compreenda a causa real da sua desgraça e chegue por si mesma à compreensão do que precisa de empreender para se livrar da doença. Assim, o curandeiro, tendo rastreado o «caminho» da malfadada úlcera, dá a entender ao seu paciente que a causa da doença reside no facto de o doente ter remoído durante muito tempo e com muita força uma oportunidade de vida perdida que poderia (na sua opinião) ter elevado significativamente o seu estatuto social e posição pública.

Mas, como a oportunidade foi perdida, a pessoa começou a culpar-se a si própria e até aos seus próximos pelo fracasso sofrido. E, acima de tudo, o paciente sofreu intensamente de forma interna, e isto durou mais do que um ano. Em resultado de tal estado interior, a pessoa simplesmente não notou outras excelentes oportunidades que a vida lhe oferecia e, além disso, ganhou uma úlcera gástrica.

Para se ajudar agora, este paciente terá de rever a sua atitude perante aquela situação antiga, sair dignamente daquele conflito emocional em que se mergulhou, e também realizar um trabalho espiritual sério de reavaliação dos seus valores e visões de vida. E só então o tratamento será bem-sucedido. Propriamente dito, é mais ou menos assim que os curandeiros da China, Índia, Tailândia, Coreia, Laos, etc., abordam o tratamento de diversas doenças.

Assim, tal abordagem ao aparecimento da doença pode chamar-se visão transpessoal. O psicólogo Ken Wilber interpreta o termo «transpessoal» como «mais do que pessoal». Este cientista considera que a abordagem transpessoal é a possibilidade de analisar de forma mais profunda, científica e minuciosa todo o espetro da experiência interna humana. E F. Vaughan e R. Walsh consideram que se podem chamar transpessoais as experiências que ultrapassam as fronteiras do sentido de identidade própria ou do self da personalidade e abrangem toda a humanidade em geral, todo o mundo, a vida, o Universo, o espírito, etc.

Deve-se dizer que esta nova direção na ciência surgiu nos EUA na década de 60 do século passado. Os fundadores desta direção foram cientistas amplamente conhecidos, psicoterapeutas, psicólogos, psiquiatras, filósofos – tais como A. Watts, A. Sutich, A. Maslow, M. Murphy, S. Grof e outros. Este problema atraiu cientistas e pensadores de vanguarda de diferentes países do mundo; os mais conhecidos entre eles são C. G. Jung, O. Rank, W. James, C. Rogers, C. Tart, F. Capra, S. Freud, W. Reich, K. Pribram, K. Wilber e outros. Na ciência russa também houve pessoas que se interessaram pelos aspetos do tema em estudo, nomeadamente V. V. Kozlov, P. S. Gurevich, E. A. Faydysh, V. V. Nalimov, V. V. Maykov.

Tendo estudado muitas fontes antiquíssimas – tais como livros chineses e tibetanos, tábuas de argila da Mesopotâmia e papiros egípcios – os investigadores chegaram à conclusão de que as pessoas na Antiguidade se ocupavam muito seriamente do problema da origem das doenças. Ou seja, compreendiam que, para livrar o paciente de uma enfermidade, era preciso saber a causa real da doença, sendo que tratar os sintomas era inútil. Assim, informações interessantes sobre a cura num passado remoto chegaram até nós do Antigo Egito (estão expostas por E. Ceram no livro «Colinas Bíblicas»). O sacerdote e, em acumulação, médico Hashemkhet descreve um caso complexo com que teve de se

deparar. Uma jovem nobre sofria de estranhas convulsões que, com o passar do tempo, se tornaram mais frequentes. Aparentemente, a doença surgira há relativamente pouco tempo e progredia vertiginosamente.

Médicos de diferentes templos propuseram-se tratar a jovem, mas ela só piorava. Em resultado, os seus pais recorreram a Hashemkhet; ele era, aparentemente, considerado na altura um dos melhores médicos em Kemet (Antigo Egito). No entanto, inicialmente, o sacerdote-curandeiro também sofreu um insucesso: a doença da paciente não queria recuar. A julgar pela descrição, passou bastante tempo antes que o médico compreendesse que a causa das estranhas convulsões residia no estado emocional da jovem. Hashemkhet encontrou a causa da enfermidade e concluiu que com os medicamentos e métodos de tratamento habituais daquela época não se podia ajudar a jovem.

E a causa era a seguinte: os pais da jovem, quando ela era ainda bebé, tinham acordado o seu futuro casamento com um jovem de uma família nobre e conhecida. Fora previamente estipulada a idade em que a jovem deveria contrair matrimónio. Mas, infelizmente, o noivo era «famoso» pelo seu caráter conflituoso e cruel; todo o nomo (província) sabia dos seus atos reprováveis. E a jovem, sabendo do destino que lhe fora reservado de se tornar esposa de um homem tão terrível, entrava em desespero. Adoecera quando faltavam poucos meses para o casamento.

A escritora americana Louise Hay, nos seus livros, falou de uma visão bastante interessante sobre a doença em si e as causas principais do aparecimento de enfermidades. Louise considera que todas as doenças ocorrem por causa de um desajuste emocional da pessoa consigo mesma. Se a pessoa não sente amor pelo mundo, pelas pessoas, por si própria, então aciona inconscientemente um terrível mecanismo de autodestruição. A escritora considera que,

apenas estando em harmonia espiritual com os que a rodeiam e consigo própria, se podem evitar problemas de saúde. O ser humano deve saber dar e receber amor.

Hashemkhet compreendeu que a jovem acionara, ela própria e de forma inconsciente, o mecanismo da doença. Sucedeu que a enfermidade salvava a sua paciente do casamento odiado. O médico falou com os pais dela e explicou-lhes: «A bondosa Ísis opõe-se à vossa escolha. E atingiu a vossa filha com a seta da enfermidade. O vosso escolhido praticou atos contrários à deusa, e difamou e insultou-a (à deusa) em lugar sagrado. A desgraça cairá sobre a vossa família se fordes contra a vontade da Sagrada Mãe!»

O curandeiro explicou aos pais da jovem a situação numa linguagem que lhes era compreensível. Eles, por sua vez, acreditaram em Hashemkhet e cancelaram o casamento, embora, pelas leis da época, tivessem tido de pagar à família do ex-noivo uma indemnização. E, coisa admirável – a doença da jovem passou imediatamente. Os seus pais convenceram-se mais uma vez de que não se pode contrariar a vontade de Ísis, e o sacerdote-curandeiro revelou-se um psicoterapeuta habilidoso. Mas, com certeza, a pessoa mais feliz nesta história foi a jovem curada.

É surpreendente, mas casos sensivelmente iguais são descritos no seu livro pelo psicólogo Ernest Tsvetkov. Verifica-se que a história antiga, acima descrita, é muito semelhante a muitos casos com os quais os médicos e psicólogos modernos lidam regularmente. Muitas vezes, as pessoas que vêm à consulta não compreendem, elas próprias, as causas dos seus problemas, e é bom quando o médico (psicoterapeuta) tem experiência e competência suficientes para perceber onde está a raiz do mal.

Eis o que diz Ernest Tsvetkov sobre isto: «Contudo, nas palavras com que os pacientes chegam até nós, nunca há verdade. As palavras que nos trazem não são tanto a verdade, mas sim uma

justificação. Porquê? Porque atrás dessas palavras o paciente tenta esconder a causa real do seu sofrimento, embora não o saiba, uma vez que tal processo ocorre de forma inconsciente» (Ernest Tsvetkov. «Encenação do Destino»).

Eis um caso da prática deste psicólogo. Veio à sua consulta uma jovem com um problema que a atormentava há mais de um ano. A mulher sofria de uma patologia do sistema respiratório, ou seja, sentia constantemente falta de ar, não conseguia respirar livremente. Parecia-lhe que tinha no peito uma espécie de limitador e, quanto mais tentava inspirar, pior o conseguia fazer. Inicialmente, a paciente consultou vários médicos, suspeitando de asma ou de outra doença semelhante, mas todas as análises mostravam que não havia doença. Algum dos médicos recomendou-lhe que recorresse a um psicólogo profissional; ela decidiu seguir o conselho sensato.

Tsvetkov realizou várias sessões antes de compreender a causa da estranha doença da paciente. Eis o que ele descobriu ao realizar uma sessão de hipnose: «Dá vontade de respirar mais fundo, mas é como se algo impedisse... Ou a caixa torácica não se expande mais, ou... não é claro... numa palavra, algo bloqueia a inspiração livre. Quero sentir maior liberdade. Mas, provavelmente, eu própria me impeço. Não é claro o que se passa comigo, mas acontece que eu própria me bloqueio. Não há liberdade interna em mim. Provavelmente, é isso que me irrita e me oprime».

A paciente tivera na infância e na juventude problemas graves com os pais, que eram autoritários e lhe incutiam as suas visões e valores de vida. A rapariga não protestava contra tal estado de coisas, embora sempre tivesse sonhado viver de forma independente. Quando finalmente se libertou da tutela dos pais e passou a viver sozinha (os encontros com eles eram muito raros), foi então que surgiu esta estranha doença. Naturalmente, a paciente não associava de modo algum a doença ao seu estado interno. E a

causa era que a rapariga se libertara, aparentemente, da influência opressora dos pais, mas não conseguira libertar os seus pensamentos e sensações dessa falta de liberdade habitual. Não conseguira reestruturar o seu mundo interior, que continuava num estado de opressão e exigia liberdade. Com o tempo, a rapariga superou o seu problema com a ajuda do psicólogo, e a sua doença desapareceu sem deixar rasto.

Igualmente interessante é outro caso descrito por Tsvetkov. Veio à sua consulta uma mulher que suspeitava ter cancro na garganta. Visitara inúmeros médicos, fizera uma quantidade incrível de exames de imagem e realizara todas as análises possíveis. Os médicos não encontravam doença, mas a mulher não estava inclinada a acreditar neles, pois sentia constantemente um nó na garganta e dores ao engolir. Propriamente, o próprio processo de deglutição causava-lhe problemas graves. A mulher veio à consulta do psicólogo apenas porque, segundo pensava, ele a ajudaria a resignar-se perante o inevitável e a aceitar o seu fado.

Inicialmente, a paciente resistiu ativamente a aceitar a ideia de que a sua doença não estava, na realidade, na garganta, mas na alma. Para ajudar a mulher, Tsvetkov teve de recorrer à hipnose. Após algumas sessões, apurou-se o seguinte: «O nó — sou eu. E eu impeço-me a mim própria. Eu própria me impeço de me aceitar (de me engolir). Faço esforços convulsivos para me empurrar, para me expulsar, para me tirar do ponto morto, mas as minhas ações resultam infrutíferas. Eu sou um nó. Eu, com a minha existência, impeço-me.

Eu própria me causo desgosto, perplexidade, tensão. Retenho involuntariamente em mim aquilo que pede para sair. Existo num conflito constante entre as forças que aspiram à libertação e as forças da supressão pessoal. Há em mim um emaranhado de contradições. Tudo isto me oprime, talvez seja preferível uma

explosão?» (Ernest Tsvetkov. «Encenação do Destino»). É evidente que aqui os comentários são supérfluos.

Em resultado, a paciente compreendeu que os seus problemas tinham origem no seu estado emocional. Em breve, livrou-se das dores de garganta sem causa. E tais exemplos são, no fundo, inúmeros; os psicólogos praticantes deparam-se com eles com bastante frequência. Muitas vezes, a pessoa não sabe como ou tem simplesmente medo de se ajudar a si própria. Perante uma qualquer enfermidade, a maioria das pessoas raciocina mais ou menos assim: «Qualquer mal-estar é sinal de doença.

Qualquer doença exige tratamento. Se eu não começar a tratar-me a tempo, corro o risco de deixar a minha doença avançar até às complicações, até à irreversibilidade. Se é que me podem sequer ajudar, então só o doutor me ajudará, e apenas um doutor muito bom, mas, em último caso, que seja um qualquer. Se eu violar a prescrição médica, as complicações serão ainda mais prováveis. Se eu tentar ajudar-me autonomamente, o mais certo é prejudicar-me ainda mais, de modo que já ninguém me poderá valer» (Vladimir Levi. «Há gente com sorte»).

Claro que nem sempre a salvação de quem se afoga é obra das mãos do próprio; muitas vezes a pessoa necessita realmente da ajuda de um especialista. Mas o que acontece mais frequentemente é que, antes de a doença se manifestar com toda a gravidade, o organismo avisa o ser humano com os mais variados sintomas. A maioria deles, regra geral, não se manifesta no início ao nível físico.

A pessoa pode ser atormentada por uma inquietação inconsciente, ansiedade, um sentimento de desconforto interior. Se a pessoa não prestar qualquer atenção a estes sinais e continuar a viver como vivia, então, muito provavelmente, passado algum tempo a doença dar-se-á a conhecer. E este já é, por assim dizer, o segundo

aviso. A maioria das pessoas nesta etapa compreende finalmente que não vale a pena esperar pelo terceiro.

Uma certa percentagem da população possui uma sensibilidade especial. Tais pessoas começam a sentir os sinais da doença que se aproxima antes mesmo de esta começar a desenvolver-se. É verdade que a maioria delas começa a afastar os pensamentos desagradáveis, acusando-se de hipocondria excessiva. E mal o fazem, pois dessa forma impedem o desenvolvimento da sua sensibilidade especial e intuição, que certamente lhes trariam muitos benefícios.

Ora, a verdade é que a pessoa pode lidar com a doença enquanto esta ainda não se manifestou ao nível físico, sem recorrer à ajuda de um médico ou bioenergetista. Frequentemente, tal pessoa, dotada de uma perceção ultrassensível dos impulsos do mundo subtil, nem suspeita de que pode lidar com muitos problemas na sua vida melhor do que as restantes pessoas. E para isso basta apenas escutar-se, confiar nas suas sensações internas.

Por exemplo, foi convidado para um banquete. A mesa está magnificamente posta, todos os presentes estão com excelente disposição. Você também se sentia perfeitamente bem até ao momento em que começou a refeição. E aí... E aí, tendo engolido apenas um par de colheres de uma salada bastante saborosa e bebido um gole de vinho, sente de repente um espasmo desagradável no estômago.

Começa a sentir uma ligeira pontada nas têmporas, a disposição vai-se estragando aos poucos. E o mais importante: não consegue compreender a causa de tal estado. Apenas uma coisa é clara: a mesa posta já não lhe abre o apetite, e o que deseja é apenas sair para respirar ar fresco. E agirá de forma absolutamente correta se der atenção ao seu estado.

Uma pessoa que está habituada a escutar a sua voz interior ou, se preferir, os sinais especiais do organismo, não ficará surpreendida quando no dia seguinte souber que metade dos convidados presentes no banquete teve uma intoxicação alimentar. Talvez algum produto estivesse acidentalmente deteriorado ou tenha calhado uma garrafa de vinho de má qualidade. Naturalmente, a primeira reação da pessoa será ter pena das pessoas intoxicadas, pois algumas delas poderão ter ido parar ao hospital. Bem, depois disso, vale a pena elogiar-se por, contra a lógica, ter acreditado nos estranhos sinais internos. Caso contrário, teria de passar, juntamente com os outros convidados, pelos sintomas desagradáveis da intoxicação.

Ou então outro exemplo. Numa das empresas há uma mudança de instalações. Os funcionários mudam-se para outro gabinete e cada um está preocupado em escolher o lugar de trabalho mais conveniente. A maioria deseja colocar as suas secretárias junto à janela, pois no inverno sente-se sempre falta de luz. O mesmo faz uma jovem funcionária; ela escolhe um lugar perfeitamente adequado e, em breve, os operários instalam ali a sua secretária. Parecia estar tudo bem, mas logo na primeira hora a rapariga começa a sentir desconforto. Aquele lugar já não lhe parece tão conveniente; pelo contrário, quanto mais tempo ali passa, sensações internas mais desagradáveis começa a experimentar.

Em resultado, a funcionária muda a sua secretária para longe da janela, para o canto mais recôndito do gabinete. Os seus colegas ficam surpreendidos; não compreendem por que razão deixa um lugar tão magnífico para se mudar para um canto escuro. E em breve o lugar junto à janela é ocupado por outra pessoa. Em pouco tempo o caso é esquecido, pois no escritório há sempre muito trabalho. Só voltaram a lembrar-se dele no outono, quando começaram os frios. A mulher que ocupara o lugar junto à janela, do qual a jovem funcionária desistira, adoeceu gravemente com uma

infeção renal provocada pelo frio. Acontece que, logo por baixo do parapeito, havia uma fenda impercetível à primeira vista, mas muito significativa, através da qual entrava constantemente ar frio. No verão, claro, isso não era percetível. A mulher que adoeceu foi para o hospital e esteve em tratamento durante bastante tempo. Tentaram tapar a malfadada fenda durante todo o inverno, mas só o conseguiram na primavera, quando mudaram a janela por completo. Quanto à jovem funcionária que preferira o lugar longe da janela, ela ficou, naturalmente, também surpreendida com tudo o que acontecera.

Por vezes, os sinais do mundo subtil que nos avisam de uma doença iminente podem chegar até nós através dos sonhos. Geralmente os sonhos não são recordados de forma clara e nítida; recordamo-los de manhã sob a forma de imagens e eventos vagos. Mas, por vezes, ao levantar-se de manhã, a pessoa dá por si a recordar o seu sonho noturno muito bem, recordando até as sensações que experimentou no sonho.

Frequentemente, após tais sonhos, a pessoa não se liberta de um sentimento de ansiedade inconsciente. A maioria tenta não dar grande importância a um sonho inquietante, esforça-se por esquecê-lo, e — como pensam alguns — mal o fazem. Frequentemente, no sonho, o nosso inconsciente envia-nos sinais persistentes, exige que prestemos atenção a este ou àquele aspeto da nossa vida.

Por vezes, certos sonhos têm tendência a repetir-se numa ou noutra variante. Uma pessoa dotada de uma perceção ultrassensível fará, muito provavelmente, alguma conclusão a partir disso, analisará os últimos eventos da sua vida, o estado da sua saúde. Por vezes, pessoas que se encontram num beco sem saída na vida encontram as respostas para as perguntas que as atormentavam precisamente no sonho.

A pessoa habituada a preocupar-se com a sua saúde e que sinta sintomas suspeitos tentará o mais depressa possível, sem esperar pelo desenvolvimento da doença, compreender o que se passa. Algumas recorrem até a médicos especiais — bioenergetistas, que também possuem uma sensibilidade especial e são capazes de detetar a doença e até de a curar muito antes de esta atingir o corpo físico do ser humano. Mas isto não é, afinal, tão simples como pode parecer à primeira vista.

Se perguntarmos a um bioenergetista como trabalha ele com o campo mental de uma pessoa, explicá-lo a uma pessoa comum será muito difícil. Cada bioenergetista tem a sua técnica, geralmente «de marca». O trabalho com os níveis subtis é, em qualquer caso, assunto que não é para amadores. E mesmo os profissionais, sem uma preparação específica, não se aventuram em tal prática.

É por isso que não vale a pena ceder aos inúmeros anúncios e arriscar a saúde indo a consultas de curandeiros que, no melhor dos casos, serão simples charlatães e, no pior, possuirão realmente algumas capacidades, mas não saberão como usá-las corretamente. Sem o desejar, pelo contrário, tentando sinceramente ajudar a pessoa que recorreu a ele, tal bioenergetista pode prejudicar gravemente o seu paciente. A intervenção no campo mental humano é coisa séria e não se deve brincar com isso.

Os médicos modernos, na sua prática, deparam-se com o facto de, por vezes, a patologia do paciente ter uma essência psicológica, ou seja, como dizem os médicos, o problema está na cabeça. Muitas vezes tais pacientes andam de médico em médico, regra geral sem resultados. Isto pode prolongar-se por anos, se não recorrerem a tempo a um especialista (psicólogo ou psiquiatra). O ser humano é um ser invulgar, e é difícil contestar isso. E distingue-se dos outros seres vivos não apenas pelo intelecto desenvolvido e pela habilidade de trabalhar com as mãos, mas sobretudo pelo seu conteúdo

espiritual. O mundo interior do homem é misterioso até para o próprio homem. Ou talvez apenas para o homem moderno?

Possivelmente, muitos concordarão que a humanidade se encontra agora numa etapa especial de desenvolvimento. Deve escolher corretamente o seu caminho e compreender que o homem e a natureza constituem um todo único. Ao destruir este equilíbrio frágil, destruímos a nós próprios.

As pessoas tentam decifrar o mistério da sua origem. Desde tempos antigos, diferentes povos do mundo possuíam mitos e lendas que tentavam explicar este enigma. Mas será que agora, no século XXI, nos aproximámos da solução? Há muitas teorias sobre este tema, e surgem cada vez mais. No entanto, provas absolutas nenhuma delas possui ainda.

Sobre isto escreveu também o cirurgião-oftalmologista Ernst Muldashev: «Há a opinião de que a semente humana foi trazida para a Terra por extraterrestres, mas por enquanto não temos nenhuns argumentos sérios a favor disso. Cada pessoa instruída já ouviu as lendas sobre os poderosos atlantes que viveram na terra em tempos imemoriais. Na literatura especializada (livros de Helena Blavatsky sobre as religiões orientais e outros), diz-se que antes de nós existiram na Terra várias civilizações cujo nível de desenvolvimento era significativamente superior ao nosso.

Talvez tenham sido precisamente os atlantes, que pereceram num cataclismo global, que deram origem à humanidade moderna? Talvez a misteriosa Shambhala, situada, segundo as lendas, também no Tibete, esteja implicada na origem tibetana da humanidade? Talvez esteja correta a teoria que afirma que o homem foi criado por Deus através do adensamento do Espírito e que, desenvolvendo-se historicamente sob a forma de civilizações multi-etapas, chegou aos tempos atuais?» (Ernst Muldashev. «De Quem Descendemos»).

Todas estas hipóteses não deixam de ter interesse, e talvez a verdade esteja por perto. Mas, por enquanto, quanto mais ativamente o homem tenta encontrar as suas origens, com mais enigmas se depara. Assim, também as investigações científicas de Ernst Muldashev na sua área levaram-no a investigações de escala global. O médico partiu com uma expedição para o Tibete para se aproximar da revelação do mistério da origem da humanidade. Os leitores familiarizados com os livros de Muldashev saberão certamente o que o forçou a ocupar-se de algo que, aparentemente, não era da sua área. No entanto, tanto para os cientistas como para os médicos modernos é claro que, por vezes, as raízes das mais variadas doenças residem mais profundamente do que estamos habituados a pensar.

Por vezes, surge entre os cientistas a opinião de que todas as doenças de que o homem sofre estão programadas nele próprio. Então, que estranho programa recebemos através dos genes dos pais, vindo de antepassados distantes? Os cientistas ainda não conseguem responder a estas perguntas. Talvez o programa seja acionado quando o homem se afasta dos parâmetros vitais para ele e para o que o rodeia. Como diz a sabedoria antiga: «Quando termina a harmonia, começa o caos».

E se o homem se afasta de uma existência harmoniosa com o mundo que o rodeia e consigo próprio, consequentemente, entra na zona do caos. Talvez, para evitar algo semelhante, esteja inserido em nós um programa de autodestruição. Possivelmente, atua aqui o princípio de que «tudo aquilo que viola a harmonia do mundo e da vida deve ser destruído, uma vez que constitui uma ameaça à ordem superior».

Claro que isto são apenas suposições. Mas não é disso que falam quase todos os ensinamentos e religiões do mundo? O homem é avisado, vindo do passado distante, de que não se pode

brincar com as leis do universo. Todos conhecemos estas leis, elas estão inseridas em nós a um nível intuitivo, e se alguém, por alguma razão, perdeu essa sensibilidade dada pela natureza, para isso existem as palavras dos livros sagrados. Milhões de pessoas recordam-nas desde a infância: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo». Por que é assim? Talvez o ódio, a raiva, o orgulho desmedido e a ganância sejam todos eles o caminho para o caos? Os ensinamentos orientais informam-nos de que o homem, no seu percurso, já perdeu muita coisa.

Por exemplo, capacidades invulgares que os nossos antepassados possuíam outrora. Assim, as últimas conquistas da ciência dão fundamento para avançar a hipótese de que, possivelmente, o terceiro olho existiu outrora nos seres humanos da antiguidade, e nos seres humanos modernos terá permanecido, provavelmente, sob a forma de um rudimento — a glândula pineal (epífise), situada no cérebro. «O terceiro olho era considerado o órgão da bioenergia humana (telepatia e outros) e, como narram as lendas, podia fazer prodígios — transmitir pensamentos à distância, atuar sobre a gravidade, curar doenças, etc.

E as mulheres indianas usam, possivelmente, a referida marca na testa como um símbolo de memória do órgão miraculoso» (Ernst Muldashev. «De Quem Descendemos»). O que mais poderemos perder se não escutarmos as mensagens dos antigos? Talvez a nós próprios? Pois é precisamente isso que muitos homens modernos sentem por vezes. Por vezes, o homem sente que, tendo-se perdido a si próprio outrora, passa a vida inteira apenas a tentar encontrar-se. E é bom se, afinal, se encontra.

LISTA DE FONTES UTILIZADAS

- Bíblia. Minsk, 2000.
- Entrevista de Vanga, registada por Anatoly Lubchenko
- Levi, V. L. *Domar o Medo*
- Smirnova, I. M. *Clarividência – Rutura no Tempo e no Espaço*. Moscovo: Interdialekt, 1994.
- Stoyanova, K. *Vanga: Confissões de uma Vidente Cega*. Moscovo: NPK Bezumnye Idei, 1990.
- Stoyanova, K. *A Verdade sobre Vanga*. Moscovo: Samotsvet, 1997.
- Assim Falou Nostradamos. Moscovo: Olma-Press, 2000.
- Holger Kalweit. *Quando a Loucura é Abençoada: A Mensagem do Xamanismo*